



IVIA MINELLI

**A FORÇA POLÍTICA NA GRANDEZA DAS
FORMAS: O SÉCULO XIX EM DIÁLOGO NAS
OBRAS DE SARMIENTO E HERNÁNDEZ**

CAMPINAS

2013



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

IVIA MINELLI

**A FORÇA POLÍTICA NA GRANDEZA DAS
FORMAS: O SÉCULO XIX EM DIÁLOGO NAS
OBRAS DE SARMIENTO E HERNÁNDEZ**

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do título de Mestre em História, na área de concentração Política, Memória e Cidade.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE/DISSERTAÇÃO DEFENDIDA

PELA ALUNA IVIA MINELLI E ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO

CAMPINAS

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
CECÍLIA MARIA JORGE NICOLAU – CRB8/3387 – BIBLIOTECA DO IFCH
UNICAMP

M662f	<p>Minelli, Ivía, 1985- A força política na grandeza das formas: o século XIX em diálogo nas obras de Sarmiento e Hernández / Ivía Minelli. -- Campinas, SP : [s. n.], 2013.</p> <p>Orientador: José Alves de Freitas Neto. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Sarmiento, Domingo Faustino, 1811-1888. 2. Hernández, José, 1834-1888. 3. Historiografia. 4. Cultura. 5. Literatura argentina. 6. Índios. I. Freitas Neto, José Alves de, 1971- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	---

Informação para Biblioteca Digital

Título em Inglês: The strength in the greatness of the forms: the 19th century in dialogue inside the oeuvres of Sarmiento and Hernández

Palavras-chave em inglês:

Culture
Historiography
Argentine literature
Indians

Área de concentração: Política, Memória e Cidade
Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

José Alves de Freitas Neto [Orientador]
Miriam Viviana Gárate
Iara Lis Schiavianatto

Data da defesa: 26-02-2013 **Programa de Pós-Graduação:** História

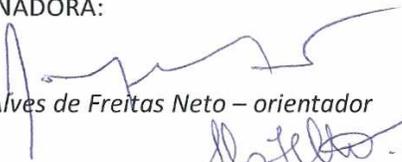
IVIA MINELLI

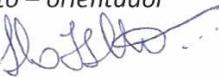
A força política na grandeza das formas: o século XIX em diálogo nas obras de Sarmiento e Hernández.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA IVIA MINELLI, ORIENTADA PELO PROF. DR. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO E APROVADA PELA COMISSÃO JULGADORA EM 26/02/2013.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto – orientador


Profa. Dra. Iara Lis Franco Schiavinatto – DH/IFCH/UNICAMP


Profa. Dra. Miriam Viviana Gárate – IEL/UNICAMP

Prof. Dr. Leandro Karnal – DH/IFCH/UNICAMP – suplente
Profa. Dra. Janice Theodoro da Silva – USP – suplente

**CAMPINAS
2013**

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Ivo Minelli e Maria de Fatima Zanelato, pela confiança e força de sempre, os quais se orgulharam desde o primeiro dia de aula em ter uma filha historiadora, incentivando meus pensamentos críticos e descobrindo, juntos, outras formas de encarar o mundo. Ao meu irmão, Dario Minelli, fico eternamente grata por ter provocado em mim o gosto pelo curso de História.

Agradeço ao meu amigo e marido Leandro Ribeiro Guimarães pelas noites mal dormidas, pelas discussões infundáveis, pelas crises compartilhadas, pelo constante, e às vezes, único cheiro de café pela casa e, mesmo assim, por ter a coragem e a sensibilidade de me escolher todos os dias da sua vida.

Agradeço à minha segunda família, Cida, Valdeir, Rodrigo, Mariana, Ana e Val pela paciência e apoio. Da mesma forma, sou grata às minhas irmãs de coração Miriam e Amanda e à minha madrinha Irene, por me ajudarem a encarar os pressupostos do dia a dia.

Sou grata aos companheiros de graduação e de descobertas acadêmicas Natália Tiso, Natália Campos, Fanny, Paty, Gabriella, Vinícius, Leonardo, Vitor e Luciana por nunca deixarem o assunto acabar. Pessoas que vejo pouco, mas que eu aprendi a amar para sempre. Aos amigos do grupo de América da UNICAMP, Andresa, Caio, Breno, Pavani, Priscila, Bruno, Marcos, Zezinho, Gabriel, Carol, Roberta, agradeço pelas longas conversas e pelos constantes encontros movidos pela desculpa latinoamericana.

Agradeço à Prof^a. Dr^a Mirian Viviana Gárate do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP por ter aberto sua casa para ingressar-me no universo da literatura gauchesca, quando a dissertação era, ainda, projetos incertos de uma aluna de graduação. Questões significativas à metodologia e ao conteúdo do trabalho surgiram na Linha de Pesquisa “Política, Cultura e Memória” do Departamento de História da UNICAMP, pelos quais gostaria de agradecer especialmente à Prof^a. Dr^a Izabel Marson. Sou muito grata aos Prof. Dr. Leandro Karnal e Prof^a. Dr^a. Iara Lis Schiavinatto pelas

imprescindíveis considerações na banca de qualificação, que me fizeram entender a importância de ser “generosa” com nossos leitores. Agradeço uma vez mais às Prof^a. Dr^a. Iara Schiavinatto e Prof^a. Dr^a. Miriam Viviana Gárate pela presença na banca de defesa da dissertação.

Agradeço ao meu competente orientador Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto por me ensinar a gostar do meu trabalho da melhor forma possível: com muita humildade, mediante um precioso círculo de amizade, com gotinhas de pretensão e com muita sensibilidade, a partir de sentimentos tanto críticos quanto pessoais. Obrigada pela confiança em mim, até mesmo quando eu própria a tinha perdido. Já usei muitas vezes a expressão “você não existe” para agradecer suas ajudas durante as orientações, mas não acho outras palavras para aqui descrever a satisfação da sua presença concreta na minha vida que, felizmente, vai além do universo acadêmico.

Por fim, agradeço ao CNPq pelo suporte financeiro que permitiu a realização dessa pesquisa.

ÍNDICE

RESUMO	11
ABSTRACT	13
INTRODUÇÃO.....	15
<u>CAPÍTULO 1</u> : Sarmiento e Hernández em diálogo: o universo da literatura gauchesca e o embate dos saberes no século XIX argentino.	23
<i>Facundo e Martín Fierro</i> : a força política na grandeza das formas	25
Documento literário e representação política: a disputa dos saberes.....	34
A literatura gauchesca e as distintas sabedorias	44
Criação artística e política argentina em debate: o <i>gaucho</i> e seu canto.....	50
<u>CAPÍTULO 2</u> : Um embate forjado: as reverberações de <i>Facundo e Martín Fierro</i> na história política e cultural argentina.	59
Sarmiento e Hernández e a composição do repertório político na historiografia	63
A cultura historiográfica e o jogo político argentino	77
<u>CAPÍTULO 3</u> : O indígena na trama oitocentista: o “ausente” e suas construções no debate historiográfico a partir dos discursos fundacionais de Sarmiento e Hernández	83
O indígena como vítima da sociedade <i>criolla</i> oitocentista	87
A incorporação cultural do indígena: a derrota cultural do elemento nativo.....	93
A busca por um novo lugar do indígena: indefinição histórica ou a-historicidade?.....	100
A literatura como proposta: o indígena e o resgate de sua historicidade.....	106
CONCLUSÃO.....	113
BIBLIOGRAFIA	121

RESUMO

O estudo do gênero gauchesco para a análise das obras de Domingo F. Sarmiento (1811-1888) e José Hernández (1834-1886), fundamentais na história da literatura argentina devido ao intenso debate que seus escritos promovem desde o século XIX, suscita a reflexão sobre as manifestações artísticas e estratégias discursivas desprendidas em *Facundo: civilização e barbárie* (1845) e *Martín Fierro* (1872/79), reveladoras de um fervoroso universo simbólico em meio às disputas políticas do período pós-independência. As diferentes acepções sobre *gauchos* e indígenas encontradas em cada texto são representativas da heterogeneidade dos projetos civilizacionais oitocentistas, diversidade esta que encontramos em Sarmiento e Hernández na análise de suas perspectivas sobre a intelectualidade argentina, a expressão política relativa ao campo e à cidade, os projetos e rumos civilizatórios para novo país, a adoção de símbolos nacionais, entre outras. Na abordagem aqui proposta, política e cultura se encontram e rompem as forjadas assimetrias entre esses dois autores, indicando na complexa formação do discurso nacional argentino o esforço de manutenção das premissas civilizacionais do século XIX dentre a historiografia até os dias de hoje. Dessa forma, deslocar as análises de *Facundo* e *Martín Fierro* com na inserção da temática indígena, por exemplo, é pensar as fissuras de um discurso que homogeneíza o passado da Argentina.

ABSTRACT

The studies of gauchesco literary gender to analyze Domingo F. Sarmiento (1811-1888) and José Hernández (1834-1886) oeuvres, which are the bed rock of Argentinean Literary, due to the intense debate that their writings allow since the middle 19th century, raise some reflections about the artistic out comes and the reasoning strategies used in *Facundo: civilization y barbarism* (1845) and *Martín Fierro* (1872-1879), both revealing a vivid symbolical universe during the post-independence political period. The different conceptions about gauchos and indigenous people found in each writing also represent the heterogeneity of 19th century civilizing projects, whose diversity is found in Sarmiento and Hernández's perspectives about: the Argentinean intellectuality, the political representation related to the countryside and the city, the civilizational directions to the fresh born nation, the usage of national symbols and so on. In this approach, culture and politics intersect themselves and clash the asymmetries forged between this two authors, pointing the complex formation of Argentinean national discourse and the effort in preserving the 19h century civilizational assumptions among historiography up to date. Thereby, displacing *Facundo* and *Martín Fierro's* analysis, by adding the indigenous thematic for instance, is thinking the disruptions in a discourse that standardize the Argentinean past.

INTRODUÇÃO

Uma abordagem em história argentina cujo tema envolva questões da política, da literatura e de *gauchos* pode ser nada inédita, mas sempre oferece discussões infundáveis pelo universo da cultura política num país tão preocupado em alinhar-se com os pilares do passado pós-independentista. O *caudillismo*, o romantismo, o modo de vida *gaucho*, as obras literárias são aspectos que poderiam soar clichês interpretativos por serem constantemente ressignificados e receberem novas abordagens numa vivência historiográfica, mas podem ganhar nova dimensão se refletirmos sobre os motivos que levariam à supervivência de tais escolhas temáticas mediante um século XIX que expressava a complexidade das legitimidades culturais e políticas durante o processo de fundação e organização do país independente.

A aproximação às obras de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e José Hernández (1834-1886), estudadas e revisitadas pelas mais diversas áreas das Ciências Humanas, o questionamento que muitas vezes me é imposto como inicial e crucial – por que partir *novamente* desses dois grandes nomes? – parece questionar a validade histórica dessa dissertação. Então, para responder a esse desafio é preciso nomear duas problemáticas teóricas que fundamentam a pesquisa: a impossibilidade de pensar o esgotamento de uma leitura crítica de *Facundo: civilização e barbárie* (1845) e de *Martín Fierro* (1872/79) e a necessidade de analisar uma postura historiográfica que condiciona a leitura dessas obras.

Vários trabalhos que se dedicam ao complexo ensaio de Sarmiento e aos versos fervorosos de Hernández enxergam nas referências dessas obras o caminho para a sua historicidade. As definições dos *gauchos*, as emaranhadas disputas entre Unitários e Federalistas, a grandiosidade do governo de Juan Manuel Rosas (entre 1829-52) e seus paradoxos, as demandas do trabalho *gaucho*, a expressão do canto gauchesco, os projetos civilizacionais, o debate envolvendo nacionais e estrangeiros, entre outros, são temas desprendidos dessas obras e surgem como ares de um debate definidor do século XIX. No

entanto, pouco se considera o próprio suporte como definidor de tais diálogos. Por suporte não quero indicar o livro em si ou o periodismo do período, mas a formação de discursos que delinea os temas e suas características conforme a inserção dos autores na linguagem do período. Com isso, propomos pensar as obras *Facundo* e *Martín Fierro* a partir de duas direções: como *produtoras* de significados, devido às ideias que as obras magnas de Sarmiento e Hernández evidenciaram em meio às possibilidades de produção do período – privilegio aqui o universo da literatura gauchesca –; e também como *produtos* do contexto em que foram escritas, a fim de problematizar a aura de extraordinários e de definidores de possibilidades que adquiriram ao longo do século XIX e reverbera até os dias de hoje.

Para abrir espaço a essa nova abordagem em torno de *Facundo* e *Martín Fierro*, incluo uma análise sobre a construção da questão indígena na Argentina que, sendo esta uma temática pouco atrelada a tais obras, cria espaço para uma reflexão sobre a formação da cultura historiográfica argentina. O elemento nativo não era uma preocupação oitocentista e aparece de forma pontual nos textos de Sarmiento e Hernández; o que mais me chamou atenção foi a manutenção desse mesmo trato nos debates atuais, em que estudiosos da área condicionam suas perspectivas aos preceitos do embate político do século XIX.

A centralidade dada a Sarmiento e Hernández condiciona uma visão teleológica da história argentina, desacreditando a luta cotidiana desses autores por desbravar seus espaços de articulação teórica. Dessa forma, voltar às obras do século XIX é oferecer dignidade às linguagens políticas, àqueles que souberam melhor expressar as ideias permeadas no período e que, por isso, puderam construir um discurso autêntico, legítimo e consagrado. Como as fontes aqui utilizadas são literárias, encontro na narrativa as problemáticas que me acercam às linguagens da política, tendo como expectativa confluir texto e autor num jogo de interesses, possibilidades e vontade.

Sendo que essa pesquisa sustenta o caráter de aproximar-se da conformação de um pensamento político, não buscamos fazer uma dissertação conforme o modelo de Tulio Halperín Donghi em *José Hernández y sus mundos*, a partir do qual o argentino define no

percurso biográfico de Hernández o resultado final de sua obra prima. Para mim, o texto é muito mais do que experiência; advém também de uma sensibilidade cultural que possibilita narrar. Assim, gostaria de ver como as palavras criam situações, fugindo da conformação de que o homem manipula completamente as palavras, pois, embora Sarmiento e Hernández tenham elegido seus lugares de debate na literatura gauchesca, de alguma forma ela também se impôs aos autores como espaço de articulação.

Esse trabalho com dois autores clássicos tem como objetivo mostrar que suas obras se constituem a partir de situações díspares, propondo um diálogo com uma historiografia argentina que os aproxima segundo a perspectiva de uma identidade política. Apesar de sustentarem o mesmo espaço na literatura gauchesca para estruturarem seus discursos, ambos apresentam argumentos e objetivos bastante divergentes, revelando a heterogeneidade da cultura política do século XIX. O problema central, portanto, não é aproximar ou distanciar os dois autores, mas identificar dois possíveis núcleos de debate que se constituíram ao longo desse século, tantas vezes simplificado à sombra de uma linearidade argumentativa sintetizada na proposta de civilização unitária e da política liberal.

Tal perspectiva acaba por evidenciar uma problemática sobre a linguagem política no século XIX, fazendo-nos pensar sobre a proximidade entre literatura e política naquele país. O que interessa nesse jogo são as disputas pela vitória através do trato literário, em que a linguagem é propulsora de um debate político que permanece dentro o discurso historiográfico argentino até os dias de hoje. A linguagem na qual se inscrevem Sarmiento e Hernández é o grande centro do debate entre eles. E o que os relacionariam? A disputa pelos saberes através da estrutura literária gauchesca, na busca por delinear os contornos políticos-culturais de uma Argentina independente.

Hernández é reconhecido como o maior representante da literatura gauchesca, por conta do sucesso que fizeram seus poemas *O gacho Martín Fierro* e *A volta de Martín Fierro* nos anos 1870 como defensores do lugar social do *gaucho* e da síntese que eles representariam em relação às vozes *gauchas* perfiladas ao longo do século XIX –

circunstância essa que inscreveria o *gaucho* dentre os grandes marcos históricos da Argentina, desde os anos revolucionários (1810) à consagração do Estado Nacional (1880). Nesse sentido, quando se encontra o debate sobre as definições do *gaucho* como cerne do ensaio *Facundo* podemos inseri-lo nesse diálogo narrativo da gauchesca o qual, embora não trouxesse o formato tradicional de versos, buscava demarcar nas acepções desse homem argentino as possibilidades de projeções civilizacionais.

Assim, a narrativa se volta como o centro da dissertação, relacionando as diferentes partes que a podem constituir. Concebendo-a no diálogo da história com outras áreas, a narrativa se torna um elemento que ultrapassa a dimensão da produção textual ao ser incorporada e considerada nos aspectos de sua composição histórica, nas reivindicações de rememoração e na expressão da cultura de seu tempo.

O trabalho está constituído por três capítulos. O primeiro, intitulado “Sarmiento e Hernández em diálogo: o universo da literatura gauchesca e o embate dos saberes no século XIX argentino”, tem como foco indicar a heterogeneidade dos debates em *Facundo* e *Martín Fierro*, analisando o conteúdo e a forma com que os autores organizaram suas narrativas. A proposta é desarticular a correlação imediata entre Sarmiento e Hernández, pois defendendo que esse movimento é próprio de uma historiografia que visa, nessa identificação, uma linearidade à história política da Argentina. Nessa dissertação, o que relaciona prontamente os autores é o debate em torno da literatura gauchesca, sendo que ela proporciona um vasto leque de características a serem exploradas segundo as pretensões argumentativas de cada obra.

Para demonstrar tais especificidades na construção dos discursos de Sarmiento e Hernández, apresento a consolidação de *Facundo* e *Martín Fierro* no contexto em que foram escritos, investigando o relato de seus contextos políticos específicos e agregando o contexto geral em que as obras foram produzidas. Também serão discutidas as balizas constitutivas do corpo textual das obras, que refletem as especificidades de seus contextos. A constituição narrativa do ensaio sarmientino e da poesia hernandiana é indicativa do momento literário com que os autores precisaram trabalhar e, assim, os diferentes aspectos

da linguagem gauchesca sinalizam para a heterogeneidade do debate intelectual no século XIX.

Proponho-me a explorar a força adquirida por essa representação estética mediante as ações políticas pós-independentistas na Argentina. A ideia não é sentenciar o uso das letras como práticas políticas, mas pensar a necessidade de incorporação desse espaço simbólico e ficcional nas construções dos discursos sobre o nacional. Início a dissertação com a questão do espaço literário porque as premissas centrais da pesquisa estão localizadas na problemática da literatura como fonte histórica. Embora esse possa parecer um lugar historiográfico já muito explorado, busco no mapeamento das obras e dos temas a incorporação dessa cultura gauchesca aos discursos políticos, o que ajuda a superar a armadilha de considerar a literatura como parte constitucional da identidade argentina, justamente porque entendo nessa incorporação o seu esforço de construção. A literatura torna-se, assim, um espaço de maleabilidade para as novas linguagens políticas ansiadas no século XIX.

A proposta do segundo capítulo é circunscrever a questão política como marco originário do pensamento argentino, sendo assim concebida até os dias de hoje. Como no capítulo anterior foram trabalhadas as obras, os autores e as especificidades da literatura gauchesca que os envolvem, proponho agora uma análise sobre a própria bibliografia evocada para as abordagens de *Facundo* e *Martín Fierro*. A fim de realizar esse debate, elenco alguns temas recorrentes na historiografia recente – que, inclusive, perpassam todo o nosso trabalho: barbárie, caudilhismo e vida *gaucha* – e alguns autores para neles exemplificar as reverberações de categorias discursivas próprias do século XIX. Não tenho como objetivo consolidar um balanço historiográfico, pois a própria bibliografia torna-se fonte primária que confirma a persistência do binômio “civilização e barbárie”, cunhado por Sarmiento e prontamente identificado em Hernández.

Sendo que grande parte do nosso arsenal crítico é constituída pelos estudos da crítica literária, uma vez que esse recorte temático ainda é pouco explorado pelos historiadores, faz-se importante definir que às abordagens evocadas será aplicada uma crítica

fundamentalmente historiográfica, pois aceitamos a bibliografia como fonte documental, respeitando as variáveis conceituais que as ideias de cada autor podem carregar e entendendo nelas continuidades e rupturas. Assim, expomos a trama argumentativa de cada autor com o objetivo de apontar as problemáticas sobre conteúdo e abordagem que consagraram o lugar das temáticas oitocentistas no pensamento argentino no capítulo que denominamos “Um embate forjado: as reverberações de *Facundo* e *Martín Fierro* na história política e cultural argentina”. Tal recorte evidencia nossa postura crítica em relação a uma historiografia que se propõe revisionista, mas acaba reafirmando as amarras interpretativas do século XIX.

Como forma de rematar o trabalho e demonstrar uma saída às amarras interpretativas das obras *Facundo* e *Martín Fierro*, apresento uma reflexão sobre a construção da questão indígena no pensamento argentino no último capítulo. Por ter sido apresentado como categoria discursiva da literatura gauchesca ao longo da dissertação, o indígena aparece como abordagem alternativa que, se ausentado durante a construção da memória histórica, proporciona uma pergunta historiográfica que não foi instituída pelos ditames oitocentistas e revela as escolhas da cultura historiográfica argentina.

Para construir esse debate, recupero os trabalhos de pesquisadores das mais diferentes disciplinas que buscaram, nas últimas décadas, inserir o indígena em suas reflexões sobre a história nacional daquele país, evidenciando por meio deles balizas teóricas remanescentes dos discursos independentistas do século XIX. Defino o lugar do indígena nos estudos selecionados a partir de três acepções: o indígena *vítima*, *derrotado* e *a-histórico*. Acredito que o trato à história indígena na Argentina configura-se mediante a presença de uma cultura política que permeia o pensamento histórico do país, revelando a força argumentativa adquirida pelo imaginário pós-independentista e a forte significação da sociedade *criolla* para os séculos seguintes.

A partir dessa perspectiva, pretendo mostrar a possibilidade de abrir fissuras às leituras consagradas de Sarmiento e Hernández ao realocar a questão indígena nas obras *Facundo* e *Martín Fierro* por meio da literatura gauchesca.

Por fim, apresento as conclusões desta inserção ao mundo das culturas política, literária e historiográfica da Argentina oitocentista, reconhecendo as dimensões do debate e os saberes que se construíram a partir das obras de Sarmiento e Hernández. A quase naturalidade em que são contrapostos os argumentos destas personagens públicas dizem respeito, para além do que as obras encerram, a uma pauta constitutiva de uma tradição que se retroalimenta nas dicotomias e nas legitimidades políticas estabelecidas por diferentes vozes ao longo da história argentina e das leituras que realizaram de *Facundo* e *Martin Fierro*.

CAPÍTULO 1

Sarmiento e Hernández em diálogo: o universo da literatura gauchesca e o embate dos saberes no século XIX argentino.

Creio que, se nos abandonarmos a esse sonho voluntário que se chama criação artística, seremos argentinos e seremos, também, bons ou toleráveis escritores.

Jorge Luis Borges

A herança do século XIX para a história argentina tem suscitado indagações no circuito acadêmico a respeito de dois pontos de vista tradicionais que estão imbricados: a visão de uma história nacional restrita aos entraves políticos e o mapeamento da sua cultura segundo as necessidades decorridas das ações políticas. Como parte desse embate e procurando fugir dos lugares previamente fixados, procuro compreender a literatura gauchesca como um traço exemplar da disputa de saberes evidenciada nas obras de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) e José Hernández (1834-1886), a partir das possibilidades de articulação entre representação literária e vontades políticas na Argentina. Dessa forma, pretendo corresponder à lição deixada por Borges e deleitar pelo universo da criação artística,¹ acreditando que, entre práticas e estruturas, cada período está sujeito a embates representativos.

Propor uma análise em torno das características gauchescas em *Facundo: civilização e barbárie* (1845) e *Martín Fierro* (1872/79)² é uma forma de buscar em suas

¹ BORGES, Jorge Luis. “O escritor argentino e a tradição”. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000, p. 292.

² As edições traduzidas como referência direta aos textos: SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilização e barbárie*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996; HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

manifestações artísticas e estratégias discursivas os diálogos internos desse gênero literário³ que garantem seu funcionamento na sociedade argentina oitocentista, uma vez que a conformação da literatura gauchesca é apreendida na própria somatória de leituras de suas obras.⁴ Sendo o *gaucho*⁵ a personagem central, abordado em seus costumes e sua forma de falar, que são construções essencialmente literárias, sua voz é o meio pelo qual ocorrem discussões político-culturais do século XIX, não apenas pelo emprego da linguagem escolhida, mas pela força que ela tem de resumir em si os embates identitários de um país em formação.⁶ Discutir sobre o *gaucho* é posicionar-se ante o homem argentino, sobre suas qualidades presentes ou seus potenciais futuros.

Portanto, uma breve análise sobre as definições realizadas por Hernández e Sarmiento a respeito do *gaucho cantor* pode nos revelar parte desse constante diálogo gauchesco que, nesse caso, apresenta-se sob um debate entre os saberes da cidade e do campo, preocupados de forma bastante distinta com a representatividade do cantor, e seu canto, em relação aos rumos civilizatórios de uma Argentina mergulhada em guerras e disputas internas. Assim, a representação desse *gaucho* torna-se uma importante forma de estudo ao considerarmos as próprias estratégias discursivas que o narram como fontes históricas, configurando-se como

³ Minha expectativa em relação ao uso do termo “gênero literário” se baseia no emprego de tal conceito por Miriam V. Gárate, em estudos sobre as obras *Facundo e Os sertões*, este de Euclides da Cunha (1866 – 1909): “Talvez seja oportuno começar lembrando que a afirmação a respeito daquilo que hoje denominamos a hibridiz de ambos escritos, motivada pela presença num mesmo corpo/texto de convenções próprias da biografia (com derivações em direção do gênero autobiográfico, em Sarmiento), do ensaio, do discurso historiográfico, do relato de viagens, do informe técnico-científico (especialmente, em Euclides da Cunha), bem como de dispositivos ficcionais, recursos dramáticos, procedimentos folhetinescos, lirismo etc., constituiu-se desde cedo um lugar comum da crítica. Num lugar comum e, ao mesmo tempo, no núcleo gerador de uma série de discussões interessantes que transcendem a pergunta pelo gênero, apesar de transitar por ela. Porque, de fato, a multiplicidade e instabilidade das convenções atualizadas motivou, desde os primeiros dias da recepção de tais obras, ora tentativas de controlar ou de reorientar o vário em direção ao uno, ora reivindicações ou aceitações da multiplicidade. Longe de esgotar-se em si, cada uma dessas operações de leitura mobilizou um conjunto de questões mais amplas; a saber: a questão do conteúdo e da extensão adjudicável à noção de Literatura em diferentes épocas; a das relações existentes, em distintas épocas, entre referencial/verdade, ficção/mentira, e destas categorias com as *praxis* literária e histórica; a questão da reorientação genérica como estratégia interpretativa tendente a suprimir ou apagar certos sentidos e ativar outros”. GÁRATE, M. V. “Facundo e Os sertões: em torno à problemática da recepção”. *Revista de Letras*, Vol. 37/38 (1997/1998), p. 104.

⁴ CAMPRA, Rosalba. “En busca del *gaucho* perdido”. *Revista de Crítica Literaria Argentina*, n°60, 2004, p. 312.

⁵ A escolha pela grafia *gaucho* busca estabelecer uma identificação imediata com a história argentina, que é aqui trabalhada através das análises da personagem central da literatura *gauchesca*.

⁶ CAMPRA, R. *Op. Cit.*

expressão de projetos e defesas intelectuais e que, por isso, são produtoras de discursos.⁷ Na abordagem aqui proposta, política e cultura interagem em seus diálogos, sendo possível considerar a autonomia de um campo em relação ao outro ou, conforme proponho, a simbiose narrativa que explicitam dilemas da tradição rio-platense.

Facundo e Martín Fierro: a força política na grandeza das formas

A escolha das obras *Facundo* e *Martín Fierro* para abordar uma problemática político-cultural é resultado de uma seleção cuidadosa de dois textos literários tidos como clássicos e referenciais para a conformação da história argentina e que são constantemente requisitados pelo caráter depositório de símbolos nacionais que adquiriram ao longo de décadas.⁸ Seus autores são lembrados pela historiografia argentina como exemplos de devoção ao projeto civilizacional do país, os quais revelariam as paixões que envolveram, e envolvem, o debate político na Argentina.⁹

Domingo Faustino Sarmiento nasceu em 1811, na cidade de San Juan, fato que lhe proporcionou acompanhar de perto as movimentações interioranas das guerras civis geradas nas primeiras décadas pós-independentistas. Longe dos eventos constitucionais da capital,

⁷ “Um relato não é significativo (...) pela maneira como qual representa os acontecimentos, mas pelas estratégias empregadas para construir sua imagem e levar adiante o projeto que motivou o relato”. MIGNOLO, Walter. “Lógica das diferenças e políticas das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa”. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio W. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993, p. 130.

⁸ Trabalhos como de Paul Verdevoye mostram como diferentes autores e épocas se posicionaram sobre o poema de José Hernández, a ponto de transformá-lo numa tradição argentina, num legado de costumes do ser nacional. VERDEVOYE, P. “La identidad Nacional y el Martín Fierro”. In: HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro – edición crítica*. LOIS, Élida; NUÑEZ, Ángel (coord.). Barcelona: SPICIONE, 2001. E o mesmo trabalho faz Maristela Svampa a respeito de Sarmiento, mostrando como o famoso binômio “civilização e barbárie”, consagrado pelo autor na Argentina, tornou-se como fonte recorrente para explicações historiográficas ao longo dos séculos XIX e XX. SVAMPA, M. *El dilema argentino: civilización y barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006.

⁹ SCHULIAQUER, Ivan. “Historia de una pasión argentina”. *Revista Ñ / Clarín*, 16/12/2011 (Disponível em: http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/Intelectuales-libros-politicos-Facundo-Operacion-masacre_0_606539348.html Visualização: 7/12/2012).

Sarmiento conheceu as batalhas entre os partidos Unitários e Federais,¹⁰ sendo os federais representados, por exemplo, pelos generais Juan Manuel Rosas e Facundo Quiroga, considerados por Sarmiento como maquinários de guerra.¹¹

A fim de penetrar no cenário político nacional, questionando o pragmatismo como estratégia de organização política para o desenvolvimento do país, Sarmiento reconhece nas mudanças de pensamentos propostas pelo Salão Literário, grupo intelectual de fundação portenha, uma frente de luta intelectual plausível, fundando em 1838 a Sociedade Literária em sua cidade natal, que mantinha forte contato com Buenos Aires. Conhecido como *Geração de 37*, os membros dessa pioneira organização letrada debatiam com os idealizadores da Revolução de Maio, fundadores de uma independência sem as “luzes” necessárias e de uma liberdade desregrada, que poderia ser revista pelo uso da razão crítica reencontrada nos jovens intelectuais.¹² Dessa forma, o autor reconhecia nessas mudanças de pensamento crítico uma frente de luta intelectual plausível, definidora de uma nova linhagem política.

Entre 1840 e 1855 o autor sanjuanino vive seu “período chileno”,¹³ de onde surge seu famoso texto *Facundo: civilização e barbárie*, publicado em formato de livro no ano de 1845. Apresentada em forma de folhetim no periódico *El Progreso*, entre 2 de Maio e 21 de junho de 1845, as entregas ao público não correspondem aos recortes dos capítulos tal qual ficaram conhecidos. Elizabeth Garrels, em artigo publicado na edição especial da Revista Iberoamericana de 1988 que trouxe o centenário de morte de Sarmiento como tema central,

¹⁰ A primeira metade do século XIX argentino foi marcado por disputas políticas entre dois grandes partidos políticos, os Unitários e os Federalistas, representantes dos distintos interesses e propostas do centro administrativo (Buenos Aires) e das províncias do país, respectivamente.

¹¹ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 314. Ambos generais de guerra; Rosas foi presidente argentino nos períodos de 1829-32 e 1835-52. Ver: HERRERO, Fabián. “*El grito de los pueblos, una iniciativa constitucional y liberal de los unitarios convertidos al federalismo: sobre el primer gobierno de Juan Manuel Rosas*”. In: *Actores, representaciones e imaginarios: homenaje a François-Xavier Guerra*. Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007, p. 222; 227.

¹² Em livro sobre o Salão Literário, Félix Weinberg faz uma compilação das obras de vários integrantes desse grupo: Marcos Sastre, Juan Bautista Alberdi, Juan María Gutiérrez, Esteban Echeverría, que se posicionam como verdadeiros condutores da marcha do país rumo à civilização. WEIMBERG, F. *El Salón literario de 1837*. Buenos Aires: Hachette, 1977, p. 123. Assim, Sarmiento funda em 1838 a Sociedade Literária em San Juan, que mantinha forte contato com o grupo *Geração de 37*, encontrando ali um espaço de críticas a Rosas, fato que o obrigaria a exilar-se no Chile.

¹³ Vale ressaltar que esse período não teria sido a primeira vez que Sarmiento conheceria o Chile, uma vez que a vitória dos federais na sua província natal, em 1831, já o forçara a emigrar, momento em que ele começa a estabelecer contatos importantes e fundamentais para seu futuro político-literário.

chama atenção para o fato de que os dois últimos capítulos, “Governo unitário” e “Presente e futuro”, não teriam sido publicados nesse formato folhetinesco, sendo a trama finalizada com o episódio da morte do General Facundo.¹⁴ Essa perspectiva é importante porque amplia as formas de apreciação à obra magna de Sarmiento que, se foi pensada inicialmente como livro – o que não é descartado pela autora –, precisou inserir-se, ainda que inicialmente, numa linguagem mais popular para constituir seu argumento.

Nesse livro, definidor da realidade conflitiva entre Buenos Aires e as províncias,¹⁵ Sarmiento consegue dissolver as primeiras barreiras entre as teorias independentistas sobre política, cultura e literatura,¹⁶ destacando a força política intelectual que era até então marginalizada pelo discurso oficial: a escrita, que em suas mãos não apenas interpretaria a realidade, mas a transformaria.¹⁷

Dentro de *Facundo* é possível destacar inúmeras interlocuções, desde um debate sobre a estética interiorana e a barbárie *gaucha*, até o diálogo direto com o inimigo político de Sarmiento no período, o governador portenho Rosas. Na vertente de autores como Noé Jitrik, Sarmiento seria o fundador do estilo ensaístico latino-americano que, nas mãos do autor, seria explorado em seu assédio à realidade, tornando mais importante os atrativos da apresentação poética que a validade do enunciado.¹⁸ Jitrik acredita que seria da falta de uma definição mais exata do estilo, mesclado por estruturas biográficas, históricas, autobiográficas, geográficas, e outras, que se configuraria o valor literário, transmitindo uma mensagem através do próprio efeito de leitura da obra.¹⁹ Essa postura de Sarmiento adviria de uma leitura minuciosa das mudanças em curso na primeira metade do século XIX: o surgimento de um novo espaço de articulação social, um entrecruzamento de níveis

¹⁴ GARRELS, Elizabeth. “El *Facundo* como folletín”. In: *Revista Iberoamericana*, vol. LIV, n° 143, 1988.

¹⁵ JITRIK, Noé. *Muerte y transfiguración de Facundo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983, p. 18.

¹⁶ PRIETO, Martín. *Breve historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Tauru, 2006, p. 117.

¹⁷ DEL CORRO, Gaspar Pío. *Facundo y Fierro: la proscripción de los héroes*. Buenos Aires: Ed. Castañeda, 1977, p.45.

¹⁸ REST, Jaime. “Panorama del ensayo”. In: *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988, p. 97-99.

¹⁹ JITRIK, Noé. “El *Facundo*: la gran riqueza en la pobreza”. In: *Facundo*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977, p. XXII.

de comunicação “en el que la imagen del escritor empieza a ser reconocida en su función de distribuidor y condensador de signos”.²⁰

Sei muito bem que nos Estados americanos Rosas encontra ecos, mesmo entre homens liberais e eminentemente civilizados, sobre este delicado ponto, e que para muitos é ainda um erro afrontoso o fato de os argentinos se terem associado aos *extrangeiros* para derrubar um tirano. Mas cada um deve basear-se em suas convicções e não descer a justificar-se daquilo que crê firmemente e sustenta com palavras e obras.²¹

Diferentemente do caso sarmientino, os registros sobre a vida de José Hernández são motivos de digressões historiográficas, ora tidos como inexistentes, ora apresentados dentro de uma clareza documental, conforme as definições de Fermín Chaves e de Tulio Halperín Donghi, respectivamente.²² Hernández cresceu numa estância em Buenos Aires, junto ao seu avô, até que revoltas civis culminassem na separação da cidade em relação ao restante do país. Na batalha de Caseros de 1852, as tropas de Urquiza²³, o qual recebia o apoio tanto de federais quanto de unitários descontentes com a longa história do governo Rosas, derrotaram tal governo despótico. No entanto, as propostas de atuação política de Urquiza não teriam sido tão transgressoras quanto o esperado e representariam as idéias de um país que não morria e nem deixava outro começar.²⁴ A partir das decepções em relação à postura de Urquiza, fortes desavenças políticas surgiram, não mais entre Unitários e Federais, mas entre portenhos e provincianos. Nessas disputas, Hernández luta ao lado da Confederação contra as propostas centralistas de Buenos Aires, sendo obrigado a fugir para Paraná no

²⁰ PRIETO, Adolfo. “Las ciento y una: el escritor como mito político”. *Revista Iberoamericana*, nº143, 1988, p. 583.

²¹ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 308.

²² CHÁVEZ, Fermín. *José Hernández: Periodista, político y poeta*. Buenos Aires: Ed. Culturales Argentinas, 1949; HALPERIN DONGHI, Tulio. *José Hernández y sus mundos*. Buenos Aires: Debolsillo, 2006 (1ª edição 1985). Uma das várias explicações sobre a existência dessas diferentes perspectivas aponta o fato de Hernández estar fora do rol dos políticos considerados vencedores dentre os projetos nacionais.

²³ Justo José de Urquiza (1801-1870) esteve à frente de tropas militares durante o período de governo rosista e atuou em importantes cargos políticos na Argentina, chegando a ser presidente da Confederação Argentina entre 1854 e 1860.

²⁴ DEL CORRO, G. P. *Op. Cit.* P. 53.

momento em que foi declarada uma nova Constituição portenha, em 1854, e essa cidade ganha autonomia política.²⁵

Hernández volta a estabelecer-se em Buenos Aires no ano de 1869, quando tropas comandadas pelo General Bartolomé Mitre recompõem a capital da Argentina em Buenos Aires, na Batalha de Caseros. Nesse momento, surgem alguns periódicos questionadores das ações políticas do atual governo, como *El Río de la Plata*, para o qual escrevia nosso autor. Devido à manutenção dessa postura crítica, grande parte dos intelectuais que estiveram ao lado da Confederação acabou marginalizada politicamente.

Grande parte dessas questões pode ser encontrada no poema narrado, em primeira pessoa, *Martín Fierro*, que obteve um sucesso não esperado ao conhecer 10 edições entre a publicação de *O gaúcho Martín Fierro* (1872) e *A volta de Martín Fierro* (1879),²⁶ principalmente em sua primeira parte conhecida como “*Ida*”, que se preocupa em denunciar os maus tratos sofridos pelos gaúchos.²⁷ Na medida em que nos aproximamos da década de 1870, é preciso considerar as intenções de exploração e de controle do campo pelas

²⁵ Vale a ressalva de Del Corro para essa situação em que Sarmiento volta ao exílio, por conta de fortes críticas contra Urquiza, justamente no mesmo momento em que Hernández sai de Buenos Aires, também perseguido politicamente. Na apreciação desse contexto começariam os cruzamentos políticos entre os dois autores, que para sempre existiriam. DEL CORRO, G. P. *Op. Cit.* P. 19.

²⁶ Esse reconhecimento de público o incluiu no rol dos grandes escritores do período, abrindo-lhe um espaço político como deputado e senador, acesso esse ao universo das letras que consagra seu espaço de atuação política, fazendo-se respeitar dentro da cidade que o havia rechaçado anteriormente. LOIS, Élica. “Como se escribió *Martín Fierro*”. In: JITRIK, Noé (coord.). *Historia crítica de la literatura argentina: la lucha de los lenguajes*. Buenos Aires: Emecé, 2003, p. 213. Interessante observar que a segunda parte do poema de Hernández foi publicada diretamente em formato livresco, diferente da *Ida* que foi apreciada pelos leitores em publicações periódicas. Já no prólogo da *Volta*, nota-se as pretensões artísticas antes não declaradas: “Es un recuerdo oportuno y necesario, para explicar por qué el primer tiraje del presente libro consta de 20 mil ejemplares, divididos en cinco secciones o ediciones de 4 mil números cada una -y agregaré, que confío en que el acreditado Establecimiento Tipográfico del señor Coni, hará una impresión esmerada, como la tienen todos los libros que salen de sus talleres. Lleva también diez ilustraciones incorporadas en el texto, y creo que en los dominios de la literatura es la primera vez que una obra sale de las prensas nacionales con esta mejora”. HERNÁNDEZ, J. “Cuatro palabras de conversación con los lectores”. In: *Martín Fierro – Edición crítica...* P. 261.

²⁷ As duas partes em que se separam os poemas, conhecidas como a *Ida* e a *Volta*, narram as experiências do gaúcho Martín Fierro e seus pares nas Campanhas - ação de milícias organizadas pelo governo contra os indígenas nas fronteiras do país -, revelando a submissão desses homens diante dos imperativos do governo argentino. Chama-se de a *Ida* porque Fierro chegaria a ponto de abandonar sua pátria e preferir morar em meios aos indígenas; e chama-se de a *Volta*, porque o gaúcho logo perceberia que viver entre os selvagens era ainda pior, por não haver qualquer possibilidade de adaptação dentre os nativos.

autoridades governamentais, que seriam os futuros fazendeiros.²⁸ Depois de Caseros, Mitre lança uma lei vulgarmente conhecida como “Lei de Levas”, na qual foi determinado que os próprios Juízes de Paz poderiam recrutar homens para o exército das fronteiras, em nome da defesa territorial contra os avanços principalmente indígenas. Qualquer homem “vago” e ou “preguiçoso”, assim como os que não pudessem comprovar renda, estaria sujeito a trabalhar pela defesa territorial contra os avanços, principalmente, indígenas.²⁹ Sobre essa questão escreve Hernández, acusando que nessas medidas estavam implícitos corrupções e abusos, uma vez que trabalhar na fronteira poderia ser entendido como “trabalhar na fazenda”:

Que indígenas, nem que serviço, / Se ali nem tinha quartel! / Nos mandava o coronel / Trabalhar em suas chácaras, / E deixávamos que as vacas / As carregassem o infiel. // (...) E o pior daquele enredo / É, se alguém reclamar, / Leva pau pra endireitar... / Ninguém agüenta esse inferno! / Se isto é servir ao Governo, / Eu nem gosto de falar.³⁰

Hernández foi considerado como escritor ápice do gênero literário gauchesco³¹ por ter consagrado nele, entre outras características, uma desenvoltura social através do *gaucho*, carregando seus versos de denúncias sobre as injustiças governamentais cometidas contra o homem da Campanha que vivia sob confrontos nas fronteiras com os indígenas.³² A poesia de *Martín Fierro* deixou de ser um “relato de encontros”, forma clássica de apresentação das *payadas*³³ da literatura gauchesca, para configurar uma “aventura narrada”, na qual ficam claras as marcas subjetivas do autor, conferindo maior realismo ao poema.³⁴ Beatriz

²⁸ Segundo Adolfo Prieto, os gauchos livres no deserto pampeano seriam motivo de preocupação para os homens do governo, fazendo-lhes necessário o surgimento de políticas de manutenção do campesino. PRIETO, M. *Op. Cit.* P. 57.

²⁹ *Idem*, p. 58.

³⁰ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 21.

³¹ É importante mencionar autores renomados no estudo do tema: RAMA, Angel. *Los gauchipolíticos rioplatenses*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982; BECCO, Horacio Jorge. *Trayectoria de la poesía gauchesca*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1977; BORELLO, Rodolfo A. *Poesía gauchesca, una perspectiva diferente*. Mendoza: EDIUNC, 2000; LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Chapecó: Argos, 2002; entre outros.

³² SARLO, Beatriz. “Razones de la aflicción y el desorden en ‘Martín Fierro’”. *Punto de Vista*. Nov. 1979, p. 8. São conhecidas como “Campanhas” as tropas comandadas pelo governo para defender as fronteiras do país.

³³ “Payadas” são as formas cantadas de narrar histórias através do duelo de violeiros e suas rimas.

³⁴ GRAMUGLIO, Tereza; SARLO, Beatriz. “Martín Fierro”. In: *Historia de la literatura...* P. 34.

Sarlo enxerga nesse estilo hernandiano a real eficácia do poema: a força de transformar ideologias, projetos políticos, em atitude e sentimento.³⁵

A partir dessas primeiras observações sobre autores e obras, podemos apontar como duas as relevâncias que ofereceram tal legado às obras: a exploração da *forma textual* e a *desenvoltura temática* por elas apresentadas. Tornam-se mais plausível, assim, os motivos de encontrarmos como abordagem mais recorrente dessas obras os diferentes *contextos políticos* que fazem dialogar *Facundo* e *Martín Fierro*: fáceis de serem resgatados nas obras por estarem registrados no próprio ato de escrita, numa linguagem direta e emblemática. Respectivamente, as obras definem-se como oposição a governos de características *caudillescas* e letradas:

Não é possível manter a tranquilidade de espírito necessária para investigar a verdade histórica quando se tropeça a cada passo com a idéia de que se pôde enganar a América e a Europa tanto tempo com um sistema de assassinatos e crueldades, toleráveis apenas em Ashante ou Daomé, no interior da África!³⁶

“Que amanhã, vem outro dia!” / Na hora me contestou - / “O pagamento acabou / Serás sempre um animal.” / Ri-me e falei: “Não sobrou / Para mim nem um real?” // Os olhos dele ficaram como se fossem saltar / E ele voltou a falar / Me devorando co’a vista: / “Que querias tu ganhar, / Se não entraste na lista?” // (...) Soube disso o comandante / E me chamou no outro dia (...) // Mas todo esse palavório / Era só pra encher papel, / E eu vi naquilo um pastel / De encher com a minha guaiaca; / Mas, se vou ao coronel / Me fazem gemer na estaca. // Ah, filhos de uma cadela, / Que a ambição lhes rompa o saco! // Nem um naco de tabaco / Dão ao pobre do soldado, / E o deixam, de tão delgado / Mais magro do que um guanaco”.³⁷

Essa posição crítica dos autores em relação aos governos está inserida na lógica da instalação do regime republicano como modelo político a ser seguido na Argentina pós-independência, o que proporcionou um impasse na condução política do país devido à

³⁵ SARLO, Beatriz. “Razones de la aflicción...”. *Op. Cit.*

³⁶ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 116.

³⁷ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 31-32. Vocabulário: *Guanaco* - mamífero artiodátilo da família dos camelídeos; *Guaiaca* - cinto largo de couro ou de camurça, com bolsos onde se guardam dinheiro, objetos miúdos, e que também é usado para o porte de armas. *Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Disponível: <http://houaiss.uol.com.br/> Visualização: 12/01/2013).

emergência de uma consciência social atrelada ao surgimento da perspectiva de “ação coletiva”: a atuação política deveria estar na soberania do povo ou na força civilizadora dos intelectuais?³⁸ A mobilização diante dessa questão é sentida no surgimento da figura do intelectual-político, importante personagem do século XIX que teria usado da indefinição da ciência e da indecidibilidade da história para adquirir manejo necessário na construção do ambiente republicano.³⁹ A força argumentativa exposta por Hernández e Sarmiento configura-se no emprego da narrativa no meio político, a qual se revelou portadora tanto de um esquema de propaganda governamental quanto fornecedora de um arcabouço de tradições culturais à incipiente nação.

Nesse contexto, a literatura configura-se como um artefato político, porque ela oferece espaço para a orientação de leitura às questões políticas.⁴⁰ O próprio suporte literário que consagrou Sarmiento e Hernández nos indica a construção da relação entre história, literatura e política na Argentina. Diana Goodrich inicia sua análise de *Facundo* a partir da constatação sobre a pluralidade possível de leituras que o gênero ensaístico oferece, o que faz com que elas se choquem e ampliem seus limites de ação para com os leitores.⁴¹ Essas várias leituras seriam possíveis pela própria instabilidade semântica da obra, que ora trabalharia sob um patamar histórico, ora assumiria uma postura fictícia.⁴² O mesmo tipo de observação realizou Carmelo Gariano para *Martín Fierro*, que por meio de um tom rústico e humorado atrairia o leitor para aprenderem sobre um mundo circulante – o do *gaucho* nas *pulperias* – transformado em poesia.⁴³

Dessa forma, em ambos os autores podemos notar a consciência do papel intelectual que assumiam na sociedade e a possível influência que a literatura exercia sobre ela, o que pode ser observado nas constantes menções às próprias obras dentro de suas narrativas.

³⁸ POLAR, Cornejo. “Imediatismo e perenidade: a dupla audiência da literatura de fundação da república”. In: *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Edirora UFMG, 2000, p. 36.

³⁹ SOMMER, D. “Romance irresistível”. In: *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 22.

⁴⁰ PRIETO, A. *Op. Cit.* P. 477.

⁴¹ GOODRICH, Diana S. “Facundo y los riesgos de la ficción”. *Revista Iberoamericana*. Vol. LIV, nº 143, Abril-Junio 1988, p. 574-575.

⁴² Idem. P. 573

⁴³ GARIANO, Carmelo. “Elementos humorísticos en el ‘Martín Fierro’”. *Revista Hispania*. Vol. 51, nº 1, Mar/1968, p. 71.

Esse exercício de referências é cuidadosamente marcado ao longo da leitura, junto a uma forte reivindicação de inserção do leitor no sentido do texto. Hernández enfatiza a importância de sua poesia num diálogo franco e profético com o leitor:

No que explica minha língua / Todos vocês vão por fé. / Sendo assim, entendam-me, / Com cobiças não me mancho: / Não choverá sobre o rancho / Onde este livro estiver.⁴⁴

Sarmiento confessa para o leitor suas pretensões com a obra já na introdução, construindo paulatinamente um enredo de glória e conquista junto ao espectador:

Tenho uma ambição literária, meu caro amigo, e para satisfazê-la dedico muitas vigílias, investigações prolixas e estudos imediatos. (...) Imagine você, meu caro amigo, se cobiçando para mim este tesouro prestarei grande atenção aos defeitos e inexatidões da vida de Juan Facundo Quiroga ou de tudo quanto abandonei à publicidade. Há uma justiça exemplar a fazer e há uma glória a adquirir como escritor argentino: fustigar o mundo e humilhar a soberba dos grandes na terra, chamem-se sábios ou governos.⁴⁵

Na maioria dos trechos observados em *Facundo* e *Martín Fierro* não é possível distinguir pretensões literárias de vontades históricas. Gariano concentra todo o trabalho estético de Hernández num esforço de transformar a realidade histórica em que vive – decadência do estatuto *gaucho* e massacre do indígena na década de 70 – numa realidade artística que, ao seu entender, seria mais duradoura.⁴⁶ O mesmo pode ser observado para Sarmiento quando percebemos na proximidade entre estratégia narrativa e história a criação de um ambiente que pode adquirir ares pragmáticos e unir texto e sociedade.⁴⁷ Para Claudia Luna, as obras desses literatos configuram-se num relato que funda o território, criando formas de olhar e definindo os atores da fundação histórica.⁴⁸

⁴⁴ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 230.

⁴⁵ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 61;63.

⁴⁶ GARIANO, C. *Op. Cit.* P. 77.

⁴⁷ GOODRICH, D. *Op. Cit.* P. 578.

⁴⁸ LUNA, Claudia. “O deserto e a selva: paisagem e configuração da alteridade no romantismo hispano-americano”. *Anais II Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Out/2002 (Disponível:

Sob um cuidado de não resumir essas obras a um reflexo da realidade, torna-se fundamental para a minha reflexão abordar esse outro lado em disputa na guerra intelectual do século XIX argentino: a própria literatura que circunda o universo dos textos, definidora em seus traços de uma disputa de sabedorias na condução dos rumos civilizatórios do país. Não estamos, com isso, relativizando a forte conotação política que Sarmiento e Hernández apresentam em seus escritos, pelo contrário. O esforço de indicar entre eles um embate de ordem intelectual e literária é mostrar a complexidade do pensamento político argentino nesse período, tensionado ante a heterogeneidade de um discurso nacional em construção, com soluções distintas para o desenvolvimento do campo em prol da civilização.

Documento literário e representação política: a disputa dos saberes

Aceitar um documento literário como fonte historiográfica implica estabelecer alguns cuidados específicos no trato desse tipo de objeto, não pelos limites que o universo artístico da literatura teoricamente ofereceria para o historiador, mas exatamente pelo seu inverso: o risco de enxergar, por fetiche documental, a literatura como reveladora de um “mundo miniaturizado”.⁴⁹ Beatriz Sarlo, em estudo que revisa as falsas fronteiras sobre o lugar da história, percebe que a busca por um discurso objetivador na literatura pode negar a especificidade artística desprendida de um texto e a densidade semântica de uma época, pela desconsideração das variáveis entre literatura, ideologia e referência.⁵⁰ Isso significa que o estudo de uma sociedade, seja ela argentina ou não, pode ser estabelecido a partir das referências construídas nas formas e nos usos da linguagem literária, evitando a apreensão de uma inteligibilidade imediata.⁵¹

http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000012002000300013&script=sci_arttext
Visualização: 12/12/2012).

⁴⁹ SARLO, Beatriz. “Clio revisitada”. In: *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 81.

⁵⁰ *Idem*, p. 82-83.

⁵¹ No artigo citado, Sarlo vale-se dos importantes estudos de Hayden White sobre os *trópicos do discurso* para construir seu argumento, conforme indica a própria autora. *Idem*, p. 79-80.

A literatura deve ser analisada como representante, em si mesma, de um projeto cultural.⁵² Pablo Heredia defende essa proposição baseando-se na idéia de que o discurso estético, entendido como as estruturas e as formas elaboradas para o funcionamento interno de um texto, busca institucionalizar uma língua social, ao passo que o discurso transforma-se em poética das funções redentoras da cultura.⁵³ Nesse sentido, a estética literária relaciona diretamente a linguagem à história, sendo preciso considerar uma reformulação permanente dos discursos. O domínio de uma sociedade sobre seus discursos apresentam uma autonomia relativa, ao passo em que há interações entre regras, convenções e significados, impossibilitando que a literatura tenha objetivos ou esperanças de uma aceitação passiva.⁵⁴

Em estudo sobre o periodismo do século XIX na Argentina, Andrea Bocco nos chama a atenção para a falta de autonomia discursiva que enfrentava a literatura, estando contaminada por discursos periodista e políticos.⁵⁵ A autora não dissocia as duas categorias, buscando trabalhá-las como um único corpus; não existiria um público leitor ou uma rede editorial que configurasse a profissão de escritor nesse período e, dessa forma, a literatura era entendida como lugar para o manejo de idéias.⁵⁶ Assim surgiria a arenga entre a política e as letras no campo intelectual, por meio do alargamento de homens públicos com suportes teóricos e, ao mesmo tempo, com preocupações práticas.⁵⁷

Entendendo por representação o ato de oferecer sentido ao mundo em que se vive⁵⁸, os usos e as interpretações de certos aspectos culturais, políticos e ou estruturais legam à

⁵² HEREDIA, Pablo; BOCCO, Andrea. “Conclusión”. In: *Ásperos Clamores: la literatura gauchesca desde Mayo hasta Caseros*. Córdoba: Alción Editora, 1996, p. 63.

⁵³ HEREDIA, P. “Política, sociedad y literatura: ilustrados, hispanistas y gauchos”. In: *Op. Cit.* P. 45.

⁵⁴ BOCCO, Andrea. “Postulados teóricos”. In: *Literatura e periodismo:1830-1861*. Córdoba: Universitas, 2004, p.25-26

⁵⁵ BOCCO, Andrea. *Op. Cit.* P. 28.

⁵⁶ Idem. P. 30. Essa perspectiva pode ser relacionada diretamente aos preceitos do Salão Literário, primeira organização entre elite intelectual argentina, que buscavam na juventude e na ação escrita uma revolução cultural não alcançada pela Revolução de Maio. A fundação da *literatura* argentina é reconhecida a partir da obra de Ricardo Rojas *História da Literatura Argentina* (1917), quando a literatura se separa da história e política e consolida-se como campo específico.

⁵⁷ Idem. P. 33.

⁵⁸ CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. In: *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2002, p. 66.

literatura um discurso metadiscursivo constante,⁵⁹ que a partir das independências hispano-americanas tornou-se sinônimo de criação da memória nacional. A escolha do gênero narrativo, da posição do autor em relação ao seu público, das imagens e das metáforas elaboradas transforma essas obras num universo literário que reflete as expectativas de um dado contexto histórico em relação à realidade, tornando plausível o alcance dos debates políticos, de uma “verdade histórica”, a partir do reconhecimento de um mundo possível criado por cada autor.⁶⁰

Com essa perspectiva, as análises de *Facundo* e *Martín Fierro* ganham maior profundidade porque, captando o intenso debate intelectual sobre o campo e a cidade – respectivamente, o interior o centro – que se configurou ao longo de todo o século XIX, é possível interligar vontades literárias e ensejos políticos nas construções textuais de Sarmiento e Hernández, oferecendo às obras uma dimensão documental, muitas vezes, simplificada.⁶¹ A literatura gauchesca torna-se, assim, palco privilegiado para a observação desse debate, porque ela é o enunciado de uma Argentina em guerra, na medida em que revela a busca desenfreada pela definição do *gaucho*, ou seja, pela identidade que sua voz ofereceria ao homem argentino.⁶²

A pluralidade de posicionamentos sob um mesmo gênero narrativo seria resultado, segundo Josefina Ludmer, das suas alianças, configuradas num quadro de exclusões e inclusões de vozes conforme a posição política, jurídica e econômica de cada autor que articularia um mundo interno de sujeitos “con la postulación de una identidad, con la

⁵⁹ WHITE, Hayden. “Introdução: a tropologia, o discurso e os modos da consciência humana”. In: *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1994, p. 17.

⁶⁰ POLAR, Cornejo. “Imediatismo e perenidade...”. P. 39 Na introdução de seu livro, “O condor voa”, Cornejo defende que a literatura não representa um reflexo do real, mas sim se configura a partir do mundo de possibilidades que o real lhe possibilita. Portanto, o termo “verdade histórica” que ele sugere não reflete a crença de uma verdade absoluta, mas uma verdade construída segundo interesses, posições e objetivos de cada autor.

⁶¹ Essa abordagem questiona a preponderância de traços liberais e, portanto, cultos, letrados e cidadãos no cenário político argentino ao longo do século XIX, ideia que teria sido conformada a partir da década de 1880, com as releituras do discurso liberal que buscaram na homogeneidade discursiva o legado político do país.

⁶² LUDMER, Josefina. “Oralidad y escritura en el género gauchesco como núcleo del nacionalismo”. *Revista de Crítica Literaria Latino-americana*. Vol. 7, n° 33 (1991), p. 30-31.

nación y con un modelo de Estado”.⁶³ Dessa forma, o *gaucho* e o indígena são categorias discursivas que podem ser desprendidas de *Facundo* e *Martín Fierro* e que ajudam, na observação dos seus tratos, a compreender os universos particulares construídos pelos autores, sendo que o indígena é silenciado em ambas as obras.

Representante de uma sabedoria letrada, Sarmiento produz uma obra dedicada ao estudo da vida política do *gaucho* Facundo Quiroga, a fim de compreender nessa figura exemplar do homem campesino as origens bárbaras de uma Argentina que vive no dia-a-dia os conflitos entre Buenos Aires e o interior. Em *Facundo*, o autor questiona esse pragmatismo insistente das facções federalistas como estratégia política para a organização interna do país, tornando evidente o seu desejo por uma frente de luta que destacasse uma força política intelectual, um saber letrado que inserisse a Argentina no mundo civilizado.⁶⁴

A tensão a que estaria sujeito Sarmiento seria a de definir-se como solução inédita para um país assolado pela barbárie insuperável do general Rosas, diante da presença de antigos pensamentos independentistas que não confluíam respostas para a elaboração de um Estado nacional.⁶⁵ Assim, a forma escrita flertaria, em mãos sarmientinas, com uma nova percepção de ação política que, não sendo resumida a mero mecanismo de interpretação da realidade, consagraria-la como um meio efetivo de *transformar* essa realidade, através da instrução.⁶⁶

⁶³ *Idem*, p. 33.

⁶⁴ É importante notar que essa defesa é decorrência de um interesse de Sarmiento em penetrar no cenário político nacional, retirando o estatuto de sangue ou poder político prático no uso da força como legitimação política no país. Sarmiento era do interior e não tinha apadrinhamento, precisava reconfigurar o cenário nacional.

⁶⁵ Em 1842, Juan Manuel Rosas confina o governo a seu mando e inicia uma forte militarização na Argentina, revigorando as críticas sobre os embates armados como frente de luta pela organização do país. Ele esteve no poder por dois períodos: de 1829-32 e de 1835-52. Para apreciação desse contexto: HALPERIN DONGHI, T. *De la Independencia a la Confederación Rosista*. Buenos Aires: Paidós, 1985; BATTICUOERE, Graciela; KLAUS, Gallo; MYERS, Jorge. *Resonancias românticas: ensayos sobre historia de la cultura (1820-1890)*. Buenos Aires: Eudeba, 2005; PALTÍ, Elias. “La Nación como enigma. La aventura intelectual de Sarmiento”. In *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

⁶⁶ DEL CORRO, Gaspar Pío. “El Facundo (¿o civilización y barbarie?)”. In: *Op. Cit.* P. 45.

Os povos em sua infância são crianças que nada prevêem, que nada conhecem, e é preciso que os homens de alta previsão e de alta compreensão lhes sirva de pai.⁶⁷

Sarmiento apresenta a cidade como responsável pela condução do país à civilização, sendo ela incumbida de expurgar a barbárie rosista que a invadiu.⁶⁸ Segundo o autor, o saber letrado seria a riqueza de um país e Rosas somente fez destruir e retirar rendas das escolas, não valorizando a importância de relacionar seu governo aos indivíduos ilustrados da jovem nação.⁶⁹ Essa problemática apresentada por Sarmiento deve ser entendida dentro de uma posição política do autor e a sua proposta de governo que teve como mote a educação, pois, segundo ele, “um povo que vegeta na ignorância é pobre e bárbaro, como os são os da costa da África ou os selvagens de nossos pampas”.⁷⁰ É importante essa ressalva porque ajuda a compreender o lugar desde onde está alocado seu argumento: o periodismo e a literatura como força política foi um projeto essencialmente Unitário na época do governo Rosas,⁷¹ defendendo o intelectual cidadão como representante de uma nova elite fundadora do país e concretizando, assim, um passo adiante das antigas teorias independentistas rumo à civilização.⁷²

As preocupações de Sarmiento apontam todas para a finalidade de compreender e suplantar essa barbárie natural dos campos argentinos, que estaria mergulhada numa inércia desenvolvimentista devido ao predomínio dos *excessos* como forma de vida.⁷³ O *gaucho* seria preguiçoso, teria inúmeros vícios, agiria com violência e tomaria suas decisões sob impulsos passionais porque ainda não teria entrado em contato com os verdadeiros valores civilizatórios. Seria preciso canalizar os ritmos aleatórios dos pampas, transformando-os

⁶⁷ *Idem*, p. 192.

⁶⁸ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 125.

⁶⁹ *Idem*, p. 320.

⁷⁰ *Idem*, p. 316. Sarmiento ficou conhecido como o “pai da educação” por ter criado inúmeras escolas e bibliotecas por todo o país ao longo de sua carreira política.

⁷¹ BOCCO, Andrea. “La gauchesca en período rosista: entre lo legítimo y lo clandestino”. In: *Ásperos Clamores...* P. 84-85.

⁷² PRIETO, M. *Op. Cit.* P. 117.

⁷³ Ideia apresentada no artigo: RODRIGUEZ, Fermin. “Sarmiento en el desierto: excesos de vida, instinto de muerte”. *Revista Iberoamericana*, vol. LXVIII, n° 201, 2002.

num movimento uniforme, de trabalho e disciplina para o alcance do progresso.⁷⁴ Para exemplificar tais modificações necessárias, Sarmiento mostra nos usos do cavalo, fiel companheiro do *gaucho*,⁷⁵ o exemplo de um tipo de vida individual que, não contribuindo para o bem público, avantajaria os impulsos pessoais.

Há necessidade, portanto, de uma sociedade fictícia para remediar esta dissociação normal. O hábito contraído desde a infância de andar a cavalo é um novo estímulo para deixar a casa. (...) Os homens saem, portanto, sem saber exatamente para onde.⁷⁶

Ao mesmo tempo em que reconhece a vida *gaucha* como um espaço de tradição, sem progresso, Sarmiento defende que falta impulso para que esses hábitos se tornem virtudes; eis o papel condutor da cidade: modificar a realidade através da ação efetiva de um governo mais adequado e institucionalizado. Maria Lígia Coelho Prado acredita que, por esse motivo, o autor valoriza as qualidades *gauchas* desenvolvidas espontaneamente nos pampas, como as do vaqueano, do rastreador e do cantor⁷⁷ conformadas pela literatura gauchesca, porque para Sarmiento o problema não estaria em aceitar uma origem bárbara, mas sim em reconhecer essa questão e insistir no erro, como o fez Rosas. Facundo seria naturalmente bárbaro, e Rosas, com cabelos loiros e com estudos no exterior,⁷⁸ escolhera a barbárie como meio de ação política e, por isso, recebeu o feroz repúdio sarmientino.

Para o caso indígena tudo estava perdido, restando duas opções segundo a acepção sarmientina: eliminá-lo ou deixar morrer sua cultura, que é também matá-lo. Esse posicionamento do autor não existe para estabelecer uma polêmica, como na questão do

⁷⁴ *Idem*, p. 1118.

⁷⁵ O cavalo, assim como os espaços de excessos, acabam sendo um elemento usado emblematicamente pelos autores, na literatura gauchesca, como forma de delimitação do bárbaro.

⁷⁶ SARMIENTO, D F. *Op. Cit.* P. 105. O mesmo exemplo foi usado por Sarmiento para caracterizar certa essência *gaucha* de Facundo Quiroga, revelada quando este se sente ameaçado e, estando de carro, expressa vigorosamente precisar de cavalos.

⁷⁷ PRADO, Maria Lígia Coelho. “Prefácio à edição brasileira”. In: SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* p. 27. “Enquanto na cidade vicejavam todas as formas possíveis de “associação”, no campo, onde grandes distâncias separavam os pequenos aglomerados de rala população, a cultura era “inútil” ou “impossível” e o bem público aparecia como algo absolutamente “sem sentido”. Dizia Sarmiento que aos pampas, “... falta-lhe a cidade (...)”. *Idem*.

⁷⁸ LOJO, María Rosa. “Facundo: la ‘barbarie’ como poesía de lo original / originario”. In: *La barbarie en la narrativa argentina. Siglo XIX*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1994, p. 68.

gaucho; ela se apresenta como de uso comum, representando uma barbárie selvagem, intrínseca e sem importância para os ideais civilizacionais de Sarmiento. Podemos confirmar isso numa passagem em que a cena de massacre indígena não é o problema apresentado, sendo motivo para uma sátira dos “avanços” do governo Rosas:

Como minha intenção é apenas mostrar a nova ordem de instituições que suplanta ao que estamos copiando da Europa, preciso acumular as principais, sem atender às datas. A execução que chamamos *fuzilar* é imediatamente substituída pela de *degolar*. É verdade que certa manhã foram fuzilados quarenta e quatro indígenas numa praça da cidade para deixar todos gelados com essa matança que, embora de selvagens, eram de homens; mas pouco a pouco se abandona o fuzil e a *faca* se torna o instrumento de justiça.⁷⁹

Exatamente nesse apadrinhamento do intelectual cidadão da condução política da sociedade argentina é que encontramos os descontentamentos de Hernández, defensor de uma cultura campesina amplamente atacada pelos principais representantes da frente unitária do país. No contexto em que Hernández inicia sua atividade como periodista, já não se identificava, expressivamente, as lutas entre facções unitárias e federais, mas entre portenhos e provincianos, devido às desavenças de condução política após a queda do governo Rosas.⁸⁰ Nesse sentido, a disputa política mais acirrada entre campo e cidade toma conta dos escritos hernandianos, debatendo diretamente com os enraizados preceitos de Sarmiento, presidente argentino entre os anos de 1868 e 1874, sobre a eficiência da interferência governamental no destino do *gaucho*:

Já é tempo, penso eu, / De não ir ao contingente. / Pois se o governo quer gente, / Pegue com o que recolheu. // Tiro assim a conclusão, / Desta minha ignorância, / Que aqui, nascer-se na instância, / É como uma

⁷⁹ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 285.

⁸⁰ O General Rosas foi deposto em 1852, momento em que as tropas do General Urquiza, antigo aliado rosista, dominaram Buenos Aires (pela Batalha de Caseros, 3 de Fevereiro) e assumiram o governo com o pretexto da constitucionalização nacional. A sucessão fora repreendida pelo governo local de Buenos Aires e Bartolomé Mitre, porta-voz de uma elite política atenta aos desprestígios que a nova medida lhes traria, declarava que o novo governo não correspondia aos anseios liberais defendidos na derrocada de Rosas. Ver: FLORIA, Carlos Alberto; BELSUNCE, Antonio García. “La génesis de la república”. In: *Historia política de la Argentina contemporánea (1880-1983)*. Madrid: Alianza Editorial, 1988, p. 22-23.

maldição. // E mesmo se não me dão / Direito a dizer eu digo: / A
província é como a mãe / Que não defende seus filhos.⁸¹

O diálogo entre um e outro autor pode ser encontrado no prólogo da primeira parte do poema de Hernández, em que o autor deixa claro o seu propósito de escrita: relativizar o “saber letrado” como motivo único de discussão política no país, uma vez que buscar a cidade para retratar a Revolução de Maio muitos já teriam feito com maestria. Assim, abordar a realidade dos *gauchos* seria algo muito mais complexo do que todos imaginariam, pois eles seriam “hijos de una naturaleza que la educación no ha pulido y suavizado”⁸² e compreendê-los por si mesmos também seria uma tarefa intelectual.

Hernández almeja empreender como projeto político para a Argentina as premissas da sabedoria nascentes no próprio campo que, não sendo científica e nem letrada, ofereceria através da experiência a imponência de um povo. Na tentativa de lançar-se em prol de um reconhecimento político, esse autor busca a literatura gauchesca, junto a seu protagonismo *gaucho* e seus espaços de críticas ao governo vigente, uma postura política mais popular, pois, como escritor periodista, não lograva tão ampla audiência para seus textos.⁸³ A busca seria por oferecer um caráter testemunhal para seu relato,⁸⁴ acusando os governos citadinos como culpados de haver transformado o *gaucho* num homem violento, sem destino e que apenas conhece a dor, o sofrimento e a solidão.

Aquí não valem doctores, / Vale só a experiência; / Veriam sua inocência
/ Aquí os que tudo sabem; / Que isto tem outra chave / E o *gaucho* sua
ciência.⁸⁵

Tive em meu pago uma vez / Filhos, fazenda e mulher; / Mas comecei a
sofrer, / Me jogaram na fronteira, / E ao voltar para os rever / Achei
somente a tapera.⁸⁶

⁸¹ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 195.

⁸² Prólogo da primeira parte do poema: HERNÁNDEZ, J. *Martín Fierro – Edición crítica...* P. 5.

⁸³ PRIETO, M. *Op. Cit.* P. 60.

⁸⁴ DEL CORRO, G. P. *Op. Cit.* P. 68.

⁸⁵ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 53.

⁸⁶ *Idem*, p. 18.

É importante notar que nessas críticas Hernández não nega o caminho da civilização como fim último de sua exposição, uma vez que também defende para os *gauchos* o direito de possuírem casa, escola, igreja e direitos.⁸⁷ O que está posto em cheque na obra hernandiana seria a forma de inclusão da Argentina na marcha da humanidade: se pelo reconhecimento de uma realidade pampeana que merece ser respeitada ou pela imposição de um pequeno grupo de “boi cornetas” que simplificariam a sociedade a uma conversa de letrados.⁸⁸

Apesar de serem diferentes as estratégias usadas em cada parte do poema, Hernández não muda sua representação do indígena: não gostam de trabalhar; resolvem suas questões aos gritos e lanças; são violentos e saqueadores; bêbados e ignorantes. Enquanto na “Ida” eles se apresentam como solução ao gaúcho que quer fugir das mazelas políticas de seu país – compondo um cenário de duras críticas ao governo quando Fierro prefere o ambiente bárbaro ao cidadão –, na “Volta” os indígenas são inimigos que não possuem os símbolos da civilização, impossíveis de se adaptarem às novas imposições de uma Argentina em processo de modernização e, por isso, são veementemente rejeitados.

Lá teremos segurança, / Coisa que aqui nunca temos; / Menos males
passaremos / E há de ser grande a alegria / Quando a um arraial
cheguemos / No caso de qualquer dia. // (...) Lá não Há que trabalhar / É
uma vida de patrão. / Vez por outra uma invasão, / E se a gente sai com
vida / É só deitar pança arriba / Olhando o Sol na amplidão” (Ida).⁸⁹

Deve estar bem preparado / Quem esperá-lo se atreva; / Má intenção
sempre leva. / E como tem alma grande, / Não há rogo que o abrande /
Nem lamento que o comova. // (...) Todo o peso do trabalho / Transferem
para a mulher: / O indígena é indígena e não quer / Baixar dessa condição;
/ Pois nasceu indígena ladrão / E indígena ladrão vai morrer” (Volta).⁹⁰

Dessa forma, a categoria discursiva do indígena é distinta daquela analisada para o *gaúcho*. Enquanto este tem sua posição variada em relação à sociedade, conforme os posicionamentos dos autores gauchescos que adotam sua voz como artefato político, os

⁸⁷ *Idem*, p. 229.

⁸⁸ *Idem*, p. 155.

⁸⁹ *Idem*, p. 77.

⁹⁰ *Idem*, p. 99; 100.

indígenas são apresentados sob o mesmo argumento representativo, não possuindo qualquer correspondência com a civilização e nunca representando a voz do autor. São panos de fundo para uma sociedade que se desenvolve, sendo elementos que não se pode ignorar em sua presença, mas que nada significariam culturalmente. Eles são categorias lineares, tanto na obra de Sarmiento quanto na de Hernández, não gerando qualquer tipo de polêmica entre as obras desses autores.

Como é possível notar, o debate travado entre esses dois autores relaciona-se ao momento de tessitura de uma sociedade argentina. Sarmiento e Hernández são expoentes de um embate intelectual que revela autores bastante conscientes da força criadora da literatura, desenvolvendo uma trama bem resolvida que realoca as noções de realidade histórica com o emprego de uma realidade literária. Esta, portadora de um tempo interno mais maleável, a ponto de eliminar incertezas vividas e inconstâncias teóricas através do ficcional,⁹¹ possibilita aos autores construir seus discursos próprios sobre a nação, numa interpretação subjetiva em que o importante não seria o relato de fatos ou processos históricos, mas a comunicação de uma mensagem político-cultural.

Ainda que esteja distante cerca de 30 anos a produção das obras em questão, a definição do *gaucho* dentro de uma possibilidade literária continua em voga ao longo de todo o século XIX, mostrando que, além de o discurso ser a manifestação de um desejo individual, conforme apresentado anteriormente na escrita de Sarmiento e Hernández, ele é o objeto em si de desejo.⁹² Segundo Andrea Bocco, as distintas soluções políticas e sociais de cada sabedoria, seja ela letrada ou de ordem empírica, perpassam uma mesma questão cultural: submergindo a política a uma determinada estética “se postula una estética sobre ella y paralelamente se crea una poética de la política”.⁹³ Portanto, nesse embate intelectual, ambos os autores estariam preocupados tanto em definir *quem* seria o *gaucho*, quanto *por que, por quem e como* cantaria o homem argentino. E o indígena não recebe atenção porque estava às margens das questões político-culturais oitocentistas.

⁹¹ GARIANO, Carmelo. “Elementos humorísticos...” P. 77.

⁹² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. P. 10.

⁹³ BOCCO, A. *Literatura y periodismo...* P. 28.

A literatura gauchesca e as distintas sabedorias

A opção por parte de Sarmiento e Hernández de assumirem a condição de escritores como ferramenta política registra-se num universo intelectual oitocentista bastante distinto do realizado nos dias atuais, o qual interpretava o discurso literário como uma possibilidade de adaptar e ampliar os conhecidos conceitos estrangeiros para a singular realidade hispano-americana vivida no período pós-independência.⁹⁴ Várias são as possibilidades de produção surgidas numa “crise simbólica” identitária quando se percebe que a factualidade estaria subordinada aos desígnios racionais, a ponto de tornar textos como *Facundo*, por exemplo, dispositivos para a criação de significados, sendo fórmulas de produção de saber, de construção de conceitos e de interpretação da realidade.⁹⁵

Ensaio e revelação para mim mesmo de minhas idéias, o *Facundo* padeceu dos defeitos de todo fruto da inspiração do momento, sem auxílio de documentos à mão, executado assim que foi concebido, longe do teatro dos acontecimentos e com o propósito de ação imediata e militante.⁹⁶

A memória é um grande dom, / Qualidade meritória; / E aqueles que nesta história / Suspeitem que em algo eu falhe, / Saibam que esquecer os males / Também é fazer memória”.⁹⁷

A literatura gauchesca foi o espaço escolhido pelos autores para fazer confluir esse debate, um gênero literário que apresenta em sua base espaços de comunicação facilmente reconhecíveis, sendo delimitado em seu tempo narrativo a voz e a ação do presente. E, para entender a importância desse movimento, é preciso deixar de analisar a literatura apenas em sua função argumentativa, para perceber como os autores resgatam certos lugares discursivos, correspondentes ao espaço cultural que os rodeavam, para se relacionar no espaço público. Ou seja, os atores políticos não subjugam a cultura, ao passo que dela necessitam para tornar suas mensagens comunicáveis.

⁹⁴ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar no discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 16.

⁹⁵ PALTÍ, Elias. “Los poderes del horror: *Facundo* como epifórica”. In: *Revista Iberoamericana*, vol. LXX, n° 207, 2004, p. 526; 534.

⁹⁶ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 60.

⁹⁷ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 230.

Segundo Pablo Heredia, a literatura gauchesca revela o sujeito cultural do “aqui e agora”, que seria resultado de um esforço de identificação entre quem canta os fatos e o público leitor, estabelecendo assim uma voz coletiva ecoada nas obras.⁹⁸ Desde seus primeiros textos, o gênero demonstra uma preocupação em repercutir vozes de grupos locais que alcançaram certa autonomia ante o regime colonial e representaram, nos embates pela independência em torno de 1810, uma força indispensável para a configuração da nacionalidade argentina.⁹⁹ Os esforços de Bartolomé Hidalgo, considerado o pai da literatura gauchesca com obras como *Cielitos* e *Diálogos Patrióticos*, publicados entre 1818 e 1820, podem ser entendidos como os de transformar a voz do homem rural em letras,¹⁰⁰ gerando uma aliança entre o canto e a escrita *gaucha* que definiria a oralização e a popularização do político.¹⁰¹ A partir da figura do homem interiorano, a disputa pela legitimação política do universo argentino independentista estaria mergulhada nos motivos literários gauchescos, por conta do anseio de decodificar na natureza e nos costumes locais os caminhos possíveis para o alcance do modelo civilizacional europeu.¹⁰²

Ambos os autores deixam claro que escrevem desde uma perspectiva cidadina, dialogando constantemente com perspectivas cultas e populares. Ao assumirem, ou no caso de Sarmiento de “analisar”,¹⁰³ o universo lingüístico de um grupo local faz-se necessário

⁹⁸ HEREDIA, Pablo. “Las voces de los géneros: oralidad y escritura”. In: *Ásperos clamores...* p. 35.

⁹⁹ ROMANO, Eduardo. “Originalidad americana de la poesía gauchesca: su vinculación con los caudillos federales rioplatenses”. In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palabra, literatura e cultura – Emancipação do discurso* (vol. 3). Campinas: Unicamp, 1994, p. 129.

¹⁰⁰ *Idem.*

¹⁰¹ LUDMER, Josefina. “Oralidad y escritura...” p. 30. Segundo Julio Schwartzman, o descobridor do artefato da gauchesca foi Juan Baltazar Maciel, cujas primeiras obras datam de 1777, o qual desenvolveu a sensibilidade de transmitir pelo texto uma voz. A fórmula usada por Maciel teria sido “hablaré como él habló”, colocando o escritor como porta-voz dos gauchos, a fim de criar um espaço de legitimidade aos heróis militares do Vice-Reino. Schwartzman percebe que, aos poucos, a literatura gauchesca tem sua característica inicial ampliada: com os textos de Bartolomé Hidalgo, que usou dessa fórmula para tencionar a relação entre paisanos e letrados, registrando um momento patriótico da gauchesca nos anos 1810 e 1820; com Hilario Ascasubi e Luiz Pérez, os quais, no contexto das guerras civis, criaram os “gauchos gaceteros”, abrindo espaço para uma intensa querela política através do exercício da letra, atitude esta que ultrapassaria a propriedade ficcional do gênero. SCHWARTZMAN, Julio. “El gaucho letrado”. In: *Martín Fierro - Edición Crítica...* P. 1157-1161.

¹⁰² ROMANO, Eduardo. “Poesía tradicional, poesía popular, poesía cultivada”. In: *Sobre poesía popular argentina*. Buenos Aires: CEAL, 1983, p. 10.

¹⁰³ Josefina Ludmer nos coloca essa possibilidade de pensar a literatura gauchesca em Sarmiento ao nomeá-lo como o “revés” desse gênero, não assumindo a voz *gaucha* para si, mas dela se valendo para o reclamo de suas propostas. LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco...*

considerar também seu reclamo social,¹⁰⁴ na medida em que a própria tensão entre interesses da cidade e do campo é uma forte conformadora do gênero gauchesco. Assim, a *ambiguidade* torna-se uma das principais características da literatura gauchesca, pois, para Jorge Luis Borges, em texto que resgata o debate gauchesco em meados do século XX, essa literatura consagraria uma importante dualidade: o confronto entre o espaço representado *na gauchesca* (o campo) e o espaço *a partir do qual* ela foi pensada (cidade).¹⁰⁵

Portanto, apontar e definir ao inimigo também faz parte da estrutura da gauchesca, o que resulta denegrir o considerado “outro”, ao passo em que se delimita os elementos bárbaros repudiados nessa sociedade.¹⁰⁶ Ao retratar os anseios políticos de Quiroga e, concomitantemente, o de Rosas, pergunta Sarmiento:

Quanto menos instrução tem um homem, tanto mais capacidade tem para julgar as árduas questões da alta política?¹⁰⁷

E da mesma forma se posiciona Hernández, através da personagem Martín Fierro, contra os chefes das Campanhas:

E lá vinha então o afã, / Se entenda, por puro vício, / De ensinar todo o exercício / Ao *gaucho* mau recruta, / Com um instrutor – que luta! – / Que mal sabe seu ofício.¹⁰⁸

¹⁰⁴ HEREDIA, P. *Op. Cit.* P. 35.

¹⁰⁵ BORGES, Jorge Luis. “A poesia gauchesca”. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, vol. III, p. 187. Ainda sobre o tema, Borges nos mostra a impossibilidade de derivar o *gaucho* da literatura gauchesca, uma vez que esta teria sido pensada segundo as perspectivas e necessidades políticas do espaço urbano portenho, o que não torna a obra artificial, mas significativa. O importante desse parecer do autor é que a artificialidade ou não da obra não pode tornar-se a discussão central, pelo contrário; é preciso compreender que “a arte sempre opta pelo individual, pelo concreto; a arte não é platônica”. *Idem*, p. 188. Angel Rama também fez inúmeras críticas àqueles que usaram a gauchesca como documentos da vida *gaucho*. RAMA, A. “Prólogo: el sistema literario de la poesía gauchesca”. In: *Poesía gauchesca*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977, p. IX; Rodolfo A. Borello frisa o erro grotesco de classificar a gauchesca como “folclore” ou simplesmente um gênero “popular”. BORELLO, R. “Introducción a la poesía gauchesca”. In: *Trayectoria...* P. 38; e, por fim, Josefina Ludmer define a literatura como sendo o uso letrado da cultura popular. “O corpo do gênero e seus limites”. In: *O gênero gauchesco...* P. 20.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 41.

¹⁰⁷ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 186.

¹⁰⁸ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 22.

Além de destacar essas duas características básicas do gênero *gauchesco*, busca por representatividade entre autor-leitor e nomeação do inimigo político,¹⁰⁹ podemos nos aproximar de um novo diálogo entre os autores por meio do caráter *transgressivo* que *Facundo* e *Martín Fierro* apresentam. Silviano Santiago identifica que, através dessas novas configurações literárias, o novo mundo teria conseguido destruir os conceitos de unidade e de pureza até então impostos pelo mundo europeu, mostrando na *transgressão* a possibilidade de expressão de uma nova cultura.¹¹⁰ Assim, entendo que tal característica pudesse ser uma das maiores riquezas argumentativas oferecidas pela literatura gauchesca a Sarmiento e Hernández, pois explorar o livre manejo da história e da linguagem seria um aspecto bastante atrativo num período de indefinições.

Sarmiento e Hernández trabalham com estilos literários distintos dentro da gauchesca, respectivamente, ensaio e poesia. Junto à gauchesca, o ensaio de Sarmiento pode manipular os dizeres históricos com o intuito de valorizar as origens e as tradições culturais que ilustrariam a singularidade e a força de seu país. “Manipular” nesse sentido não significaria “forjar”, mas construir significados históricos que corroborassem a transmissão de certa mensagem desejada.¹¹¹

O mesmo espaço encontrou a poesia de Hernández em meio à gauchesca. Por ser organizadora de um sistema de idéias, de uma retórica própria, de um saber cultural e de

¹⁰⁹ Em pesquisas realizadas na Iniciação Científica, entre 2007 e 2008, explorei as características do gênero gauchesco que podem ser aqui mencionadas, sendo esta apenas uma breve demonstração do uso dos autores do gênero (características destacadas) em itálico: o *didatismo* e a *descrição* foram formas da gauchesca usadas para a transmissão das idéias de Hernández, principalmente na “Volta”, em que se faz importante a apresentação da *vida fronteiriça*, tanto para justificar o extermínio dos selvagens indígenas no pampa quanto para *denunciar* o sufocamento do campo pelos ditames da cidade; o *efeito de leitura* e a *tomada de consciência*, características da obra de Sarmiento, sendo a primeira resultado de um emaranhado de planos objetivos e subjetivos do texto, que apresenta a função de *convencer* o leitor através da ação sugerida pela palavra, e a segunda, como uma forma de identificar na trajetória da leitura uma explosão de *originalidade*, tanto no texto quanto no país retratado, exigindo uma atitude do leitor pela defesa do nacional. Embora eu tenha separado as características por autor, trata-se do mesmo gênero e elas aparecem irrestritamente uma na obra do outro. Vale destacar outra característica fundamental que acompanha as opções dos autores é a *identificação* (interatividade) que ela oferece com o povo. Esse “efeito de inclusão” da gauchesca estaria ligado ao seu conteúdo, que fala de um *gaucho* para o outro, à medida que os autores incorporam essa personagem e suas rotinas com a finalidade de criar uma história dinâmica, presente e urgente.

¹¹⁰ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar...”. P. 25.

¹¹¹ Na definição de Rest, enquanto o século XX exigia que seu intelectual fosse um desbravador da realidade, o século XIX o teria entendido como produtor de sentido. *Idem*, p. 99.

uma linguagem interna, essa literatura oferece a *Martín Fierro* uma determinada consciência ao *gaucho*, que estaria intimamente relacionada ao programa social de seu autor.¹¹² Conhecida pelo seu caráter de *sobreposição de indivíduos*, a gauchesca tem a preocupação de resgatar temáticas coletivas, apresentadas a partir de uma elaboração literária em que interage autor, narrador e leitor, fazendo-se conhecer a condição de um grupo por meio de uma imagem literária que independe de uma determinação temporal.¹¹³

Tanto em Sarmiento como em Hernández nota-se que o trabalho realizado com o passado esteve intimamente relacionado aos planos de uma construção futura da nacionalidade do país. É importante apontar que a gauchesca, como recurso discursivo, não teria a pretensão de incluir o *gaucho* na história, uma vez as obras partiam da premissa de sua existência ao tomá-lo como passado argentino. O *gaucho* faria parte, portanto, da enunciação de certa tradição do país,¹¹⁴ determinando a origem de um povo que quis pensar-se autônomo e oferecendo sentido ao rumo histórico almejado para a Argentina.

Conforme nos indica Rosalba Campra, “tras esas voces y esos tiempos discordantes asoma la paradoja esencial del género: su heterogeneidad lingüística”.¹¹⁵ A aproximação entre a fala cotidiana e a escrita na poesia gauchesca é indispensável para classificar a escolha da linguagem como uma de suas principais *transgressões*, tendo em vista que através dela se concretizam as características citadas anteriormente: didatismo, identificação com o público, efeito de convencimento, liberdade temporal presente na fala. Para Rama, o esforço da gauchesca de empregar a fala popular teria como propósito a independência política através da língua, criando um linguajar baseado na oralidade a fim de garantir a sobrevivência literária daquele que fora requisitado como elemento nativo.¹¹⁶

O uso de refrãos, que relembram os antigos cancioneros do século XVIII, a citação de provérbios populares e a suspensão da narração para as declarações pessoais do

¹¹² GRAMUGLIO, M. T.; SARLO, B. *Op. Cit.* P. 26.

¹¹³ CAMPRA, Rosalba. “Mitificación y distancia en la poesía gauchesca”. In: *América: Cahiers du CRICCAL (Le gaucho dans la littérature argentine)*. Presses de la Sorbonne Nouvelle, n° 11, 1992, p. 152.

¹¹⁴ *Idem*, p. 153.

¹¹⁵ *Idem*.

¹¹⁶ RAMA, A. “Prólogo...”. P. XXIV-XXV.

narrador, estabelecem em *Martín Fierro* um caráter mimético sobre o mundo campesino,¹¹⁷ fórmulas encontradas pelo autor para a emissão, e a consequente eficácia, de sua opinião.

Isto contou Picardia / E depois guardou silêncio, / Todos enfim celebravam / Com prazer aquele encontro. / Mas uma causalidade, / Dessas que nunca andam longe, / Entre tanta gente branca / Tinha também um moreno / Presumido de cantor / E que se tinha por bom. / E como quem não quer nada, / Ou se descuida do intento / (Pois sempre anda é bem conhecido / O que procura algum pleito), / Sentou-se com toda calma, / Passou a mão no instrumento / E lhe tirou um sonido. / Era fantástico o negro, / Pra não criar incerteza / Com firmeza armou-se o peito. / E todo mundo entendeu / Qual a intenção do moreno: / Era claro o desafio / Dirigido a Martín Fierro, / Feito com toda a arrogância, / De modo muito altaneiro. / Fierro tomou a guitarra / – pois sempre se acha disposto – / E assim cantaram os dois / Em meio a um grande silêncio (...).¹¹⁸

Algumas dessas características se repetem na obra de Sarmiento como nas constantes interferências do autor nos relatos históricos narrados e por usar pontuações exclamativas que representam sua própria emoção. Jitrik aponta como uma importante análise para *Facundo* as expressões empregadas no texto que se transformam em *imagens*, capazes de fragmentar a totalidade de uma linha discursiva e de impor outro ritmo, o do “saber contar”.¹¹⁹ A reorganização dos eventos históricos por Sarmiento estaria relacionada exatamente à instabilidade semântica de sua obra, conforme nos aponta Diana Goodrich,¹²⁰ uma vez que o texto pode ganhar ares tanto de uma obra fictícia como de um panfleto político, devido à forma narrativa despojada e, ao mesmo tempo, erudita.

O jogo foi, portanto, para Quiroga uma diversão favorita e um sistema de expoliação. Ninguém recebia dinheiro dele em La Rioja, ninguém o possuía sem ser convidado imediatamente a jogar, a deixá-lo em poder do caudilho. A maior parte dos comerciantes de La Rioja quebra, desaparece, porque o dinheiro foi parar no bolso do general, e não é porque não lhes

¹¹⁷ GRAMUGLIO, M. T.; SARLO, B. *Op. Cit.* P. 41.

¹¹⁸ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 202. Segundo Carmelo Gariano observar o uso constante do elemento humorístico no texto hernandiano também demonstra um trabalho suntuoso de suas mensagens, sendo a atitude risonha do *gaucho*, por exemplo, uma atitude frente aos valores humanos que o delegavam à marginalidade. As metáforas de impacto primitivo, as ridicularizações políticas, as referências toscas que causam mal-estar, o tom rústico na fala, a comicidade na descrição de uma personagem poderiam ser alguns dos recursos de Hernández que, para Gariano, atraem o leitor, pelo instinto de liberdade que sugerem. GARIANO, Carmelo. “Elementos humorísticos...”. P. 68.

¹¹⁹ JITRIK, N. *Op. Cit.* P. XVI.

¹²⁰ GOODRICH, Diana. “Facundo y los riesgos...” P. 573-574.

dê lições de prudência. Um jovem ganhara quatro mil pesos e Facundo não queria jogar mais. O jovem crê que é uma cilada que lhe armam, que sua vida está em perigo. Facundo repete que não joga mais; insiste o jovem aturdido e Facundo, condescendendo, lhe *ganha* os quatro mil pesos e lhe manda dar duzentas chicotadas por ser *bárbaro*.

Canso-me de ler infâmias, contestes em todos os manuscritos que consulto. Sacrifico a relação delas à vaidade de autor, à pretensão literária. Se digo mais, os quadros me saem carregados, ignóbeis, repulsivos.¹²¹

Nessas inovações literárias impregnadas de mensagens políticas, as quais Angel Rama nomearia de “solução estética”, ou “fórmula de americanização”, surgidas através da *gauchesca*,¹²² podemos encontrar a importância adquirida pela literatura para o contexto de independência dos países hispano-americanos.

Criação artística e política argentina em debate: o *gaucho* e seu canto

As disputas acirradas por ideias e conquistas do mundo da política fizeram com que Sarmiento e Hernández definissem copiosamente seus lugares discursivos, deixando registrado na elaboração, na estetização, da figura do *gaucho* as marcas de um entrave político-cultural argentino.

Sarmiento apresenta o *gaucho cantor* como uma figura nacional responsável por engendrar em seus cantos os costumes excepcionais de um povo, revelando inspirações e sentimentos de um ser autóctone que se despertam naturalmente no campo argentino. Apesar do posicionamento prontamente cidadão do autor, como um intelectual defensor da autonomia hispano-americana e da autenticidade do pensamento nacional argentino ele encontra no *gaucho* o verdadeiro representante de seu país, indicando nele elementos bárbaros originais que podem ser suplantados e direcionados para o alcance da civilização.

¹²¹ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 156-157.

¹²² RAMA, Angel. “Nascimento de la *gauchesca*: literatura y revolución”. In: *Los gauchipolíticos...* P. 42. “En definitiva, el pacto de una ideología moderna con una forma conservadora a través del funcionamiento político de una lengua, es índice de un nuevo condicionamiento social de las formas literarias en el período de la revolución emancipadora”.

Com esta sociedade, portanto, em que a cultura do espírito é inútil e impossível, onde os negócios municipais não existem, onde o bem público é uma palavra sem sentido, porque não há público, o homem eminentemente dotado se esforça para se manifestar e adota para isso os meios e os caminhos que encontra. O *gaucho* será um malfeitor ou um caudilho, segundo o rumo que as coisas tomarem, no momento em que chegou a ser notável.¹²³

A vida na imensidão dos pampas seria o reflexo de conquistas e de glórias infundáveis, sendo esta a prova de um povo que supera as dificuldades, porque quanto mais se afunda o olhar “naquele horizonte incerto, vaporoso, indefinido, mais se afasta, mais o fascina, o confunde e o perde na contemplação e na dúvida”.¹²⁴ Com essa imagem constitutiva da população *gaucha*, Sarmiento delimita questões imprescindíveis dentro de sua concepção civilizacional, bastante enraizada no período de produção de sua obra e nos preceitos desenvolvidos pela *Geração de 37*. A função desse grupo cidadão intelectualizado da primeira metade do século XIX seria o de continuar o trabalho começado pelos pais revolucionários da nação, uma vez que a impulsão da humanidade seria um progresso irrevogável.¹²⁵

Nesse sentido, Sarmiento não negaria a importância da base gauchesca e de sua literatura na história nacional, uma vez que seu objetivo seria o de oferecer novo sentido ao espaço conformador do povo ou do rumo argentino que teria assumido tal referência gauchesca. Portanto, o que canta o *gaucho* sarmientino? Idealizações morais e religiosas, mescladas de fatos naturais mal compreendidos, tradições supersticiosas e grosseiras. Isso significa que o canto que perpassaria a cidade e o “feudalismo campesino” seria para Sarmiento uma idealização do passado, um costume quase antigo a ser superado, que não passaria de descrições sobre um povo.

¹²³ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 107-108.

¹²⁴ *Idem*, p. 87. “Agora eu pergunto: que impressões há de deixar no habitante da República Argentina o simples ato de cravar os olhos no horizonte e ver... e não ver nada? Porque, quanto mais afunda o olhar naquele horizonte incerto, vaporoso, indefinido, mais se afasta, mais o fascina, o confunde e o perde na contemplação e na dúvida. Onde termina aquele mundo que quer em vão penetrar? Não sabe. O que há além do que ele vê? A solidão, o perigo, o selvagem, a morte. Eis aí já a poesia. O homem que se move nessas cenas se sente assaltado de temores e incertezas fantásticas, de sonhos que o preocupam desperto”. *Idem*.

¹²⁵ Texto de Juan Bautista Alberdi. In: FÉLIX, W. *Op. Cit.* P. 138.

O cantor está fazendo ingenuamente o mesmo trabalho de crônicas, costumes, história, biografia que o bardo da Idade Média, e seus versos seriam recolhidos mais tarde como os documentos e dados em que haveria de se apoiar o historiador do futuro, se a seu lado não estivesse outra sociedade culta, com inteligência superior dos acontecimentos a que o infeliz desenvolve em suas desenvolve em suas rapsódias ingênuas.¹²⁶

Para Sarmiento, os preceitos da literatura gauchesca e de seu personagem cantante remeteriam a uma herança colonial a qual ele desejaria suplantar, na medida em que adota como passado nacional, ou seja, a origem da história pátria o próprio século XIX em que vive o autor.

A fim de rechaçar tal caráter auferido ao *gaucho*, Hernández assume através da voz da personagem Martín Fierro que ele, por não ser um cantor letrado, cantaria sua história com a ajuda dos deuses, da inspiração, e também de sua memória, porque para ele o próprio ato de cantar já significaria ser livre para apresentar sua opinião. Diferentemente de Sarmiento que definia o canto *gaucho* como imobilidade e algo do passado, Hernández transforma a voz do campo em arma do *gaucho*, apresentando-a como testemunho de uma época, através de uma posição adotada a serviço do social.

Eu já conheci cantores / Que dava gosto escutar; / Mas não querem opinar
/ E se divertem cantando; / Mas eu só canto opinando, / Que é meu modo
de cantar.¹²⁷

Para rebater a visão sarmientina, Hernández organiza em seu texto uma *payada*¹²⁸ entre Fierro e Moreno, homem negro que desafia Fierro no cenário de um botequim.¹²⁹ O intuito era mostrar que os assuntos discutidos em um ambiente *gaucho* poderiam, inclusive, suplantar questões supersticiosas e naturais sem precisão. Essa passagem, do final da

¹²⁶ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 97.

¹²⁷ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 84.

¹²⁸ “Payadas” são as formas cantadas de narrar histórias através do duelo de violeiros e suas rimas. Esse estilo de canto aparece como marca narrativa de inúmeras obras do gênero gauchesco.

¹²⁹ Nessa situação, optei por manter a tradução “botequim” devido à edição em português utilizada ao longo do texto, mas a palavra do idioma espanhol “pulpería” é bastante reconhecida e pode melhor definir o espaço gauchesco descrito pelo autor.

segunda parte do poema, supera a própria estrutura aparentemente simples do início da obra, abrangendo reflexões sobre o céu, a terra, o mar, a noite, o amor, a lei, entre outras mais indeterminadas como a quantidade, a medida, o peso, o tempo, ao passo em que os versos assumem uma escrita mais culta.¹³⁰

Nesse momento da narrativa, entende-se o encontro entre formas cultas e populares como sendo uma manifestação da proposta política de Hernández que, imerso numa realidade política distinta da sarmientina, ponderava certa fusão entre a realidade do campo e da cidade. Ao trabalhar com essas questões, Tulio Halperin Donghi procurou mostrar que a política dos anos 1860 e 1870 já não estaria baseada num tom faccioso como no princípio do século, de forma que o equilíbrio, o controle e a estabilidade para pensar o desenvolvimento da nação seriam as chaves de um novo pensamento político do país.¹³¹

A fim de estender tais comparações entre um e outro autor, é importante considerar o lugar dos debates políticos no século. Divididos intelectualmente por um embate constitucional que teve seu fim na década de 1860, quando os conflitos oficiais entre capital e província se amenizaram devido à dissolução da Confederação como resistência política,¹³² Sarmiento e Hernández representam em si distintos momentos políticos: enquanto o primeiro era circundado por uma preocupação pós-independentista de definir os limites políticos internos do país, o segundo já enfrentaria os problemas externos de tal delimitação, reconhecendo na Guerra do Paraguai (1864-1870), por exemplo, entaves fronteiriços que exigiriam uma postura mais coesa frente ao nacional.

¹³⁰“Deus guarda entre seus segredos / O segredo que isso encerra, / E mandou que todo peso / Caísse sempre na terra; / E segundo entendo eu / Desde que houve o bem e o mal, / O peso foi pra pesar / Os pecados do mortal”. In: *Idem*, p. 214.

¹³¹ DONGHI, Tulio Halperin. “En El Litoral”. In: *José Hernández...* P. 41. Élica Lois também se dedicou ao tema da conciliação dos partidos no período de escritura da segunda parte do poema (1879) e coloca, inclusive, Hernández como um “conciliador do mundo rural”. Ver: LOIS, E. “Como se escribió a *Martín Fierro*”. In: JITRIK, Noé. *Historia crítica de la literatura argentina: la lucha de los lenguajes*. Buenos Aires: Emecé, 2003, p. 209; 214.

¹³² Criada mediante a promulgação da Constituição de 1854, que oferecia a Buenos Aires uma autonomia política em relação às demais províncias, a Confederação teve até 1861 como sede administrativa a cidade de Paraná.

Dessa forma, pretendo mitigar a idéia de que Hernández seria o anti-Sarmiento,¹³³ uma vez que se deve enxergar a ambos os autores como personagens públicas inseridas em um quadro de convulsões político-culturais que acompanharam o século XIX argentino. Não pretendo, com isso, abrandar a força que o discurso sarmientino teve para o século XIX, o qual melhor ilustrava o projeto civilizacional buscado pelo país; o propósito é indicar que o resgate da tradição não seria, necessariamente, um gesto de angariar práticas, conforme a leitura a que somos afeitos sobre *Facundo* e *Martín Fierro*, pois se recuperava meandros argumentativos para construir outra pauta preterida.

Com essas observações, acercamo-nos da definição de Hernández sobre o *gaucho*: ele seria dinâmico e poderia enfrentar com grande maestria os desafios que lhes fossem impostos. Enquanto Sarmiento apresenta o *gaucho cantor* como um “ensaísta” que guardaria consigo a história de sua gente, Hernández o realoca no presente, oferecendo-lhe ação através da voz. A proposta hernandiana seria a de resgatar e de valorizar o homem que canta e atua em sua história, a qual não é a contada pelo sábio cidadão, pois “sábios há que de ciência / levam o cérebro feito; / há sábios de todo jeito, / sem ser muito esperto induzo / que melhor que aprender muito / é ter pouco em bom conceito”.¹³⁴ Isso não significa que Hernández defendesse a Idade Média como modelo político para o país, mas que ele buscava inserir suas idéias num patrimônio tradicional de nações¹³⁵, evidenciando, assim, a forma como os anos 1870 suscitaram os debates entre cidade e campo ao sugerir os limites que poderiam existir para a ilustração explicar, compreender ou sequer edificar a história nacional argentina sem a ajuda da experiência local vivida.

Mapear essas distintas definições feitas pelos dois autores a respeito do *gaucho cantor* é uma forma de avaliarmos a importância adquirida pelos motivos da literatura gauchesca em meio aos intelectuais do país ao longo de todo o século XIX, os quais digladiaram através de uma força artístico-cultural presente na sociedade por um posicionamento político. Enquanto os autores debatiam sobre a melhor forma de narrar a

¹³³ DONGHI, T. H. *Op. Cit.* P. 14.

¹³⁴ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 222.

¹³⁵ DONGHI, T. H. *Op. Cit.* P. 485.

fundação da pátria¹³⁶, o canto se convertia numa forma distinta de contar a história nacional. Segundo Rosalba Campra, nessa forma de representar a condição de um grupo seriam apresentados fatos e situações desgarrados de questões concretas, legando à imagem do *gaucho* um movimento a-histórico¹³⁷. Dessa forma, faz-se importante não apenas conhecer o posicionamento favorável ou desfavorável de um ou outro autor sobre o *gaucho*, mas sim a partir de que perspectiva estética essa personagem seria construída: cidadina, excluindo o *gaucho*, cantor do passado, de um processo civilizacional, ou campesina, que buscaria incluir os saberes empíricos e concretos do campo como importante aporte para o progresso.

Sob essa proposta de reflexão que possibilita ampliar o significado concreto e imediato da figura nacional argentina, ao passo em que oferece ao *gaucho* uma historicidade que não é só política, mas extremamente circundada pela cultura em discussão nesse novo país, sintetizamos um esforço de dinamizar os embates intelectuais que podem ser suscitados em torno do mito gauchesco. Nesse sentido, pretendemos batalhar pela idéia de que Sarmiento seria “lo más entrañable de Hernández”, conforme defende Gaspar Pío del Corro¹³⁸, uma vez que ambos estariam mergulhados numa convulsão de pensamentos conformadora de certa lógica nacional interna. A própria compreensão do universo gauchesco deve ser atrelada ao acúmulo sucessivo de leituras, a partir do qual é possível resgatar os embates decorrentes entre décadas sobre forma literária e pensamento político, o que torna não-real a figura do *gaucho* em si.¹³⁹

Essa Argentina multifacetada através de uma personagem tão polêmica pode ser pensada dentro de uma perspectiva intelectual própria do século XIX de constituir o universal. Ludmer avalia que a fusão entre o poético e o político pleiteava universalizar uma diferença, confirmando e autenticando a idéia do nacional a partir da aproximação do

¹³⁶ Pablo Heredia assim define os desígnios poéticos da literatura gauchesca. P. 22

¹³⁷ CAMPRA, Rosalba. “Mitificación y distancia en la poesía gauchesca”. In: *Revista América: le gaucho dans la littérature argentine*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, n° 11, p. 152. Ludmer também defende que o *gaucho* não seria a discussão em si dos propósitos gauchescos, mas apenas um meio que suscitaria discussões. LUDMER, J. “No espaço interno do gênero”. In: *O gênero gauchesco...* p. 120.

¹³⁸ DEL CORRO, G. P. “La proscripción de los héroes”. In: *Op. Cit.* P. 123.

¹³⁹ CAMPRA. “En busca del *gaucho*...” p. 312.

particular argentino aos postulados universais europeus.¹⁴⁰ Ampliar o debate sobre a existência ou sobre a “verdadeira” identidade desse *gaucho* narrado ao longo da literatura gauchesca não seria significativo para essa abordagem,¹⁴¹ mas sinaliza que as questões persistiram e ou repercutiram na formação do pensamento nacional, enfatizando o quão caudaloso deve ser considerado o rio do século XIX argentino,¹⁴² não podendo ser resumido à uma simples oposição entre *gauchos* e letrados.

Se aceitamos que esse gênero apresenta-se como um dos mais rígidos movimentos literários, conforme foi colocado por Angel Rama¹⁴³, precisamos encará-lo sob uma precisa funcionalidade política? Segundo Borges, no mesmo artigo em que evoca a criação artística como parte fundamental do processo criativo do intelectual, não estaria na profusão da cor local dos textos nacionais a determinação da identidade político-cultural argentina, mas no ato de nela acreditar.¹⁴⁴ As obras *Facundo* e *Martín Fierro* são, ainda, constantemente debatidas pela historiografia argentina porque oferecem vigor para um repertório que foi processado como sendo a própria consolidação da identidade nacional. Os autores são instrumentalizados e instrumentalizam o debate no qual estão inseridos, ao passo que a tradição se incumbe de direcionar e definir um olhar que, de certa forma, aproxima-se de uma leitura mecanicista. Para romper com esse ciclo interpretativo, faz-se necessário voltar às obras e suas condições de produção e de enunciação, a fim de desmanchar o esforço de naturalização que sobrepuseram os dois textos a partir da reivindicação de uma memória história.

O canto, a serviço de uma mensagem narrativa,¹⁴⁵ pode nos levar a pensar a gauchesca como um meio eficaz de explorar o novo universo intelectual imposto aos político-intelectuais antes da consolidação republicana dos anos 1880, considerando que os

¹⁴⁰ LUDMER, J. “Oralidad y escritura...” p. 33.

¹⁴¹ Podemos citar como grandes exemplos de embates gauchescos os autores Luiz Péres e Estanislao del Campo, autores respectivamente de *Biografía de Rosas* (1830) e *Fausto. Impresiones del gaucho Anastasio el Pollo en la representación de esta ópera* (1866). A literatura gauchesca se fundamenta num diálogo constantemente revisitado.

¹⁴² TRILLO, Mauricio Tenorio. “El XIX, un río”. In: *Argucias de la historia. Siglo XIX, cultura y “América Latina”*. México: Paidós, 1999, p. 16.

¹⁴³ RAMA, Ángel. “Prólogo”. In: RIVERA, Jorge B (coord.). *Poesía gauchesca...* P. XLVII.

¹⁴⁴ BORGES, J. L. *Op. Cit.* P. 292.

¹⁴⁵ RAMA, A. *Op. Cit.* P. XXXVIII.

textos literários são elaborados a partir de construção de significações que dependem das formas como seriam comandadas sua transcrição e transmissão.¹⁴⁶ Assim, o forte símbolo de uma época que carregam Sarmiento e Hernández não deve ser entendido apenas pela síntese política oitocentista que seus textos podem oferecer, mas pela grandiosidade de suas formas, por suscitarem o embate dos saberes do século XIX no país e, também, por nos fazer rever as fronteiras entre cultura e política. Sarmiento e Hernández devem e podem ser estudados mediante o universo da criação artística, porque ao vincular o significado de *Facundo* e *Martín Fierro* às formas literárias estaremos assegurando, nesse motivo, os seus lugares como representantes de embates políticos que definiram uma época.

¹⁴⁶ CHARTIER, R. “História e literatura”. In: *À beira da falésia...* P. 271.

CAPÍTULO 2

Um embate forjado: as reverberações de *Facundo* e *Martín Fierro* na história política e cultural argentina.

Nuestra esfinge, la esfinge del hombre argentino, es la pampa, la extensión ilimitada, con sus horizontes evanescentes, en fuga; la pampa que en diversas formas inarticuladas, que se refunden en una sola nota reiterada y obsesionante, nos está diciendo: ¡O descifras mi secreto o te devoro!

Carlos Astrada

Realizar uma pesquisa sobre a Argentina no século XIX é aceitar o desafio de encontrar reverberações conceituais oitocentistas que aparecem, de forma lenta e constante, em meio aos debates historiográficos travados até os dias de hoje. O trânsito pelas obras de José Hernández e Domingo Faustino Sarmiento não aparece, portanto, como uma simples questão de recorte temático, mas como uma prescrição de leitura e de análise aos curiosos que se aventuram nos estudos do pensamento político e cultural delineado após a independência desse país. Como foi possível notar no capítulo anterior, as principais obras desses autores, *Martín Fierro* e *Facundo: civilización y barbarie*, suscitam temas caros à historiografia argentina, tais como a vida *gaucha*, o debate político na literatura, projetos civilizacionais para o país; assim como fazem recordar importantes marcos históricos: as reviravoltas do governo rosista, as disputas entre cidade e campo, a consolidação e as imposições de uma estrutura estatal em organização, entre outros.

Sem combater a inegável importância desses textos, cabe questionar o que fez com que recebessem tal centralidade nos estudos argentinistas. Assim, o objetivo deste segundo capítulo não é simplesmente recuperar os contextos específicos à consolidação dos clássicos de Sarmiento e Hernández ou, ainda, realizar um balanço historiográfico sobre o

tema;¹⁴⁷ tenho como finalidade levantar alguns propósitos relativos à permanência dessas obras como centro de uma historiografia que, ao aproximá-las, alinha e simplifica as diretrizes de conformação do país.

Nesse ponto, torna-se importante explorar o patamar adquirido pelo século XIX na memória histórica argentina que, segundo Halperín Donghi, ficara marcado como o período de invenção da política nacional.¹⁴⁸ Essa observação sugere que os embates políticos travados após a independência do país, que evidenciam o leque de poderes emergentes em Buenos Aires e no interior, foram lidos como atuações do homem argentino em sua jornada civilizacional. As problemáticas dos discursos independentistas estariam pautadas na ação política e possibilitariam a legitimação do espaço de atuação das novas elites argentinas, proporcionando na construção de um novo aporte cultural o rompimento com o passado colonial, um fardo de características tradicionalistas que a elite intelectual argentina não gostaria de perpetuar.

Uma das principais características oferecida pela herança colonial, e que teria sido fortemente discutida por intelectuais e literatos na Argentina do século XIX, seria a uniformidade cultural dos antigos vice-reinos e capitânias.¹⁴⁹ A forma administrativa do território hispânico, assim como o idioma espanhol e a religião católica, consolidava uma identidade bastante homogênea que suplantavam as autonomias locais que foram sendo constituídas a partir da crise monárquica de 1808, em que a soberania – conceito debatido inicialmente pelas balizas do político – entra em disputa diante do desgaste representativo da corte espanhola em relação ao continente americano.¹⁵⁰ Deste modo, a ênfase nos

¹⁴⁷ Foram vários os autores que se dedicaram a essa tarefa e, portanto, seria impossível escolher alguns nomes para compor uma lista básica de referências. Aliás, esse é o principal motivo pelo qual parece fazer-se sempre necessária uma explicação sobre os caminhos que nos levam a estudar *Martín Fierro* e *Facundo*.

¹⁴⁸ Entrevista a Tulio Halperín Donghi em: TRIMBOLI, Javier; HORA, Roy. *Pensar la Argentina*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1994, p. 42.

¹⁴⁹ FREITAS NETO, José Alves. “A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX”. *Revista Esboços*, n° 20, v. 15, 2008.

¹⁵⁰ François-Xavier Guerra, em seu livro *Modernidad e independencias*, sinaliza para uma quebra de reciprocidade política entre Espanha e América Hispânica a partir dos impasses legais estabelecidos pela crise monárquica entre 1808 e 1810, dois anos cruciais em que o novo e o velho continente conheceram uma tentativa de aproximação política (Junta Central) diante do inimigo comum francês e, conseqüentemente, selaram suas diferenças no debate sobre a soberania nacional. GUERRA, François-Xavier. “Dos años cruciales”. In. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: FCE, 1993.

discursos liberais e o foco no sistema republicano de governança ofereciam aos movimentos independentistas o abandono de práticas políticas consolidadas, postura esta que legitimava a ascensão de novas elites e, ao mesmo tempo, agregava outras instâncias representativas – como o Estado, o povo e a nação.¹⁵¹

Essas seriam algumas das problemáticas gerais enfrentadas pelo continente na ruptura política com a Espanha que, se analisadas localmente, revelam instigantes e distintas perspectivas culturais que fizeram possível a consolidação de novos países. Para o caso argentino, Noemí Goldman e Marcela Ternavasio indicam que a própria indefinição do sujeito de imputação da *soberania* concedeu à região platina destaque sobre as disputas em torno deste conceito, uma vez que ali se apresentaram “disputas muy virulentas que estuvieran más asociadas a determinar donde residia esa voz, que a definir cómo se ejercía la misma”.¹⁵² Sob essa perspectiva, as práticas políticas podem ser definidas como pressupostos da identidade nacional argentina, não por conta do alcance da autonomia territorial, mas porque rompia-se com uma linearidade histórico-cultural imediata, fazendo necessária a construção de novas balizas interpretativas.

A ação política, como responsável por projetar o futuro do país, negava a preexistência da nação argentina, legando uma problemática identitária sem precedentes: como construir uma comunidade política soberana sem o mestiço – *gaucho* bárbaro – e sem

¹⁵¹ Essa perspectiva teórica é pautada nos estudos de José Carlos Chiaramonte, historiador argentino para quem o vocabulário político da independência deve ser tratado em suas próprias divergências, pois esse seria um período em que os significados europeus e norte-americanos para *povo*, *nação* e *Estado* (como exemplos maiores) ganhavam uma dimensão própria na América Latina, sendo toda a problemática atrelada ao ambiente da cidade. Assim, *povo* apresentava-se como sinônimo de cidade, dentro do sentido político de “povos soberanos”; *nação* seria muito importante para entender as “tendências de união” por parte das cidades; e, por fim, *Estado* significava a abstração da jurisdição dos governos, longe da noção moderna de Estado que extirparia os privilégios. CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, estados: orígenes de la nación argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007, p. 115-117.

¹⁵² GOLDMAN, Noemí; TERNAVASIO, Marcela. “Construir la república: semántica y dilemas de la soberanía popular en Argentina durante el siglo XIX”. *Revista de Sociología e Política*, v. 20, n° 42, Curitiba, Jun. 2012, p. 12 (Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-447820120002&lng=en&nrm=iso. Visualização: 27/08/12). Nesse artigo, Goldman e Ternavasio indicam três dimensões que teriam fundamentado os debates em torno da soberania argentina: quem seria o titular, como ela seria representada e como seria limitada. Essas disputas definiriam diferentes lideranças na região platina, que ficariam marcadas por embates políticos entre Unitários – que visavam o Estado-nação como projeto de governo – e federalistas – em defesa da autonomia das províncias e, portanto, das distintas soberanias populares (p. 14).

o indígena? A solução era ter como referência um passado recente que não interferiria nos projetos marcados pelas ideias, agora, de uma elite política, pois seria esse um país que ainda estava por construir. A legitimidade dada pela ação política prescreveria a necessidade de estabelecer o marco de origem como sendo o próprio século XIX.

A partir dessas perspectivas, as obras de Sarmiento e Hernández continuam sendo mares a ser desbravados. Assim, a escolha dessa abordagem define-se como um desafio e uma proposta. O desafio está relacionado diretamente à quantidade de material disponível em torno desses dois grandes símbolos político-culturais. Sendo estes os autores mais estudados na Argentina - principalmente dentro das áreas de história e literatura, mas também sob os holofotes da filosofia, psicologia, geografia -, não se cessa de encontrar novidades nas prateleiras das livrarias, de descobrir um livro tenha passado despercebido pela pesquisa, ou, ainda, de acompanhar todas as publicações eletrônicas sobre o tema. Em Junho de 2012, por exemplo, foi lançado um novo volume de *Historia Crítica de la Literatura Argentina*, coleção dirigida por Noé Jitrik que trouxe para seu quarto volume a exclusividade do tema “Sarmiento”.¹⁵³ Ilustrando a proposta do livro, Jitrik registra a modo de epílogo:

Tal vez quienes tienen respecto de Sarmiento, objeto de este capítulo de la historia que estamos trazando, una opinión, muy definida, y también muy terca, se sientan defraudados – los detractores – o insatisfechos – los cultores –, por el modo como hemos encarado esta recuperación: no es fácil confirmar puntos de vista, a veces muy terminantes y opuestos, sobre figura e personaje al que entramos reconociéndole, al menos, una radical incidencia en la conformación de la literatura y la cultura nacional; el gran escritor queda a salvo en toda controversia.¹⁵⁴

¹⁵³ Dentre os trinta artigos que compõem o número, alguns poucos são reedições de títulos clássicos da crítica literária, como, por exemplo, os de Ricardo Piglia (“El gaucho letrado”) e de Tulio Halperín Donghi (“Lamartine en Sarmiento: *Les confidences* y la inspiración de *Recuerdos de provincia*”) publicados nos anos 1980. O restante trata-se de artigos inéditos.

¹⁵⁴ JITRIK, Noé (coord.). *Historia crítica de la literatura argentina. Sarmiento* Buenos Aires: Emecé, 2012, p. 723.

Diante de cada novo esforço e de autores renomados, que há anos se dedicam ao tema,¹⁵⁵ há a sensação da onipresença de Sarmiento e de Hernández. Em nota introdutória de Leopoldo Zea à grandiosa edição crítica de *Martín Fierro*, coordenada por Élica Lois e Ángel Nuñez em 2001,¹⁵⁶ Zea demonstra uma concatenação das transformações do discurso político argentino, que seria mediado por motivos culturais, iniciado por Sarmiento, discutido por Hernández e ressignificado por Evita e Perón.¹⁵⁷ Ao amarrar os sentidos desses distintos contextos, o autor cria uma unidade cultural que completaria seu ciclo com o passar do tempo e evidenciaria o sentimento nacional, pois

(...) lo que allí se ha formado es una nación diferente que, con otras naciones, formará una Nación de naciones, en nuestra América, Patria grande, en la que caben Sarmiento y su rival Rosas.¹⁵⁸

Para além de emitir juízos sobre possíveis equívocos ou manifestações pueris sobre este tipo de perspectiva, proponho pensar que estes modos de narrar são apenas entradas possíveis às obras, a fim de desvincular o consagrado tom identitário que eles assumem. E assim registra-se a proposta de análise desse capítulo: através da narrativa política, inventa-se a própria ideia de Argentina.

Sarmiento e Hernández e a composição do repertório político na historiografia

O viés político que marcou a história de fundação do país continuaria, então, presente no pensamento argentino pelos séculos seguintes, a ponto de condicionar os debates nacionais – que buscassem os aspectos históricos da cultura, da política e da sociedade argentina – aos motivos desprendidos do próprio século XIX. A consolidação de avatares

¹⁵⁵ Em conferência na Celehis, Jitrik palestrou sobre esse constante retorno às obras de Sarmiento e de Hernández, alegando certa “energia” nessas formas literárias que as tornam únicas. *Cuarto Congreso Internacional Celehis De Literatura*, Mar del Plata, Nov/2011, Universidad Nacional de Mar del Plata.

¹⁵⁶ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.*

¹⁵⁷ ZEA, Leopoldo. “Liminar. *Martín Fierro*”. In: HERNÁNDEZ, J. *Martín Fierro - Edición Crítica*. Lois, Élica; Nuñez, Ángel (coord.). Madrid: ALLCA XX, 2001, p. XIX.

¹⁵⁸ *Idem.*

históricos¹⁵⁹ pode ser percebida na persistência de temas como a *barbárie*, o *caudillismo* e a *vida gaucha*, os quais se constituem como enredos centrais de estudos até os dias de hoje, uma vez que oferecem uma respeitada base analítica por conta de suas representatividades do discurso nacional. Assim, a historiografia do século XX e XXI tem na sua esteira uma bagagem interpretativa que reitera as questões pós-independentistas a fim de constituir certa filiação historiográfica.

O próprio reconhecimento de tais temas como indícios fundamentais para a compreensão dos debates oitocentistas registra a conformação de uma cultura historiográfica. As explanações de *Facundo* e de *Martín Fierro* acabam engessadas pelas expectativas que reverberam nas constantes releituras dessas obras, revelando a valorização de uma história eminentemente *criolla* pautada pelo embate entre civilização e barbárie presente nas tensões vividas pelo homem *gaucho*, que seriam reflexos do binarismo cunhado pelo ensaio de Sarmiento e consagrado pela canonização do poema de Hernández. Portanto, uma análise dos três temas enunciados, elegendo alguns autores entre as décadas de 1980 e 2000 como exemplos dessas abordagens historiográficas, nos fornece pistas sobre as diretrizes de uma cultura argentina que suspende suas características identitárias na trama originária do século XIX. A escolha dos autores deu-se pela busca de um diálogo historiográfico mais recente e, nisso, a possibilidade de problematizar esse momento acadêmico que se propôs a revisar os equívocos de homogeneização da história político-cultural do país.

Pode-se dizer que a *barbárie* é um dos temas mais requisitados quando o assunto evocado é política e cultura no século XIX. O conceito *barbárie* remete imediatamente ao binômio em que seu oposto é a *civilização*, oferecendo espaço para discussões sobre os mais diversos segmentos da sociedade argentina, desde a configuração literária até o comportamento político e moral dos homens oitocentistas em sua busca civilizacional. Assim, para trazer um olhar recente sobre essa *barbárie* e discutir a sua permanência entre as reflexões teóricas, escolhemos duas autoras que indicam nesse conceito a chave para

¹⁵⁹ Utilizo aqui a perspectiva conceitual de “avatares históricos” definida por Maristella Svampa *El dilema argentino*, expressão na qual a autora identifica a presença de termos ontológicos na narrativa historiográfica argentina.

compreendermos a formação e o desenvolvimento do pensamento argentino até os dias atuais. Maristella Svampa, em *El dilema argentino: civilización y barbarie* (1994), e María Rosa Lojo, em *La barbarie en la narrativa argentina (siglo XIX)* (1994), apresentam perspectivas teóricas bastante diferentes sobre o tema, sendo a primeira uma socióloga preocupada com os diversos significados dessa barbárie segundo marcos políticos, e a segunda, uma crítica literária que considera a barbárie dentro do universo narrativo do século XIX.¹⁶⁰ No entanto, ambas chegam a uma mesma conclusão: a irrevogabilidade do jogo entre civilização e barbárie para a cultura argentina, uma vez que o ato de definir o bárbaro elegeria os diferentes inimigos morais que a civilização enfrenta ao longo de sua trajetória.

Em sua introdução, Svampa indica que a relação entre *civilização e barbárie* foi pautada por uma tradição liberal, a qual segue valorizando e ressignificando a imagem bárbara na Argentina.¹⁶¹ Sarmiento já teria deixado em aberto a dissolução deste conceito ao valer-se do binômio, não para realizar a autópsia do seu país com *Facundo*, “(...) sino el dignóstico de una realidad social, donde él ve el triunfo explosivo de la barbárie”.¹⁶² Definindo a história argentina como um lugar de conflitos,¹⁶³ Svampa marca na relação dual sarmientina uma linguagem política, definidora do contato inextrincável entre política e cultura no país.¹⁶⁴

A primeira parte do livro tem como propósito apresentar a formação dessa linguagem política e, para isso, Svampa vale-se de um didatismo cronológico que cria uma linearidade histórica nos usos e nas variantes dos conceitos, passando pelas funções do binômio na Europa entre os séculos XVIII e XIX; considerando as rearticulações do conceito *bárbaro* diante dos latino-americanos; para, por fim, pensar a especificidade dessa relação cunhada

¹⁶⁰ Uma das características predominantes do material elencado é a interdisciplinariedade. A partir dessa constatação, chamo genericamente de “historiográfico” o debate que essa vasta bibliografia apresenta, segundo os movimentos temporais perseguidos nessa dissertação.

¹⁶¹ SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización y barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006, p. 10.

¹⁶² *Idem*, p. 37.

¹⁶³ *Idem*, p. 13

¹⁶⁴ *Idem*, p. 12-13.

por Sarmiento e constantemente resgatada pela história política argentina.¹⁶⁵ Percebe-se que o propósito da autora é desarticular a aura ontológica que pode ser atribuída a esses conceitos, que seriam erroneamente compreendidos como mundos incompatíveis e fechados um ao outro.¹⁶⁶ Assim, para além da monstruosa dualidade que segregaria dois mundos, Svampa convida-nos a considerar as diferentes figuras que comporiam essa “oposição”, distanciando-nos de uma perspectiva que sugira “exclusão”.¹⁶⁷

O que nos chamou atenção nesse trabalho é a naturalização com que a autora lida na interpretação do passado argentino como sendo o século XIX. A perspectiva historiográfica de Svampa questiona as possíveis correspondências transatlânticas dos conceitos e valoriza o esforço local de estabelecê-los e, com isso, reitera as premissas próprias do período pós-independentista. Embora o esforço da autora seja de extirpar uma essência da barbárie, ela torna os discursos políticos do país modelar – indicando, inclusive, ressonâncias binárias no peronismo e pós-peronismo.¹⁶⁸ Não acredito que o problema argumentativo esteja na identificação da reverberação dos conceitos, mas na crença de que neles esteja fundamentada a problemática cultural do país, como uma pauta oitocentista que se recusa a dar espaço para outras abordagens.

Concentrando seus esforços no estudo da barbárie dentro do espaço narrativo argentino, Lojo também inicia sua análise a partir de uma revisão dos conceitos *civilização* e *barbárie*, usados na Europa e reformulados na América, identificando a manutenção de um modelo binário que abriu espaço para as críticas da própria construção discursiva durante as experiências civilizacionais.¹⁶⁹ A autora identifica que o discurso sobre o “outro”, ou seja, do bárbaro que representaria a escória moral da civilização almejada, emanaria dos debates da modernidade e neles estariam registradas as diferentes possibilidades de construção do social. Questionando as limitações de grandes linhas

¹⁶⁵ A autora estende as articulações destes conceitos para as diferentes experiências políticas vividas pela Argentina moderna da primeira parte do século XX, identificando nos embates nacionalistas e peronistas as adaptações da linguagem política sarmientina.

¹⁶⁶ *Idem*, p. 54.

¹⁶⁷ *Idem*, p. 61.

¹⁶⁸ *Idem*, p. 55

¹⁶⁹ LOJO, María Rosa. *La barbarie en la narrativa argentina. Siglo XIX*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1994, p. 12-13.

explicativas – como a psicanálise, o estruturalismo e o marxismo – que não teriam dado a devida atenção ao saber que adviria do universo literário,¹⁷⁰ Lojo registra o relativismo como marca indelével das discussões civilizacionais, acreditando que ele pudesse oferecer uma reflexão que ultrapassaria os esquemas progressistas que evidenciam apenas o lado racional do ser humano, talvez por conta do “profundo temor a todas las aventuras humanas (...)”¹⁷¹.

A base teórica apresentada por Lojo para analisar as obras narrativas argentinas estaria nas premissas defendidas pelo francês René Girard, para o qual a violência estaria na origem de todas as culturas, constituídas a partir da peculiar hermenêutica do desejo.¹⁷² Tal relação seria garantida pela presença e nomeação do “outro”, constantemente atualizada por conta da figura do *mediador*, sendo ele aquilo que aproxima e afasta, simultaneamente, os opostos no jogo entre *civilização* e *barbárie*. Assim, Lojo valoriza o desejo mimético como fundamental para compreender a narrativa argentina do século XIX porque identifica que a *barbárie*, ao mesmo tempo em que assombraria, seduziria a *civilização*. Sarmiento é uma das figuras exemplares trabalhada no livro, que o define como mediador dos defeitos bárbaros,¹⁷³ sendo defensor dos valores civilizacionais por ele oferecidos. Seu inimigo, Rosas, seria o alvo de toda a sua escritura, uma vez que ele trazia para a civilização os impasses da presença bárbara, a qual não poderia ser negada ou refutada, mas ultrapassada.¹⁷⁴ Concedendo a Sarmiento esse papel de intermediário, Lojo apresenta a originalidade estética do autor e defende que ele sabia estar construindo um livro à parte da obra *Facundo*.¹⁷⁵

¹⁷⁰ *Idem*, p. 25.

¹⁷¹ *Idem*, p. 20 Lojo defende abertamente as teorias pós-modernas que autores como Juan José Sebreli questionariam.

¹⁷² *Idem*, p. 21.

¹⁷³ *Idem*, p. 27.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 26-27.

¹⁷⁵ *Idem*, p. 71. Vale indicar que o autor Ricardo Piglia também compreende a obra sarmientina sob essas perspectivas: “Sarmiento expresa mejor que nadie la concepción de una escritura verdadera que sujeta la ficción a las necesidades de la política práctica: escribe desde el Estado (futuro) y en *Facundo* usa la ficción con toda suerte de artimañas y la define como la forma básica que tiene el enemigo de hacer la historia. Para Sarmiento la ficción condensa la poética (seductora) de la barbarie”. PIGLIA, Ricardo. “Ficción política en la literatura argentina”. In: *Crítica y ficción*. Buenos Aires: Editorial Anagrama, 2006, p. 121.

O estudo de Lojo chama nossa atenção para a presença da barbárie como categoria discursiva fundamental em meio aos projetos civilizacionais, ao passo em que defende

(...) nuestra ‘barbarie’ es en definitiva una construcción teórica, una declaración de imposibilidades que impiden hacer del caos un orden, que ahonda la distancia secular entre la ‘idea’ y el ‘barro’.¹⁷⁶

Com essa postura crítica, a autora apresenta a perspectiva de que a *barbárie* seria uma verdadeira obsessão argentina e que a história a teria resgatado sob diversas máscaras, tendo ainda hoje uma “(...) perturbadora capacidade de mobilizar”.¹⁷⁷ Lojo acaba por definir a violência interior – ou seja, simbólica – como parte constituinte da identidade cultural argentina, atualizando, assim, os debates oitocentistas para os dias de hoje.

Como é possível observar, ambas as autoras partem de premissas teóricas distintas para organizar seus estudos, sendo que Svampa vale-se da *barbárie* como conceito histórico, enquanto Lojo a define como categoria discursiva. De qualquer forma, elas alcançam um mesmo ponto analítico: a imprescindibilidade da imagem bárbara para a apreciação da cultura argentina, oferecendo a ela uma atemporalidade por conta de sua complexidade performática. Assim, embora Svampa e Lojo proponham ultrapassar os limites da essência a que tal conceito seria comumente circunscrito, acabam elegendo-o como mecanismo fundamental de abordagem.

Outros dois temas aqui anunciados, de alguma forma, relacionam-se com o binarismo cunhado por *Facundo*, uma vez que são abordados como desdobramentos dos embates da *barbárie* que ajudariam a demarcar a complexidade cultural e política vivida na Argentina. Os estudos de Ariel de La Fuente, *Los hijos de Facundo: caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino (1853-1870)* (2000); de Noemí Goldman, *Legalidad y legitimidad en el caudillismo: Juan Facundo Quiroga y La Rioja en el interior rioplatense (1810-1835)* (1993); de Cristina Iglesia, *Secretarios de la pampa. Apuntes sobre la figura del secretario letrado del caudillo*

¹⁷⁶ LOJO, M. R. *La barbarie en la narrativa...* P. 39.

¹⁷⁷ *Idem*, p. 183.

(2008); e de Pablo Ansolabehere, *Martín Fierro: frontera y relato* (2008) – os dois últimos sendo artigos publicados no livro *Fronteras Escritas: limites, desvíos y pasajes en la literatura argentina* –,¹⁷⁸ são exemplos de novas perspectivas aos temas que envolvem o *caudillismo* e a *vida gaucha*, pois abrem fronteiras para novos sujeitos e também dispõem de novas fontes documentais. Curiosamente, suas interessantes abordagens questionam, dialogam, revisam, mas não abandonam o debate oitocentista e suas premissas explicativas, quais sejam sobre política e cultura.

Em seu livro *Los hijos de Facundo*, De La Fuente tem como proposta revisitar criticamente um tema marcado pela visão oitocentista da história, segundo a escrita de Sarmiento, Hernández e Eduardo Gutiérrez: a história do caudilho Chaco Peñaloza na região de La Rioja, nas décadas de 1850 e 1860 em meio aos processos de formação do Estado Nacional. Nas palavras do autor:

No obstante, quisiera trascender La Rioja usando este estudio de caso para revisar el conocimiento convencional sobre el caudillismo y cuestionar las explicaciones actuales del tipo de contienda bipartidaria que definió la política de todo el continente en ese período. Y aunque el proceso de formación del Estado no es el principal foco de este libro, esta investigación ayudará a comprender los conflictos y la resistencia que el proceso desencadenó en las áreas rurales de Argentina y América Latina.¹⁷⁹

De la Fuente indica haver uma linha explicativa registrada em *Facundo* que seria ainda hoje incorporada para as análises sobre o *caudillismo*: se Sarmiento definiu o sistema pós-independentista sob as premissas do despotismo oriental,¹⁸⁰ Tulio Halperín Donghi, por exemplo, o definiria como a ruralização do sistema político.¹⁸¹ De la Fuente critica tal

¹⁷⁸ BATTICUORE, Graciela; EL JABER, Loreley; LAERA, Alejandra. *Fronteras Escritas: limites, desvíos y pasajes en la literatura argentina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2008.

¹⁷⁹ FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo: caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino (1853-1870)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007, p. 19.

¹⁸⁰ A barbárie exemplificada no modo de vida política e cultural advindas do Oriente, ou melhor, daquilo que não é valorizado pelo Ocidente como ação civilizacional.

¹⁸¹ *Idem*. Esse tema é também explorado em uma das mais conhecidas obras de Halperín Donghi, ver: *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

foco nas questões políticas e econômicas em torno do *caudillismo*, que apenas abarcaria as ações do “líder Caudillo” dentro desse sistema. Sua proposta seria, então, pensar os seguidores destes *caudillos*, no registro de uma cultura política que os conectaria.¹⁸² O autor percebe que o próprio século XIX teria compreendido a ampla dimensão do sistema *caudillesco*, pois

(...) la supervivencia del federalismo en la cultura popular rural ya había sido reconocida en 1879 por comentaristas que explicaban el éxito de *El gaucho Martín Fierro* y *La vuelta de Martín Fierro*, señalando las inclinaciones políticas de sus lectores y su audiencia.¹⁸³

De La Fuente organiza sua proposta tendo como base uma perspectiva da História Cultural, criticando os estudos que privilegiam Buenos Aires como modelo da política nacional e não valorizam as dinâmicas e as tradições locais. Em seu trabalho, destacam-se a compilação documental e as novas propostas de análise a partir de materiais inéditos sobre o folclore de La Rioja, provenientes de um programa de história oral dos anos 1920 que também permitiram ao autor fazer um levantamento minucioso dos dados sócio-culturais da população.¹⁸⁴ Esse estudo de caso traz referências teóricas já bastante conhecidas como Benedict Anderson, Robert Darnton, Peter Burke, Lawrence W. Levine, entre outros, com o objetivo de suprir a falta de atenção dada aos *gauchos* no processo de formação do Estado argentino.¹⁸⁵

Apesar de De La Fuente não negar a importância dos processos históricos mais amplos, o foco de seu trabalho é pensar a cultura *caudillesca* da perspectiva da população que a apoiaria. Dessa forma, o autor atravessa uma barreira analítica, mas não a renova. Sarmiento continua sendo a referência principal de sua análise, a linha interpretativa que organiza um debate cultural – resvalando desde Hernández até os dias de hoje – e que segue

¹⁸² *Idem*, p. 20.

¹⁸³ *Idem*, p. 248.

¹⁸⁴ “En 1921, el Consejo Nacional de Educación ordenó a los maestros primarios de las llamadas escuelas Láinez en todo el país entrevistar a personas ancianas de sus comunidades. Los maestros anotaron el repertorio oral brindado por los informantes y lo enviaron a Buenos Aires, donde eventualmente se alojó la colección en el Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano”. *Idem*, p. 158.

¹⁸⁵ *Idem*, p. 24

privilegiando não só os grandes marcos políticos, mas as balizas interpretativas que se consolidavam ao seu redor. Com De La Fuente, o binarismo *civilização e barbárie* parece ter sido convertido em “elitismo” versus “popular”, servindo mais como preenchimento de uma suposta lacuna temática do que uma revisão metodológica de análise.

Pensando a própria categoria *caudillesca* e seus registros teóricos, encontramos o texto de Noemí Goldman, *Legalidad y legitimidad en el caudillismo*. A autora reflete sobre a precariedade da relação opositora entre *caudillismo* e urbanismo que ainda preponderaria no imaginário argentino, propondo uma análise que tornariam paralelas as criações das instâncias estatais e a consolidação do regime *caudillo* em La Rioja.¹⁸⁶ O objetivo de Goldman seria desarticular o sentido historiográfico consolidado no século XIX – iniciado por Sarmiento – que associou a figura dos *caudillos* a uma política personalista e ou a uma democracia bárbara.¹⁸⁷

Nesse artigo, Goldman apresenta uma breve cronologia dos sentidos atribuídos ao *caudillismo*, enfatizando a importante reviravolta interpretativa que Tulio Halperín Donghi teria formado nos anos 1960 ao demonstrar que o alcance da militarização e da democratização argentina após a independência só teria sido possível por conta de alianças políticas garantidas pela rede social *caudillesca*.¹⁸⁸ Assim, a autora entende que aproximar o surgimento das províncias às organizações dos *caudillos* seria uma forma importante de se opor à tese sarmientina que teria sugerido a anarquia espontânea do interior do país.¹⁸⁹

(...) la participación de la campaña en la vida local es previa al ascenso al poder del caudillo y se produce por vía legal con objetivo de legitimar el

¹⁸⁶ GOLDMAN, Noemí. “Legalidad y legitimidad en el caudillismo: Juan Facundo Quiroga y La Rioja en el interior rioplatense (1810 – 1835). *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”*, n° 7, 1° semestre, 1993, p. 31-32.

¹⁸⁷ *Idem*, p. 32.

¹⁸⁸ *Idem*, p. 33. No livro *Caudillismo rioplatense: nuevas miradas a un viejo problema*, no qual Goldman é organizadora, há um artigo de M. Svampa (“La dialéctica entre lo nuevo y lo viejo: sobre los usos y nociones del caudillismo en la Argentina durante el siglo XIX”) que confluem as perspectivas teóricas das autoras. Ver: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (comp.). *Caudillismos rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005, pp. 51-81 (1ª edição 1998).

¹⁸⁹ *Idem*, p. 34.

poder de la élite local dentro de un nuevo orden político: el de la autonomía provincial.¹⁹⁰

A partir dessa incorporação teórica, Goldman centra seus esforços em mostrar que o poder de Facundo Quiroga – escolhido simbolicamente para representar sua abordagem crítica, provavelmente, para tornar mais evidente seu diálogo com a herança interpretativa de Sarmiento –, era regularizado, ainda que carregasse as marcas de uma administração colonial.¹⁹¹ Parte dessa expectativa, de que Quiroga seria líder de grupos armados desprovidos de leis e de autonomias, a autora atribui à perda da documentação dos arquivos de La Rioja, o que teria endossado a falta de jurisdição governamental das províncias.

Goldman conclui que concomitantes à autoridade do *caudillo* surgiram esferas do poder estatal provincial e certo ordenamento burocrático, sendo ele amparado tanto por relações informais quanto formais que “no escapó a la percepción de los propios actores”.¹⁹² Chama-nos atenção os esforços da autora de realocar os mecanismos da política liberal do século XIX a fim de incluir a política interiorana *caudillesca* como pilar vital do desenvolvimento democrático no país. O intuito de despojar a característica bárbara tradicionalmente legada à política do *caudillismo* na Argentina é louvável e traz um olhar inovador sobre a documentação oficial da região de La Rioja;¹⁹³ no entanto, a baliza que fundamenta a argumentação é a inversão de lugares entre o que se conhece como centro e periferia e, também, como público e privado, sem alcançar uma discussão sobre a dinâmica desses espaços no período. Nesse sentido, Goldman se aproxima da perspectiva de De La Fuente, porque oferece voz a atores esquecidos ao longo da história nacional, ampliando a lógica narrativa liberal para o interior do país.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 42

¹⁹¹ *Idem*, p. 39. No uso do termo “herança colonial”, a autora sugere os usos do poder autoritário desprendidos pelos *caudillos* em suas posturas políticas.

¹⁹² *Idem*, p. 58.

¹⁹³ O trabalho de pesquisa da autora é bastante amplo e envolve outros pesquisadores do CONICET, sendo que o principal arquivo desbravado é o *Archivo del Brigadier General Juan Facundo Quiroga*, pertencente ao acervo Documentos para la Historia Argentina, Instituto de Historia Argentina e Americana “Dr. Emilio Ravignani”, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, Serie Microfilms, año 1831, doc. 2417.

A perspectiva de ambos os autores parece enfatizar um diálogo possível dentro da História Cultural que seria a microhistória, num exercício de construir um debate histórico a partir de um estudo de caso. É curioso pensar que essa é uma defesa teórica própria dos anos 1980, que procurou ampliar o campo social do estudo historiográfico a partir de uma análise histórica “sem sujeito”,¹⁹⁴ mas que já foi bastante debatida pela década seguinte. Maria Helena R. Capelato, por exemplo, define como problemática historiográfica, em artigo de 1992, “o desaparecimento do grande personagem da historiografia e sua permanência na história política”.¹⁹⁵ O descompasso apontado pela autora sugere que o problema não estaria no fazer a história da elite, mas na rígida inversão de uma lógica argumentativa em prol do social, que não deixou de ser dogmática.

A historiografia não pode ignorar os personagens que se destacam na cena da história. Eles não a conduzem como indica a historiografia tradicional que produziu a figura do herói, mas sua presença tem um significado que deve ser compreendido ao invés de diluído nas análises estruturais.¹⁹⁶

Buscando sobrepor-se a essa rígida e constante oposição metodológica de análise, os organizadores de *Fronteras escritas* apresentam, na introdução do livro, a definição do conceito “fronteira” e a pluralidade interpretativa que ele pode proporcionar na abordagem das relações entre liberalismo e federalismo, cidade e interior ou, ainda, entre *civilização* e *barbárie*. Ela seria, portanto, uma zona de condensação simbólica que pode revelar tanto um processo como um lugar de escrita.¹⁹⁷ Os artigos reunidos contemplam esse olhar multifacetado sobre a “fronteira” argentina, deixando transparecer como fio condutor dessa abordagem a aventura pessoal, ou seja, a experiência do relato da qual nasceria uma possível dimensão político-cultural.¹⁹⁸ Sarmiento e Hernández são dois dos grandes nomes

¹⁹⁴ Incluo a questão de Goldman nesse debate porque acredito que, embora ela construa seu artigo a partir da figura de Facundo Quiroga, seu objetivo é alcançar o que estaria “para além do sujeito”, identificando as organizações estruturais e sociais que significaram a cultura política *caudilla* e teriam sido incorporadas, posteriormente, pelo discurso político liberal portenho.

¹⁹⁵ BRESCIANI, Maria Stella; SAMARA, Eni de Mesquita; Lewkowicz, Ida. *Jogos da política: imagens, representações e práticas*. São Paulo, SP: ANPUH: Marco Zero, 1992, p. 241.

¹⁹⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. “O personagem na história. Perón e Eva: produtos da sociedade argentina”. In: *Idem*.

¹⁹⁷ BATTICUORE, Graciela; EL JABER, Loreley; LAERA, Alejandra (coord.). *Fronteras Escritas...* P. 13.

¹⁹⁸ *Idem*, p. 17.

referenciados nessa obra, analisados a partir da perspectiva de que a fronteira não limita, mas amplia os horizontes de quem a cruza.

Para ello decidimos abordar un período amplio y extendido en el tiempo, que abarca precisamente las representaciones, las imágenes y los imaginarios de época, los procesos simbólicos, los relatos, las ficciones de la frontera, desde la conquista española hasta fines del siglo XIX. Encaramos un registro de temas, autores y textualidades variado: tanto aquellos cuyo abordaje resulta insoslayable a la hora de pensar los ejes principales de las problemáticas que ciñen el mundo de la frontera en el plano de la literatura y la cultura argentinas, como otros que son bastante menos previsibles pero que, leídos desde el concepto de frontera, se iluminan de una manera reveladora.¹⁹⁹

No artigo de Cristina Iglesia, *Secretarios de la pampa*, essa proposta de ampliar o horizonte teórico oferece espaço à figura do secretário dos *caudillos*, um homem intelectual, oriundo do universo civilizado da cidade, que teria cruzado a fronteira da barbárie para oferecer a pena aos *gauchos* das Campanhas.²⁰⁰ Iglesia volta ao texto *Facundo* para demonstrar como Sarmiento edificou e consolidou a imagem dos que ele considerava “traidores letrados” que, apesar de reconhecer na ação dos secretários a possibilidade do diálogo,²⁰¹ estariam eles fadados ao fracasso, pois a traição seria parte da essência *gaucha* e nada mais seriam do que mediadores entre dois mundos.

Para exemplificar seu argumento, Sarmiento contaria a história do secretário de Facundo Quiroga, o doutor Santos Ortiz, que compreenderia, obviamente antes do próprio *caudillo*, a sua derrocada.²⁰²

El Dr. Ortiz hace un último esfuerzo por salvar su vida y la de su compañero; despierta a Quiroga, y Le instruye de los pavorosos detalles que acada de adquirir, significándole que él no le acompaña si se obstina en hacerse matar inútilmente. Facundo con gesto airado y palabras

¹⁹⁹ *Idem*, p. 16-17.

²⁰⁰ IGLESIA, Cristina. “Secretarios de la pampa. Apuntes sobre la figura del secretario letrado del caudillo *gaucho*”. In: *Fronteras escritas...* P. 105.

²⁰¹ “Cuando el caudillo escribe sin secretario sus proclamas son, para Sarmiento, ‘monumentos de la época de la barbarie’”. *Idem*, p. 101.

²⁰² Segundo a análise de Iglesia, Sarmiento colocaria o secretário como personagem central na cena em que Quiroga e, conseqüentemente, Ortiz, são assassinados em Barranca Yaco, descrevendo seus últimos gestos, cujo intuito era salvar o caudilho.

groseramente enérgicas, le hace entender que hay mayor peligro en contrariarlo allí, que el que le aguarda en Barraca-Yaco, y fuerza es someterse sin más réplicas.²⁰³

Iglesia chega a demonstrar como o próprio Sarmiento teria assumido esse papel de “secretário” por meio de seus intentos em orientar um dos líderes da derrocada rosista, o General Urquiza, em 1852, uma vez que as circunstâncias históricas assim dele exigiram.²⁰⁴ Assim, o ato de cruzar a fronteira marcaria definitivamente o passado urbano e civilizado dos intelectuais argentinos, que conformariam “uno de los procesos de escritura americana más originales del siglo XIX”.²⁰⁵

O objetivo central do artigo de Iglesia parece ser o de demonstrar, nessa figura do secretário, uma relação de ambiguidade tal que questionaria a rígida dicotomia *civilização e barbárie* com que tem trabalhado a crítica argentina, frisando estar nesse espaço fronteiro e, por isso, aberto a complexidade da relação que existiria entre intelectualidade e poder no século XIX. Do meu ponto de vista, Iglesia não dissolve a dicotomia, reafirmando-a com essa postura, pois, ao invés de dissolver tais balizas teóricas a partir do uso conceitual de *fronteira*, ela reaviva a lógica do contato entre dois mundos, tão bem definidos e estruturados que, em algum momento, chegaram a cruzar seus propósitos. Na análise da autora, não há sobreposição de interesses, mas apenas aproximações que confluem na consolidação do universo *criollo* argentino. A *fronteira* continua sendo definida pelos paradigmas da civilização.

Corroborando com essa perspectiva, encontramos o artigo de Pablo Ansolabehere, *Martín Fierro: frontera y relato*, para quem a *fronteira* deveria deixar de ser analisada como um espaço natural, visto que ela seria imposta como condição aos *gauchos*.²⁰⁶ Observando que o espaço fronteiro, numa primeira instância, deveria ser considerado em seu sentido militar, o autor recupera de *Martín Fierro* seu contexto político e as

²⁰³ SARMIENTO, D. Faustino. *Facundo (prólogo y notas de Alberto Palcos)*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1961, p. 221-222 *apud* IGLESIA, C. *Op. Cit.* p. 109.

²⁰⁴ *Idem*, p. 108.

²⁰⁵ *Idem*, p. 97; 102.

²⁰⁶ ANSOLABEHHERE, Pablo. “Martín Fierro: frontera y relato”. In: *Fronteras escritas...* P. 234.

experiências de seu criador para demonstrar que a imposição das instituições estatais interferiria no sentido físico e funcional dos *gauchos*, transformando-os em soldados do desprovido exército argentino frente ao território indígena.²⁰⁷

Ansolabehere indica a habilidade de Hernández em registrar no poema as críticas que imputava ao serviço das fronteiras durante sua atividade como periodista,²⁰⁸ atacando uma organização estatal que através de instituições legais traçava o destino da vida *gaucha*, pois “se trata, em definitiva, del mundo de la política que llevó, recordemos, a Martín Fierro a la ‘frontera’”²⁰⁹. Ansolabehere sugere que o conceito “frontera” poderia ser assim destacado com aspas porque, no caso argentino em análise, ele indicaria um lugar específico, abandonando o significado corriqueiramente atribuído ao substantivo *frontera*:

Punto inicial del itinerario del *gaucho* perseguido, la frontera se convertirá en el primer espacio infernal de la historia y, consecuentemente, en el lugar de aprendizaje donde el *gaucho* manso, que no supo huir en el momento de la redada (como sí lo hicieron otros, más sabios que él), va a ir aprendiendo, a través del sufrimiento, ciertas verdades sobre el mundo que el cantor va a convertir en parte fundamental de su historia.²¹⁰

Ansolabehere parte da perspectiva teórica de que a *frontera* resultaria estritamente dos esforços civilizacionais e, então, a cidade passava a ser o grande fantasma definidor dos limites físicos, os quais não se poderiam cruzar.²¹¹ A obra de Hernández serve como aporte para as críticas do autor em relação aos desmandos citadinos e suas imposições aos socialmente marginalizados que, no caso dos anos 1870, seriam os *gauchos*, os indígenas e os estrangeiros. O autor chega a indicar as diferentes relações que definiram indígenas e estrangeiros como marginalizados junto aos *gauchos*, entendendo que o *gaucho* pertenceria ao mesmo universo rural que o indígena, o qual, inclusive, o teria iniciado no ato de matar;

²⁰⁷ *Idem*, p. 236-237.

²⁰⁸ Nesse caso, Ansolabehere cita, principalmente, o periódico *El Río de la Plata*, no qual Hernández teria deixado as primeiras marcas do que seria firmado em *Martín Fierro*.

²⁰⁹ *Idem*, p. 242. A principal lei relacionada ao poema *Martín Fierro* é a Lei de Leva, que possibilitava o recrutamento forçado dos *gauchos* interioranos considerados “desocupados”, obrigando-os a servir ao Estado nas frentes de avanço sobre as *tolderias* (assim chamados os espaços de morada indígena).

²¹⁰ *Idem*, p. 239.

²¹¹ *Idem*, p. 257. “Martín Fierro puede vivir en la instancia, en el fortín, cruzar la pampa y el desierto, vivir en los toldos, pero ni se le ocurre atreverse con la ciudad”.

e que o estrangeiro pertenceria ao seu mesmo universo institucional do *gaucho* e, por isso, ambos seriam perseguidos. Estabelece-se, assim, uma complexa relação entre “outro” “igual” que colocaria os três na condição de excluídos.²¹²

Ainda que Ansolabehere busque uma maior dinâmica social em sua abordagem sobre a *vida gaucha*, ele não deixa de significá-la como resquício da história civilizacional *criolla*, uma vez que busca definir no embate entre *civilização e barbárie* certa justiça histórica para as três figuras destacadas. Tal postura nos leva a pensar que, antes de propor uma análise histórica, Ansolabehere estabelece uma “retórica da culpa”, a partir da qual apenas reorganiza sua argumentação entre vencedores e vencidos.²¹³ Ao contrário do que firmou Iglesia, o autor garante distintos pesos na relação entre a *civilização* e a *barbárie*, principalmente entre os que integrariam esta última categoria. De qualquer forma, a fronteira em si continua significando o que está fora da cidade.

Assim, existem dois lados bem demarcados e excludentes nessas propostas de leitura sobre a realidade fronteiriça ao longo da história argentina no século XIX, que possibilitam tanto a Iglesia defini-la partir de interesses pessoais – como os dos intelectuais –, quanto a Ansolabehere interpretá-la como resultado de interesses públicos, por conta de ações estatais. Nesse jogo entre o que seria externo e interno à civilização, o bárbaro continua sendo para a historiografia um mero coadjuvante da trajetória civilizacional da Argentina.

A cultura historiográfica e o jogo político argentino

Essa breve apreciação de trabalhos mais recentes que recuperam as clássicas obras *Facundo* e *Martín Fierro*, a partir das mais diversas perspectivas analíticas, teve como proposta mapear as dinâmicas de uma cultura nacional bastante politizada e pautada nos

²¹² *Idem*, p. 240.

²¹³ Essa forma de apreciação é resultado de uma leitura do texto de Edward Said que, preocupado em tornar complexas as relações estabelecidas pelas experiências colonizadoras e imperialistas da Europa sobre outros continentes, questiona se ao aceitar a “retórica da culpa” não estariam os historiadores resumindo a História a uma forma de denunciar e passado e, assim, reiterando os discursos de dominação propriamente civilizacionais europeus. SAID, Edward. “Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas”. In: *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 50.

temas e debates oitocentistas. Assim, ao passo em que os textos selecionados são percorridos, é possível observar a discrepância do volume de trabalhos recentes sobre Hernández e Sarmiento, o que me faz considerar duas vertentes analíticas, que não deixam de ser complementares: a ação política oferecida pela narrativa de *Facundo* tornou-se rapidamente uma referência em toda a América Latina, até mesmo durante seu próprio período de publicação; a obra de Sarmiento parece oferecer maior fôlego político para as expectativas historiográficas argentinas, congregando uma diversidade de expectativas. A questão a que me proponho pensar não é identificar qual obra seria mais importante na história Argentina, mas sinalizar qual tópica foi privilegiada durante a formação dessa cultura historiográfica.

Para Roy Hora e Javier Trimboli, em livro que reúne entrevistas com renomados historiadores argentinos da atualidade,²¹⁴ nos anos 1960 e 1970 a detenção do saber histórico estaria relacionada a uma intrínseca capacidade de realizar uma política crítica, sendo a história vista como espaço alternativo de satisfação tanto profissional quanto pessoal.²¹⁵ Até mesmo com as mudanças sofridas pela historiografia nos anos 1980, decorrentes da reorganização da disciplina de História nas universidades durante o período de redemocratização do país, assim como da perda da posição hegemônica da história social com a incorporação de novos objetos e problemáticas culturais, Hilda Sabato vai defender o *lugar* do fazer histórico antes de se propor a pensar na função desse fazer.²¹⁶

O que os autores indicam é a dinâmica de uma historiografia que se relaciona prontamente com a sua história nacional, marcada por intensos debates políticos seculares que permeariam o esboço dos demais aspectos da sociedade, como a cultura e a questão indígena, por exemplo. Assim, afirmações como a de Beatriz Sarlo, sobre a impossibilidade

²¹⁴ HORA, R.; TRIMBOLI, J. *Op. Cit.*

²¹⁵ A fim de não limitar essa relação entre política e o pensamento nacional argentino ao contexto contestatório de Ditadura Militar vivido pelo país em torno dos anos 1970, Hora e Trimboli defendem que a própria experiência historiográfica deveria ser entendida como experiência política, refutando interpretações que geralmente a reduzem a questões meramente estéticas ou profissionais. *Idem*, p. 14.

²¹⁶ SABATO, Hilda. “La historia en fragmentos: fragmentos para una historia”. *Punto de Vista*. Agosto/2001, n° 70, p. 41-42.

de pensar algo em seu país que não passe pelo crivo da política,²¹⁷ poderiam soar como desabafo, mas acabam se revelando uma postura teórico-argumentativa: “Yo creo en la política, en la especificidad de la política, en la política como profesión, y por supuesto en las nuevas formas de hacer política”.²¹⁸

Essa problemática política também foi alvo das observações de Juan Manuel Palacio, que aponta uma ausência temática fundamental na formação desse pensamento argentino: a perspectiva latino-americana teria sido abandonada nas últimas décadas.²¹⁹ O autor sugere que tal obsessão pelo recontar da história nacional fica evidente na própria renovação historiográfica realizado na década de 1980 a qual discute as teorias gerais de funcionamento do sistema latino-americano a partir da noção de que

(...) refugiarse en lo nacional garantizaba a los historiadores un lugar seguro desde donde poder discutir – paso a paso, a través de monografías y estudios de caso, es decir, con las armas propias de la disciplina – las inexactitudes de aquellas imágenes de conjunto.²²⁰

Desmembrar-se da unidade latino-americana originaria uma problemática histórica para o país que, na verdade, seria a confirmação de um antigo preceito: a excepcionalidade da postura argentina ante o restante do subcontinente.²²¹ É possível notar que a grande temática civilizacional desenvolvida ao longo do século XIX, marcada por político-intelectuais pós-independentista em busca de criar universos simbólicos autônomos na reinvenção de um *eu* latino-americano através de discursos hegemônicos,²²² continua corroendo a memória histórica da Argentina.

Segundo a análise do pensamento político moderno de Hannah Arendt, a compreensão do universo que nos circunda seriam anteriores ao acesso do conhecimento e,

²¹⁷ Beatriz Sarlo em entrevista de Hora e Trimboli. HORA, R. TRIMBOLI, J. *Op. Cit.* P. 174.

²¹⁸ *Idem*, p. 190.

²¹⁹ PALACIO, Juan Manuel. “Una deriva necesaria: notas sobre la historiografía argentina de las últimas décadas”. *Punto de Vista*. Diciembre / 2002, n°74, p. 39.

²²⁰ *Idem*

²²¹ *Idem*, p. 40

²²² PRATT, Mary L. “Reinventando a América / reinventando a Europa: a automodelação crioula”. In: *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusp, 1999, p. 301.

por isso, os preconceitos que antecederiam uma investigação científica teriam seus espaços privilegiados.²²³ A partir dessa postura, evidencia-se o apreço histórico na Argentina de um personagem que significa a todo momento nosso recorte: o *gaucho*, responsável por sintetizar a complexidade da história nacional, tensionada entre as experiências citadinas e campestres que revolucionaram as noções de civilização e barbárie do país no século XIX. Essa figura emblemática e caricata carrega em si o fardo de refletir os meios impostos ao país para o alcance do progresso, tornando inexpressiva a presença de outros atores, como os indígenas.²²⁴

Nesse sentido, os históricos embates entre *civilização e barbárie*, entre Sarmiento e Hernández, apresentam-se como patrimônios consolidados na cultura historiográfica argentina. Os mais diversos esforços de analisar um autor ou outro forjam aproximações e não desviam de um percurso argumentativo predefinido. As próprias abordagens que buscam renovar esse lugar analítico, mediante novos atores e perspectivas, não rompem com a excepcionalidade das obras *Facundo* e *Martín Fierro* e as formas tradicionais de narrar a memória histórica argentina. A questão indígena, por exemplo, parece não caber como temática historiográfica, na medida em que se reitera a pauta oitocentista como condição do debate político-cultural no país. Portanto, para fugir dessas esquematizações às clássicas obras em questão, é preciso encará-las como saberes em disputa, representantes de distintas formas narrativas que, para além de buscarem na literatura uma arma política, possibilitaram a Sarmiento e Hernández registrarem as disputas dos referenciais culturais e intelectuais em franco embate ao longo do século XIX. Não pretendo negar o substrato que aproxima as obras, mas há uma temporalidade e uma complexa rede argumentativa que

²²³ ARENDT, Hannah. “Compreensão e política”. In: *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p. 42.

²²⁴ Eis o motivo pelo qual propusemos um recorte de trabalho dos anos 1980 em diante, tendo como finalidade contemplar os esforços de inserir esse ente esquecido nos estudos historiográficos. Essa opção de pesquisa foi elaborada pela constatação de que textos anteriores a esse período estariam em busca de discutir sobre o “ser nacional”, como podemos indicar, a título de exemplo, o nome de Ruben Franklin Mayer e sua obra *El país que se busca a sí mismo: historia social argentina*. Nesse texto, Mayer tem uma abordagem bastante nacionalista, a procura de estabelecer o tipo ideal argentino no *gaucho* e recuperar, assim, a verdadeira argentividade esquecida. Ver: MAYER, R. F. *Idem*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1970 (1ª edição de 1944).

buscam enquadrar e contrapor Sarmiento e Hernández que deve ser questionada, pois são exercícios deliberadamente historiográficos e, visivelmente, anacrônicos.

CAPÍTULO 3

O indígena na trama oitocentista: o “ausente” e suas construções no debate historiográfico a partir dos discursos fundacionais de Sarmiento e Hernández

A imensa extensão do país que está em seus extremos é inteiramente despovoada, e possui rios navegáveis que nunca sulcou até o mais frágil barquinho. O mal que aflige a República Argentina é a extensão: o deserto a rodeia por todas as partes, se lhes insinua nas entranhas; a solidão, o despovoado sem uma habitação humana, são geralmente os limites inquestionáveis entre uma província e outra. (...) Ao sul e ao norte espreitam-nos os selvagens que aguardam as noites de lua para cair, qual enxame de hienas, sobre o gado que pasta nos campos e sobre as indefesas povoações.

Domingo F. Sarmiento

A desgraça nos seguia, / Chegamos em mau momento: / Estavam em parlamento / Tratando de uma invasão, / E o índio em tal ocasião / Desconfia até do vento. // Armou-se grande alvoroço / Quando nos viram chegar, (...) // Entra ao cerco um índio velho / E em falação se demora. / Quem sabe o que lhes perora; / Mas todos na reunião / O escutam com atenção / Por quase três longas horas. // Três gritos lançou por fim / Já no início de outra dança; / E para mostrar a pujança / E dar prova de gínete / Deu rédeas larga ao flete / Dando mil voltas à lança. // (...) Parece um baile de feras, / De acordo com o que imagino.

José Hernández

Conforme pode ser observado nos capítulos anteriores, a figura do *gaucho* foi constituída como o centro do emaranhado cultural argentino. As disputas políticas, culturais e estéticas do século XIX em torno desse homem campesino revelaram um espaço profícuo para o estabelecimento da memória nacional, sendo possível localizar os pressupostos da identidade argentina na definição dessa voz *gaucha*. A literatura gauchesca tornava-se, então, um campo de embate dos saberes, oferecendo espaço para os distintos projetos civilizacionais que definiriam os caminhos a serem trilhados pelo incipiente país. Saberes estes que reverberam e alimentam os debates historiográficos sobre o nacional até os dias de hoje, ainda que sejam lidos sob os esforços de uma homogeneidade discursiva que conectaria prontamente, por exemplo, Sarmiento e Hernández.

A fim de refletir sobre tal homogeneidade discursiva, esse terceiro capítulo tem como proposta lançar um olhar sobre uma personagem poucas vezes observada nas obras *Facundo: civilização e barbárie* e *Martín Fierro: o indígena*. Esse elemento nativo, como parte fundamental da composição narrativa do gênero gauchesco – que o apresenta como categoria depositária dos valores negativos expurgados pelo processo civilizacional –, pode oferecer uma entrada diferenciada à história político-cultural argentina,²²⁵ uma vez que ele não era uma preocupação oitocentista, mas está marcado em ambas as obras e segue como figura menor na historiografia argentina.

A forma como *Facundo* e *Martín Fierro* apresenta o lugar do indígena no século XIX revela uma similitude notável e importante entre as obras, que pode ser observada, por exemplo, nas características em que elas atribuem à suposta ociosidade indígena:

Ninguém pode imaginar / Uma miséria maior; / Pobreza que causa horror.
/ Não sabe esse indígena bruto / Que a terra nega seu fruto / Se não lhe
rega suor.²²⁶

Mas o progresso está sufocado [pelos campos argentinos], porque não
pode haver progresso sem a posse permanente do solo, sem a cidade, que

²²⁵ Destaco aqui dois trabalhos recentes que buscaram desbravar novos olhares sobre a questão indígena a partir do olhar historiográfico: PEREIRA, Priscila. “Entre a épica e a paródia: A (des)mistificação do gaúcho nos quadrinhos de Inodoro Pereyra, el renegau”. *Dissertação de Mestrado*. UNICAMP/2011; PASSETTI, Gabriel. *Indígenas e criollos: política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)*. São Paulo: Alameda, 2012.

²²⁶ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 100.

é a que desenvolve a capacidade industrial do homem e lhe permite estender suas aquisições.²²⁷

O indígena é indicado como empecilho ao desenvolvimento do campo nos dois textos, embora seja resgatado a partir de distintos recursos narrativos permitidos pela literatura gauchesca. Enquanto em *Martín Fierro* a presença indígena é abundante – principalmente na *Volta*, momento em que Hernández dedica muitos capítulos à descrição dos caracteres e costumes da população indígena a fim de confirmar sua desqualificação perante a civilização cobiçada –, em *Facundo* o indígena aparece parcamente, ilustrando um pano de fundo natural superável nas análises do intelectual. Assim, o indígena apresenta a mesma função discursiva, com distintos tons em cada obra; no entanto, tais semelhanças marcaram a apreciação dessa personagem na historiografia argentina, encarando-a como análoga e sem considerar os artifícios narrativos que as enredavam.

O debate historiográfico, constituidor e constituído a partir dos embates assinalados, permite identificar distintos interrogantes em sua lógica argumentativa que reitera a tradição da dualidade *civilização e barbárie*. Os indígenas, como tema, tiveram múltiplos usos e uma abordagem constante no jogo da leitura modernizante da Argentina: mesmo quando se deslocou a figura do indígena vitimado para o de incorporado socialmente, os preceitos sobre ele não se abalam, pois a preocupação gira em torno de uma ideia de modernização, cujo objetivo não seria o de buscar traços arcaicos ou pensamentos genuínos para o país, mas inserir a Argentina no processo civilizatório ocidental dos séculos XIX e XX.²²⁸ Assim, a aura política lega ao indígena um lugar interpretativo estanque no imaginário argentino constituído a partir de bases civilizadas e hegemônicas, negando a ele um espaço de autonomia discursiva indicadora de possíveis fissuras políticos-culturais.

Para introduzir um debate acerca desse legado indígena na historiografia argentina faz-se necessário mapear e definir, dentre o rol de autores escolhidos, algumas das principais abordagens que norteiam a representação desse ser autóctone. Três são os eixos

²²⁷ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 75.

²²⁸ SABATO, H. *Op. Cit.* P. 44-45.

aqui destacados que, de certa forma, circundam a maioria das obras a serem trabalhadas: a síntese de uma história indígena sob a égide da *vitimação* sofrida pelos indígenas, desprezados no decorrer da conformação da história nacional; a determinação de sua situação como um *derrotado* na história republicana argentina, sucumbido mediante as imposições *criollas*; e a transposição de um arcabouço explicativo *criollo* ao indígena com o intuito de revelar sua presença no território e seu envolvimento com os processos independentistas, conferindo-lhe um caráter *a-histórico*.

Esse caminho de aproximação ao tema, o qual se tornou também uma constatação fundamental, é resultado de uma abertura mais complexa às análises sobre a organização do pensamento histórico argentino em relação ao indígena no século XIX, uma vez que as próprias fontes bibliográficas que serão aqui utilizadas – restritas entre a segunda metade do século XX e o século XXI – suscitam debates que ultrapassam as problemáticas próprias da produção historiográfica, devido às suas origens e conteúdos diversos: estudos de historiadores, antropólogos, sociólogos e etno-historiadores mesclam-se diante do esforço de definir o *lugar* do indígena na Argentina, evidenciando a história dos colonizados. A percepção desse intenso diálogo interdisciplinar inviabilizou uma disposição cronológica dentre os três eixos selecionados, uma vez que a persistência dos atributos culturais dos indígenas não se revelaram prontamente substituíveis pelas inovações metodológicas e, inclusive, apresentaram diferentes relações e durações dentro de cada disciplina. Portanto, busco sinalizar os cruzamentos desses estudos, contextualizando os debates e as evidências argumentativas.

Segundo John Monteiro, as problemáticas oitocentistas foram muitas vezes transpostas para os estudos atuais de forma a confirmar as *imagens fossilizadas* que os indígenas receberam dentro da sociedade,²²⁹ relegando-os ao manejo de uma história nacional *criolla*, no caso argentino. Para apresentar esse estreito laço entre política e

²²⁹ MONTEIRO, John M. *Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese apresentada para o concurso de livre docência à área de Etnologia. Unicamp: Agosto, 2001, p. 6.

história na Argentina,²³⁰ indico autores em diálogo constantes com essas tendências, sendo alguns bastante renomados, como Tulio Halperin Donghi, David Viñas, Graciela Montaldo, Mónica Quijada, assim como o espanhol François-Xavier Guerra que apresenta em parte de seus estudos uma aproximação tanto temática como teórica dos preceitos acima apresentados.

O indígena como vítima da sociedade *criolla* oitocentista

Uma das mais recorrentes evidências historiográficas sobre o indígena, resistente ao tempo e às novidades da disciplina histórica, é entendê-lo como vítima de uma sociedade que, atenta apenas aos anseios desenvolvimentistas, tê-lo-ia confinado à marginalidade política, cultural e social. Os extermínios físicos realizados ao longo do século XIX na Argentina, iniciado pelos intuítos políticos de Juan Manuel Rosas em 1833 e culminado pela Conquista do Deserto de Julio Roca em 1879, foram interpretados a partir da fragilidade e da inocência indígena enraizados no seu próprio modo de vida, pouco correspondente com as propostas modernizadoras. Dessa forma, embora nenhuma corrente historiográfica tenha ignorado a questão de sua ausência no país, devido ao evidente arrefecimento dos povos sulistas, a busca desse incomensurável, aberto e misterioso ares do pampa²³¹ gerariam as mais diversas interpretações e explicações historiográficas, que muitas vezes consideraram a falta de protagonismo desse indígena como um fato, sem avaliar o processo histórico que a ele teria legado tal estatuto.

Em obra que confere a preponderância da cidade como personagem principal na condução do rumo histórico no século XIX, *América Latina: as cidades e as idéias*, o historiador argentino José Luis Romero define que o mundo rural, historicamente mais estável em suas conformações, desempenhava papel subserviente às cidades latino-americanas, conforme suas mudanças ao longo dos séculos e consequentes exigências de

²³⁰ De forma abrangente, chamo de “historiográfico” os distintos debates que caracterizam a vasta bibliografia a ser apresentada nesse capítulo, que inclui estudos de historiadores, sociólogos, etnohistoriadores, etc. O que me leva a assim qualificá-los são as questões temporais que seus trabalhos suscitam.

²³¹ FLORIA, C. A.; BELSUNCE, A. G. *Op. Cit.* P. 50.

adaptação.²³² Sendo o universo rural o do indígena, este estaria submetido às vontades e necessidades das aristocracias emergentes desde o período da colonização, pois “o conquistador necessitava dos indígenas dominados, ou melhor dizendo, subjugados e, ao mesmo tempo, benevolentes”.²³³ E por preconceito, segundo Romero, acreditou-se que o campo era um aglomerado de territórios vazios, apto a ser incorporado ao sistema cultural colonizador.²³⁴

Para o autor, esse teria sido o legado colonial para as novas cidades do fim do século XVIII, fortalecidas pelas ações de independência no início do século seguinte: a sobrevivência do campo na história latino-americana, que significava também a manutenção da presença indígena, que impunha entraves ao progresso das cidades.²³⁵ Com as independências, as incipientes cidades²³⁶ teriam como desafio desarticular as antigas relações com a sociedade rural a fim de tomarem as rédeas da ruralização no país, deixando a marca da presença *criolla* na constituição de uma economia forte.²³⁷ Na interpretação de Romero, os indígenas não teriam outra opção senão inserirem-se nessa nova lógica *criolla* de expansão e controle territorial, devido ao estado de natureza de sua cultura ante a força dos anseios econômicos dessa elite. O campo teria sido historicamente um lugar impelido a aceitar os projetos de grupos citadinos que, por necessitarem desse espaço rural, rapidamente a ele impunham seus valores e motivos: “Negros, mulatos, indígenas e mestiços atenderam ao chamado e aderiram aos exércitos da independência”.²³⁸ Portanto, tudo estaria por fazer-se e o mundo rural tornava-se um problema *criollo* do século XIX independente.

A vitimação dos indígenas se estabelece na obra de Romero a partir dessa subordinação passiva a que estariam sujeitos, como se sua sorte estivesse atrelada à ação de

²³² ROMERO, José Luis. *América Latina: a cidade e as idéias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004, p. 42. A primeira edição recebeu o título de *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1976.

²³³ *Idem*, p. 81.

²³⁴ *Idem*, p. 43-44

²³⁵ *Idem*, p. 159

²³⁶ Percebemos que nessa abordagem proposta por Luis Romero há uma tendência em generalizar a postura que os diferentes países tomaram em relação ao indígena. Embora ele considere alguns particularismos nas construções das cidades, o olhar que teriam lançado sobre o campo seria o mesmo.

²³⁷ *Idem*, p. 161.

²³⁸ *Idem*, p.219

terceiros, o que lhes impossibilitava qualquer autonomia discursiva. Entendendo por “vítima”, dentre as derivações do sentido atribuído cotidianamente à palavra, uma pessoa afetada de forma traumática, sujeita às arbitrariedades de outra, Romero esforça-se por definir a mazela da vivência indígena nas atribuições *criollas*, que dominava e determinava seu espaço de atuação. O primeiro problema nessa análise está na simplificação das relações entre campo e cidade, inseridas numa lógica binária econômica que pouco revela sobre as dinâmicas sociais e culturais de sociedades latino-americanas em profundas transformações,²³⁹ assim como na aceitação dos discursos produzidos pela cidade como reflexos da realidade: ignora-se, por exemplo, que frisar a sujeição indígena angariaria um estatuto vitorioso aos projetos progressistas no século XIX, sendo este o mote principal do pensamento político argentino. Incorporá-lo como “vítima”, portanto, é uma forma encontrada por Romero de oferecer continuidade e visibilidade a um debate eminentemente *criollo* e oitocentista, que revigora a origem nacional argentina nas propostas republicanas.

Em segundo lugar, o autor impõe características ao indígena imbuídas de juízos de valor, como ignorante, frágil, incapaz, entre outras, simplesmente por não o encarar como um personagem histórico. Ele estaria à parte do cenário onde se desenrolava a história e as tramas independentistas de um país em construção, sendo apático às mudanças e aos rumos tomados pelos *criollos*, justificando, assim, os motivos genocidas, físicos e culturais, que o levariam à desagregação social. Por essa razão, entendo como necessária uma leitura do indígena não a partir da história contada pelo século XIX, mas do ato de contar, de “fazer história”, sobre esse século, porque “(...) sem dúvida a história é o nosso mito; ela combina o ‘pensável’ e a origem, de acordo com o modo através do qual uma sociedade se compreende”.²⁴⁰ Para Michel de Certeau, existe uma série infinita de “sentidos históricos” estabelecidos nos discursos do historiador, que precisa lidar com uma compreensão do “real” que lhe é próprio e com um “real” implicado pela sociedade em estudo.²⁴¹

²³⁹ Na apresentação do livro de José Romero, edição brasileira aqui usada, Afonso Carlos Marques dos Santos indica essa leitura de cunho marxista existente na obra, mostrando a importância de ele ter iniciado um debate de base latino-americana, pouco comum nos anos 1960-70, ainda que utilizasse balizas européias de análise.

²⁴⁰ DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 33.

²⁴¹ *Idem*, p. 45.

A interpretação sobre os determinismos da cidade no campo, fortemente marcada por uma abordagem restrita a prerrogativas econômicas e políticas, também está consagrada na obra *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*, da autoria de Tulio Halperín Donghi, o qual dispôs os eventos históricos do século XIX como decorrências de interesses administrativos e militares, subjugando o indígena e seu habitat às ambições do poder político, que muitas vezes teria encontrado na própria defesa dos povos originários uma estratégia política para angariar riquezas das fronteiras.²⁴² Nessa obra, com o intuito de realizar um balanço geral dos processos políticos sofridos pelo país a partir dos projetos de Domingo F. Sarmiento e Juan B. Alberdi,²⁴³ o indígena seria apenas significado no rol dessas ações políticas, o que também definiria sua história como resultado de interesses citadinos.

No es sorprendente que un sistema de defensa que se basa en la arbitrariedad administrativa para movilizar los recursos humanos que requiere, acentúe el imperio de ésta sobre las zonas en que recluta sus víctimas.²⁴⁴

A forma como Halperín Donghi encara o indígena acaba empobrecendo um estudo sobre o tema porque pressupõe a ausência da autonomia indígena como um fato dado, a ponto de apresentar o genocídio de 1879 como o fim da história indígena na Argentina:

(...) esa presencia que había acompañado la entera historia española e independiente de las comarcas platenses se desvanecía por fin.²⁴⁵

Entre táticas e práticas, o indígena teria sido uma mera peça política da sociedade *criolla*, passível de descarte nos anos 1880, momento em que os processos de construção nacional passariam a enfrentar problemas de insegurança quanto à liberdade e à igualdade alcançadas com a consolidação republicana. O passado da colonização estava superado,

²⁴² HALPERÍN DONGHI, *Proyecto y construcción de una nación (1846-1880)*. Buenos Aires: Ariel Historia, 1995, p. 88 (1ª edição: 1980).

²⁴³ O texto de Alberdi (1810-1884) em questão é seu clássico *Bases y puntos de partida para la organización política de la República Argentina* (1852) que, junto a *Facundo*, consolidam projetos autônomos de um país que pensaria, discutiria e sustentaria seu próprio desenvolvimento.

²⁴⁴ HALPERÍN DONGHI, *Proyecto...* P. 88.

²⁴⁵ *Idem*, p. 100.

morria o indígena e ficava por ser discutido o avanço cego e avassalador da ordem capitalista que sobrepujava o planeta.²⁴⁶

Halperín Donghi explica que essa postura indígena, a qual teria determinado seu fim, esteve definida no contato com a sociedade desenvolvida em solo americano, a começar com a herança de práticas espanholas no trato com as fronteiras indígenas, que mantinha, por exemplo, tropas de defesa nos arredores de Buenos Aires dispondo da violência para o controle fronteiriço.²⁴⁷ Assim, o autor define na vitimação do ser autóctone a fatalidade do seu pesar, sendo ele detentor de uma cultura que sucumbiria invariavelmente ante a ação política de uma sociedade mais civilizada.

Essa produção histórica nos revela em sua matriz dicotômica uma chave interpretativa que, buscando frisar a novidade encontrada pela sociedade oitocentista diante da necessidade de consolidar sua autonomia, define as formas como os preceitos civilizacionais europeus seriam incorporados pelos debates argentinos: o autor torna natural o objeto local em análise e, conseqüentemente, o trato oferecido ao indígena, como se essa atitude argentina fosse resultado de uma vontade universal.²⁴⁸ Uma postura crítica a esses estudos seria romper com esse argumento estanque ao proporcionar uma análise que não confundisse aspectos metodológicos com objeto de estudo, conforme sugere Elias Palti,²⁴⁹ pois a preponderância de discussões políticas atuais não deveria conduzir a leitura de um passado que elaborou certo discurso político sobre o indígena numa lógica específica de projeção nacional.

Na obra de David Viñas, *Indígenas, ejército y fronteras*, podemos melhor apreender essa situação do indígena em contraposição a do *gaucho* argentino, pois nela são resgatados os artifícios de uma identidade nacional que ignoram as escolhas de um passado recente que teriam determinado o extermínio indígena. Tomando a obra *Martín Fierro* como um dos aportes para seu estudo, o autor aponta dois tipos de representação discursiva literária que poderiam representar a vida social oitocentista: a do *gaucho* como consequência de

²⁴⁶ *Idem*, p. 101.

²⁴⁷ *Idem*, p. 87.

²⁴⁸ *Idem*, p. 26.

²⁴⁹ PALTÍ, Elias José. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006, p. 25.

uma infração episódica e a do indígena, um conflito permanente.²⁵⁰ Nos versos do poema, o dilema vivido pelo *gaucho* é o da adequação a que estivera submetido pelos rumos históricos e civilizacionais do país, enquanto o indígena estaria entre a vida e a morte; sendo este a negação do homem branco, sua história e seu fim estariam na *tragédia* e a do *gaucho*, em um *drama*.²⁵¹ A fim de organizar essas representações literárias sob uma perspectiva crítica, Viñas inicia seu livro com uma indagação sintetizadora da temática e dos objetivos nele presente: um conteúdo político que visa a analisar o momento presente de seu país por meio de um estudo histórico comparativo:

¿Los historiadores dijeron algo de ese silencio? ¿Por qué no se habla del indígena? ¿No tenían voz los indios? ¿O su sexo era una enfermedad? ¿Y la enfermedad su silencio? (...) ¿Son los indígenas los desaparecidos de 1879?²⁵²

O autor registra, dessa forma, sua indignação da falta de estudos sobre os indígenas no país, ao passo em que percebe o mesmo movimento na ausência de investigações a respeito dos “desaparecidos” da ditadura argentina nos anos 1970. A pesquisa de Viñas, focada em desvendar os atos governamentais que eliminaram a presença indígena no país – começando por definir o governo de Roca como clímax, como a execução de uma dramaturgia ensaiada ao longo do século XIX –,²⁵³ recupera esse elemento autóctone excluído, mas apenas na medida em que esse elemento ajudaria a refletir sobre as heranças políticas ainda em vigor na segunda metade do século XX.

Por conta das políticas desenvolvidas no final do século XX, relacionadas a um momento de crescente aproximação com o governo dos Estados Unidos, a conquista militar do deserto se apresentava como lúcida correlação aos eventos da “expansão para o Oeste” norte-americana, na medida em que essa visão inseriria a Argentina num contexto continental.²⁵⁴ Portanto, matar o indígena seria uma forma de apagar o membro duvidoso

²⁵⁰ VIÑAS, David. *Indios, ejército y fronteras*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed., 1982, p. 159.

²⁵¹ *Idem*, p. 160.

²⁵² *Idem*, p. 12.

²⁵³ *Idem*, p. 20.

²⁵⁴ *Idem*, p. 14-15.

da sociedade, aquela “oveja negra que pone en suspenso la blanquitud de las blancas”.²⁵⁵ Para Viñas, a intenção de Roca seria acabar com os poderes locais, como o do importante cacique Calfucurá que desde os anos 1840 dominava a região economicamente estratégica das grandes salinas²⁵⁶. Essa presença cotidiana, que atrasava os interesses desenvolvimentistas do país, teria sido eliminada no momento em que a ameaça inimiga não poderia mais resumir-se aos indígenas, aos problemas internos, pois povos vizinhos ameaçavam avançar sobre as terras produtivas nacionais.

Nota-se que todo o estudo de Viñas foi desenvolvido com a cautela de oferecer correlações entre vítimas seculares, indígenas e desaparecidos, que estiveram subordinadas à presença de um Estado tirano militarizado que eliminava as oposições político-culturais a fim de obter um desenvolvimento político-econômico a qualquer preço. Assim, dessa postura crítica de Viñas, resulta sua análise sobre a fonte escolhida para tal comparação: a literatura, como reflexo da realidade.

Assim, verifica-se que a comparação de vitimação realizada por Viñas concretiza-se sob um duplo problema: delimitar o passado às leituras do presente e exatamente o seu revés, mantendo o discurso oitocentista vivo a fim de explicar um presente fugidio. Novamente o indígena é vítima porque é resultado de uma política *criolla* do século XIX, política esta que se sustentaria a ponto de expandir sua tradição a outros espaços da sociedade argentina. Portanto, embora todo o livro de Viñas tenha como mote o indígena, a personagem central continua sendo a política que o submetia.

A incorporação cultural do indígena: a derrota cultural do elemento nativo

O pensamento historiográfico que acima chamamos de “vitimação” tem sido bastante questionado por estudiosos da história argentina que se propuseram a interpretar a problemática indígena segundo a especificidade histórica do país. Essa mudança foi

²⁵⁵ *Idem*, p. 50.

²⁵⁶ *Idem*, p. 91-92. As “salinas” são as moradas dos indígenas conhecidos como “infiéis”, famosos por sua agressividade, complexidade e organização interna.

introduzida pelas temáticas culturalistas em emergência na década de 1980, que buscavam alternativas à política e à economia como abordagens elementares para a escrita da história. Para Peter Burke, uma das principais contribuições dessa “virada cultural”, sentida em vários países e continentes, foi a de deslocar o foco da “sociedade” para a “cultura”, de forma a fragmentar os objetos de estudo e destacar as particularidades vividas por distintos grupos, em diferentes locais e épocas.²⁵⁷

Sobre esse novo espaço de argumentação reitero os termos do mexicano Trillo, que interroga o lugar assumido pelo termo “cultura” na América Latina, geralmente associado às histórias nacionais plurais que comporiam um todo continental. Essa postura determina ser a América Latina ela própria uma história cultural, no sentido de absorver as noções de espaço e tempo historiáveis que rompessem com os marcos políticos sustentadores de uma homogeneidade local.²⁵⁸

Vale lembrar que na Argentina essa novidade teórica coincidiu com o período de redemocratização do país e da conseqüente reorganização da disciplina de História nas universidades, gestora de um dinamismo crítico ao “progressismo” e ao “universalismo” que tornaria mais complexa a história nacional ao sair dos debates políticos para focar a ação humana, retirando da política o tom de única e específica densidade do século em questão.²⁵⁹ Dessa forma, com a ênfase dos estudos culturais nas particularidades nacionais, emergentes de uma crise estruturalista e de suas determinantes temáticas,²⁶⁰ o indígena começa a ter espaço como objeto e fonte de estudo na Argentina, não sendo estudado apenas como simples vítima política e econômica da sociedade *criolla* oitocentista. Enfocando elementos de caracterização nacional, como o território e os debates constitucionais para explorar, por exemplo, a aura autônoma do país no século XIX, a história argentina não mais poderia ignorar o indígena e seu contato com a sociedade *criolla*, muito menos desterrá-lo de seu lugar nos processos de construção nacional, como

²⁵⁷ BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 8.

²⁵⁸ TRILLO, M. T. *Op. Cit.* 1999, p. 159.

²⁵⁹ SABATO, H. *Op. Cit.* P. 46-47.

²⁶⁰ PALACIO, J. M. *Op. Cit.* P. 38.

fizeram ao colocá-lo numa posição de ingênuo e de incapaz de compreender a lógica de dominação territorial vivenciada naquele momento.²⁶¹

Inserida nesse debate teórico sobre os indígenas, Mónica Quijada define algumas importantes linhas de estudo que colocam as novidades dos anos 1980 como um esforço de desconstruir o mito da nação branca na América Latina, tais como: pensar a diversidade e heterogeneidade indígena, a fim de compreender não apenas as sociedades nativas, mas suas interações com as sociedades brancas; as relações entre os próprios indígenas e os processos internos delas derivados, devido ao contato entre diferentes grupos pela Cordilheira dos Andes; e a valorização dos aspectos de sociabilidade indígena no que se referem aos meios sociais, políticos e econômicos de suas organizações internas.²⁶² No entanto, essa abrangência do mundo indígena só aparece na história argentina na medida em que o foco se mantém na sociedade *criolla*, seja no explícito desejo de pensar esse contato ou nas intenções de conceder sentidos a distintas organizações sociais. Quijada compreende as relações históricas entre indígenas e *criollos* a partir de negociações e participações que recuperam “la presencia indígena en el contexto de las problemáticas pasadas y presentes del Estado argentino”.²⁶³

Essa nova postura teórica, que não abandona os preceitos de uma história política e nem deixa de considerar a realidade indígena como uma situação imposta pela sociedade *criolla*, diferencia-se da anterior ao deslocar de “fora” para “dentro” o lugar do ser autóctone na história nacional. Dele é retirado o estatuto de *vítima* para alocar o de *derrotado*, porque o indígena teria sido ausentado a partir de sua incorporação a uma sociedade que não lhe representava individualmente. Se antes ele era vítima pela exclusão, visão criticada porque legaria apenas morte física aos indígenas, agora ele seria um derrotado devido à inclusão imposta pela cultura da sociedade *criolla*.

²⁶¹ QUIJADA, Mónica. “De mitos nacionales, definiciones cívicas, y clasificaciones grupales. Los indígenas en la construcción nacional argentina, siglos XIX a XXI”. In: ANSALDI, Waldo (coord.). *Calidoscopio latinoamericano: imágenes históricas para un debate vigente*. Buenos Aires: Ariel, 2004, p. 433.

²⁶² *Idem*, p. 427.

²⁶³ *Idem*, p. 428.

(...) defenderé la hipótesis de que no hubo exterminio físico (aunque la guerra produjera muertes, sea por violencia o enfermedad), sino un proceso de reclasificación facilitado por las condiciones de contacto fronterizo; y que este proceso de reclasificación se acompañó de un convencimiento colectivo de la desaparición del indio por el conflicto militar, que se desvirtuó de un eje fundamental de la construcción identitaria nacional.²⁶⁴

Com esse trecho, extrai-se um dos elementos mais significativos na argumentação da autora: a incorporação da noção de território como a chave para compreender a unicidade da política e da cultura desenvolvidas no país, fator que diferenciaria a história argentina pela ideia de que as fronteiras defendidas teriam sido historicamente criadas, e não ocupadas.²⁶⁵ Quijada não considera a formação da Argentina nas tradições evocativas do passado, mas no futuro e, por isso, não poderia reivindicar a ascendência indígena como fonte de legitimação territorial – o que caracterizaria a vitória discursiva do passado sobre o presente.²⁶⁶ Dessa forma, o pertencimento ao território seria definido através da noção de “identidade cidadã”, que representa os esforços políticos de solidificação de um sentimento coletivo, cuja abrangência alcançaria inclusive o indígena conquistado, visto que este teria o direito inalienável de identificação pela sua condição de nativos do território nacional.²⁶⁷

Por meio do que ela chamou de “reclassificação”, o indígena, ainda que fosse considerado um debilitado cidadão, perderia todos os seus aparatos de defesa cultural ao ser incorporado à sociedade majoritária, sendo despojado de sua cultura no processo de cidadania em pauta.²⁶⁸ Quijada mostra que essa proposta político-cultural, inicialmente aglutinadora, teria sido levada a cabo pelas ações militares da Conquista do Deserto, pois o extermínio físico justificava-se pela necessidade de construir um sentido final coletivo, que

²⁶⁴ *Idem.*

²⁶⁵ QUIJADA, M. “Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina, siglo XIX”. In: *Revista de Indias*, vol. LX, n° 219, 2000, p. 378. Isso implicaria na elaboração de um espaço de “deserto” interno exuberante e único em toda a América-hispânica, o qual deveria ser ocupado e civilizado segundo as referências buscadas no exterior, Europa e Estados Unidos.

²⁶⁶ QUIJADA, M. “De mitos nacionales...” P. 431.

²⁶⁷ QUIJADA, M. “Nación y territorio...” P. 384.

²⁶⁸ QUIJADA, M. “De mitos nacionales...” P. 431.

implicava a indispensável exclusão do elemento nativo.²⁶⁹ Nesse desfecho é que estaria concentrado o mito da “nação branca”, a partir do entendimento de eliminação total da presença indígena, como se fosse um fim trágico derivado de uma necessidade.²⁷⁰

A perspectiva de Quijada é instigante e foi bastante importante para minhas reflexões, tendo em vista que poucos são os trabalhos dedicados a uma revisão historiográfica sobre a figura indígena na Argentina. No entanto, aponta-se como problema argumentativo essa tentativa centralizadora e persistente de pensar a ausência indígena como fruto de uma incorporação sócio-cultural de ordem política, o que leva a autora a evocar no entendimento desta possível construção coletiva a correção de seus efeitos, propondo o estabelecimento de uma *justiça histórica* como parte de seu objetivo de análise.²⁷¹

A postura de Quijada nos leva a pensar que seus textos, antes de estabelecer uma preocupação histórica, propõem um diálogo com o presente de escrita e a atual realidade indígena,²⁷² o que acaba condicionando seu debate a um plano de ação política *criolla* tutelar sobre o indígena. Frisa-se, assim, uma “retórica da culpa” que reorganiza a argumentação entre vencedores e vencidos, sob a égide das grandes matrizes explicativas com as quais também trabalhavam os autores da vitimação.²⁷³ Ao mesmo tempo em que a autora sinaliza para um problema histórico, o define como uma questão social, exigindo do historiador uma atitude frente ao passado que, na sua visão, permaneceria latente.

Em busca das consequências do contato entre culturas díspares no século XIX, encontro a obra *Ficciones culturales y fábulas de identidad en América Latina*, de Graciela Montaldo, cujo mote central também seria o de estabelecer a relação entre identidade e

²⁶⁹ QUIJADA, M. “¿Qué nación? Dinámicas y dicotomías de la nación en el imaginario hispanoamericano”. In: GUERRA, François-Xavier (coord.). *Inventando la nación*. México: FCE, 2003, p. 311; 314.

²⁷⁰ QUIJADA, M. “De mitos nacionales...” P. 432).

²⁷¹ *Idem*, p. 429.

²⁷² A autora mostra a preocupação com a atualidade ao revelar sua indignação, por exemplo, nas pesquisas oficiais de censo na Argentina que apenas em 2000 teriam reconhecido a presença de comunidades indígenas no território nacional. QUIJADA, M. “De mitos nacionales...” p. 426.

²⁷³ Volto, assim, à argumentação já apresentada na análise da obra de Ansolabehere, baseada na perspectiva de Edward Said.

território nas consolidações de mitos nacionais.²⁷⁴ Sua abordagem torna-se diferente da apresentada por Quijada porque introduz a problemática da natureza como chave para a compreensão de um problema cultural e político, definindo o indígena como o representante desse mundo natural e, por isso, em franco diálogo com a sociedade letrada *criolla* em formação. Para Montaldo, a atividade intelectual romântica do século XIX estaria toda ela envolta pela questão territorial, a ponto de a luta pelo espaço nacional assumir a forma da luta política de organização da nação.²⁷⁵

A forma como a autora interpreta o diálogo cultural entre indígenas e *criollos* letrados vale-se de uma metodologia antropológica, em diálogo com a história devido à abertura dos estudos culturais que buscaram pensar a organização das sociedades fora da superestrutura.²⁷⁶ Montaldo interpreta os processos de nacionalização da cultura argentina na *transculturação*, isto é, no estabelecimento do “jogo de olhares” entre duas tradições, a local e a europeia, gerenciado por uma elite intelectual que não poderia negociar a europeização do país e, por isso, estaria incumbida de reconhecer a diferença.²⁷⁷ E nesse jogo letrado, o indígena seria o bárbaro a ser excluído porque, embora a origem do termo “transculturação” sugira intercâmbios de valores entre duas ou várias culturas que culminam numa terceira manifestação cultural²⁷⁸, a autora define a sociedade *criolla* como mediadora da natureza primitiva indígena e da cultura europeia espelhada no continente.²⁷⁹

Assim, novamente o indígena é um derrotado por estar inserido nos trâmites da sociedade *criolla*, apresentando-se como “lo más real de la patria, la acechanza de una

²⁷⁴ MONTALDO, Graciela. *Ficciones culturales y fábulas de identidades América Latina*. Argentina: Beatriz Viterbo Editora, 2004, p. 8.

²⁷⁵ *Idem*, p. 17.

²⁷⁶ BURKE, P. *Op. Cit.* P. 56.

²⁷⁷ MONTALDO, G. *Op. Cit.* P. 42-43.

²⁷⁸ *Transculturação* foi um termo cunhado originalmente pelo cubano Fernando Ortiz para definir os processos transformadores que a introdução do açúcar pelos espanhóis teria causado na cultura de Cuba, negando a simples ida e vinda de costumes entre duas distintas culturas, ao passo em que deveria ser valorizado o impacto sofrido por elas nesse contato. ORTIZ, F. *Contrapunteo Cubano del tabaco y el azúcar*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1987, p. 93 (a edição original do libro é de 1940). É interessante indicar, inclusive, o debate feito por Ángel Rama sobre a adaptação desse conceito para a análise de obras literárias, pois ele o relativiza ao afirmar que a literatura pressupõe em si critérios de invenção e seletividade e que, portanto, deveria ser cautelosa a aplicação da ótica sociológica de Ortiz. RAMA, A. *Transculturação narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1985, p. 32-33 (a primeira edição é de 1982).

²⁷⁹ MONTALDO, G. *Op. Cit.* P. 41.

fuerza que puede devorar a todos y, en especial, al sujeto letrado que se propone revelar la verdad de la nación”.²⁸⁰ O mito de origem *criolla* não-indígena teria sido produzido por essa ocupação das letras na história do país, o que revelaria a literatura como máxima expressão da nacionalidade. Montaldo afirma que a exclusão do indígena, da natureza, seria parte de uma definição subjetiva do território nacional, constructo de um esforço político suscitado por influências europeias, conforme apresenta sua leitura sobre Sarmiento:

[Sarmiento] Va a afirmar por ello que ‘nuestro Oriente es la Europa’: es – dice – nuestro archivo, la memoria de lo que no somos pero que tenemos que adaptar, pues es capaz de proporcionar la diferencia para constituir una identidad; en un sentido puramente territorial, Europa-Oriente es lo Otro, es el punto cardinal desde el cual pensarse. Fundamentalmente, esta afirmación significa declarar la occidentalidad de los americanos, cuando Occidente es el valor más positivo para definir una identidad. (...) De este modo, Sarmiento altera las fronteras para crear otra espacialización por la cual viajar: una espacialización que une no los puntos geográficos sino los “tiempos” de desarrollo de los diferentes pueblos.²⁸¹

Nessa interpretação, o indígena seria um elemento marginalizado diante de uma cultura ocidentalizada, suprimido ante a adoção da Europa como o Oriente hispanoamericano. Frisar essa relação da política argentina com o seu “oriente” foi a forma encontrada por Montaldo para delimitar as questões que teriam embasado o século XIX: a constituição de sua origem mediante um passado propriamente europeu. No entanto, a aproximação com o mundo ocidentalizado não deve ser entendido como o debate central no país, pois o lugar desse oriente nos textos sarmientinos dialogava com a barbárie que habitava os campos, ora o *gaucho*, ora o indígena selvagem. Sem dúvida, “ser ocidente” foi parte central da preocupação política argentina, mas principalmente enquanto essa expectativa fosse importante para legitimar os projetos políticos nacionais.

²⁸⁰ *Idem*, p. 52.

²⁸¹ *Idem*, p. 68.

A busca por um novo lugar do indígena: indefinição histórica ou a-historicidade?

Conforme apresentei na análise da pesquisadora Quijada, o surgimento dos estudos culturais abriu espaço para pensar a circulação da temática indígena no país, valorizando aspectos, em alguma medida, particulares da vida indígena no contato com a experiência republicana. Grande parte desses trabalhos dedica-se a um eixo metodológico que merece ser destacado: uma forte tendência a valorizar os estudos da *micro-história*, com ênfase especial às premissas antropológicas de investigação. Esse terceiro viés argumentativo tenciona-se com os dois outros, o de *vítima* e o de *derrotado*, porque revela a preocupação de alcançar o “indígena em si” que, até então, teria sido ignorado em sua participação efetiva no século independentista. Segundo essa vertente, eles deveriam ser mais valorizados nos episódios de contato com tropas militares em luta pela conquista territorial.

Esses esforços foram bastante significativos para que o indígena obtivesse um espaço próprio de discussão na Argentina. Com a disposição de romper as antigas ortodoxias da disciplina que simplificavam e homogeneizavam o trato ao elemento nativo,²⁸² à *etnografia* e à *antropologia* foi recrutada uma perspectiva histórica, cujo objetivo seria avançar na caracterização temporal do indígena, recuperando os atores negligenciados e a sua forma de agir.²⁸³ Assim, a disciplina histórica dos anos 1980 unia-se às ciências sociais com a finalidade de dar-lhe voz no século XIX, a fim de remover o estatuto de “ingênuo” e de “passivo”. Dentro dessa expectativa, que basicamente baliza o debate sobre o indígena hoje, dois são os problemas aqui apontados: no esforço de integrar os indígenas à história nacional há uma transposição de valores *criollos*, decorrente de uma perspectiva a-histórica preocupada em redimensionar os significados do século XIX e não em questionar suas constituições discursivas. Da mesma forma, não logram proporcionar ao indígena um lugar histórico a que se propunham, jogando o debate para uma perspectiva indefinível que reúne as mais diversas áreas das ciências humanas.

²⁸² SABATO, H. *Op. Cit.* P.42.

²⁸³ PALACIO, J. M. *Op. Cit.* P. 38.

Dispondo de um olhar minucioso sobre as “organizações” das sociedades indígenas com a abertura para os estudos antropológicos,²⁸⁴ pesquisas como a de Sol Lanteri passam a ser recorrentes, defendendo a multidisciplinaridade como corpo metodológico do trabalho historiográfico. O foco de um dos trabalhos dessa autora é a recuperação da importância dos agentes locais, tanto estancieiros quanto indígenas, na ocupação da região de Azul y Tapalqué na primeira metade do século XIX.²⁸⁵ Lanteri define seu trabalho como um estudo de caso ao focalizar as características do processo colonizador junto às articulações étnico-sociais e políticas desenvolvidas especificamente na região de Azul, entendendo que a micro-história seria uma alternativa importante às explicações unidirecionais e automáticas oferecidas a todo o território nacional.²⁸⁶ Nesse ponto de vista, a autora valoriza a participação ativa do indígena na conformação da sociedade e do Estado provincial-nacional:

Por cierto, el rescate de un nuevo agente en la campaña rioplatense desde la colonia tardía, el pequeño-mediano productor-propietario agrario o “campesino”, generó nuevas preguntas y complejizó el panorama social, demográfico, económico, cultural y político de este espacio, que presentaba así su propia dinámica como contra-cara de la sociedad indígena con la que interactuó, junto con otros actores, hasta la unificación del Estado a finales del siglo XIX.²⁸⁷

Grande parte desse texto, exposto num congresso internacional de estudos latino-americanos realizado no Brasil, centraliza-se num debate metodológico que apresenta problemáticas sobre fontes e abordagens de cunho político sobre a fronteira, propondo a reconstrução histórica e interdisciplinar como solução para melhor alcançar o indígena nesse espaço dinâmico e complexo.²⁸⁸ As informações etnográficas seriam fundamentais para compreender as autonomias indígenas devido a sua possibilidade de delinear traços específicos para cada grupo étnico, da mesma forma como seria de grande utilidade o

²⁸⁴ BURKE, P. *Op.Cit.* P. 49.

²⁸⁵ LANTERI, Sol. “La frontera sur pampeana durante la época de Rosas. Entre el comportamiento de los agentes y la reconstrucción interdisciplinaria (Azul y Tapalqué, Buenos Aires, Argentina, primera mitad del siglo XIX)”. *Anais Anphlac*, 2006 (Disponível: http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro7/lanteri_sol.pdf Visualização: 15/05/2011).

²⁸⁶ *Idem*, p. 7.

²⁸⁷ *Idem*, p. 2.

²⁸⁸ *Idem*, p. 7.

aporte da arqueologia, que ajudaria a visualizar o indígena com sua temporalidade muito mais abrangente.²⁸⁹ Entendo essa proposta da autora dentro de um desejo de definir o indígena histórico, pois, uma vez que eles já teriam sido bastante estudados ao longo do século XX pelas ciências sociais, receberiam novas aberturas interpretativas nos anos 1980 a partir de um patamar já pré-reconhecido cientificamente.²⁹⁰

A fim de melhor explorar essa interdisciplinaridade, é possível relacionar a postura de Lanteri aos propósitos da revista *Tefros: Taller de Etnohistoria de la Frontera Sur* porque, além de a autora possuir vários artigos ali publicados, este periódico exemplifica um esforço editorial crescente de reunir especialistas das mais diferentes áreas para debater a questão indígena, como pode ser visto nos objetivos específicos da nota editorial da revista:

También pretendemos desarrollar la interdisciplinaria propia de la Etnohistoria reuniendo a especialistas nacionales y extranjeros de todas las actividades del saber que contribuirán al conocimiento y la interpretación del espacio vital - físico, biológico, histórico, arqueológico y antropológico- en el que se conjugaron las relaciones interétnicas a lo largo de la Gran Frontera Sur. Para cumplir con esa finalidad, el Taller pretende constituirse en un ámbito de interacción permanente, suficiente, necesaria y confiable como para hacer de la producción etnohistórica una rama del saber interdisciplinaria (LA DIRECCIÓN).²⁹¹

É interessante notar que a etno-história parece consolidar-se como mecanismo central para os estudos indigenistas, tendência essa sentida em toda a América Latina, conforme podemos ver na grande divulgação da revista *América Indígena*, um periódico de origem mexicana consolidado em parceria com diversos países do continente, incluindo a Argentina, com a finalidade de fomentar

²⁸⁹ *Idem*, p. 11-12.

²⁹⁰ É interessante destacar as observações feitas por Mandrini e Orтели sobre os motivos de não existir um desenvolvimento crítico forte da antropologia na Argentina: a influência da Escola de Viena (Kulturkraise), a qual teria direcionado suas pesquisas em motivos políticos e acadêmicos, parcamente científicos (p. 62-63). Eles apontam no questionamento do determinismo geográfico, do tradicionalismo, com a introdução da história cultural, as *grandes* inovações teóricas (p. 64) que viriam reconfigurar o lugar da antropologia. Dessa forma, a proposta do artigo que escrevem estaria em estudar as populações indígenas sob essa nova perspectiva antropológica e, agora, histórica. MANDRINI, Raúl; ORTELLI, Sara: “Una frontera permeable: los indígenas pampeanos y el mundo rioplatense en el siglo XVIII”. In: GUTIÉRREZ, H; NAXARA, M; LOPES, M. *Fronteiras, personagens, identidades*. São Paulo: Olho D’Água, 2003.

²⁹¹ Nota da direção retirada do site: www.tefros.com.ar/revista/v1n1p03/objetivos.htm

(...) el intercambio de informaciones acerca de la vida indígena actual y de la política y programas que se están desarrollando en su favor.²⁹²

O que essas publicações sugerem é que, apesar dos esforços de realocar historicamente o indígena, ao pensá-lo temporal e espacialmente no século XIX permanece uma perspectiva a-histórica desse elemento nativo considerado como uma problemática do presente frente aos percalços do passado, em nome de um afã pouco crítico de reconstituir determinado grupo indígena.

Para Marta Bechis, importante nome argentino nos estudos etnográficos e envolvido nos mais variados projetos da área, sendo a autora, inclusive, coordenadora acadêmica da revista *Tefros*, a etno-história seria fundamental para os estudos indigenistas porque retrataria os processos históricos de interação entre alteridades coletivas,

(...) en busca de teorías y metodologías que abran la percepción del investigador hacia abarcar una mayor amplitud temporal y una mayor profundidad en el estudio de los procesos históricos – que pueden cubrir meses o años –, procesos que son definidos por, a la vez que van definiendo a, las relaciones hegemónicas, hasta el episodio final que podemos ya conocer o todavía no.²⁹³

O valor dessa abordagem estaria em poder designar com menor prejuízo a história de povos sem Estado e, em sua maioria, ágrafos.²⁹⁴

Em sua pesquisa sobre as tribos pampeanas, Bechis demonstra que a afirmação da autoridade nacional e o surgimento do homem de fronteiras não teriam acontecido sem a oposição indígena,²⁹⁵ construindo tal intento a partir de apontamentos que serviriam tanto

²⁹² Trecho retirado da apresentação da revista junto aos membros diretivos dela constituintes. Referência editorial: *América Indígena*. Instituto Indigenista Interamericano, Insurgentes Sur n° 1690, Colonia Florida, Mexico 20, DF.

²⁹³ BECHIS, Marta. “La teoría de juegos-drama en la etnohistoria”. *Boletín Tefros*, vol.3 n° 1, 2005 (Disponível: <http://www.unrc.edu.ar/publicar/tefros/revista/v3n1p05/completos/juegosdrama.pdf> Visualização: 15/05/2011).

²⁹⁴ BECHIS, M. “La ‘organización nacional’ y las tribus pampeanas en argentina durante el siglo XIX”. *Boletín Tefros*, vol.4 n° 2, 2004. Disponível: <http://www.tefros.com.ar/revista/v4n2p06/paquetes/bechis.pdf> Visualização: 15/05/2011).

²⁹⁵ *Idem*, p. 22.

para análises históricas como antropológicas. Valendo-se de documentações primárias baseadas em cartas de caciques, relatos de comandantes fronteiriços e narrações de testemunhas oculares, Bechis revelaria que as noções de Estado, nação e território, por ela chamadas de *criollismos*, eram pouco precisas entre os próprios *criollos* e, por isso, manteriam uma expressão segura na relação com o indígena, porque expressavam uma realidade que se sabia em construção.²⁹⁶ Dessa forma, o indígena ganharia significativa importância no republicanismo argentino, sendo responsável pela consignação dos conceitos-chave de formação político-cultural da sociedade argentina, tendo exercido certa independência nas negociações de alianças e de acordos territoriais.²⁹⁷

Os dois movimentos de análise propostos pela autora, a partir de uma perspectiva etnológica, buscam inserir o protagonismo indígena na sociedade argentina e, conseqüentemente, reavaliar os debates e os personagens políticos formadores da nação argentina, gerando uma problemática imediata para o campo da história: o teleologismo, conceito que identifica a ressignificação dos fatos históricos segundo perspectivas enunciadoras do presente. Por exemplo, quando Bechis indica que a linguagem desprendida dos Tratados de Paz estabelecidos entre *criollos* e indígenas seria fundamental para compreender a formação do pensamento político, ela deposita os motivos nacionalistas *criollos* como parte do domínio simbólico indígena, resumindo a temporalidade de conceitos como “nação” a uma base factual. Segundo a observação cautelosa de Palti, seria preciso mudar a discussão de conteúdos ideais, entendendo por estes a consagração da modernidade, da civilização como fim único a todos os personagens políticos heterogêneos do século XIX, inserindo “los nucleos problemáticos alrededor de los cuales se desplegaría el debate político”.²⁹⁸ Dessa forma, entendo que o estudo de povos sem Estado, a partir de uma comparação com a sociedade institucionalizada oitocentista, impossibilitaria o estabelecimento de um debate histórico.

Embora seja crucial para os dias de hoje reavaliar o lugar do indígena na historiografia argentina, não será concedendo-lhe um papel na tradicional forma de encarar

²⁹⁶ *Idem*, p. 6.

²⁹⁷ *Idem*, p. 9.

²⁹⁸ PALTI, E. J. *Op. Cit.* P. 253.

a política advinda desde o século XIX até a atualidade que incorporaremos a importância histórica desse sujeito. Nesse sentido, o questionamento da dissertação abrange os estudos arqueológicos relacionados aos esforços etnográficos no país, requisitados pelo anseio de “fazer aparecer” um ente esquecido pelo tempo. Inúmeros são os trabalhos que se fundam em premissas arqueológicas de análise e, portanto, aponto duas perspectivas adotadas para o caso indígena: a possibilidade de alcançar um registro longínquo do tempo e, por outro lado, a capacidade de tornar mais palpável uma realidade desconhecida, materializando a vivência indígena na sociedade argentina.

Um caso intrigante aparece na organização dos onze tomos da coleção *Nueva Historia Argentina*, cujo objetivo seria o de contemplar a totalidade dos temas vividos nesse território conhecido como “Argentina”, retratando desde os povos originários até a ditadura dos anos 1970, incluindo, ao final, um atlas histórico. No primeiro volume, intitulado “Los pueblos originarios y la conquista”, que visa enunciar o período pré-colombiano argentino, os artigos compilados ficaram a cargo exclusivo de arqueólogos porque, segundo a apresentação do volume por Myrian Tarragó, a intenção seria a de “mostrar” o indígena para aqueles que o desconheciam.²⁹⁹ Para a estudiosa, a Conquista do Deserto seria tanto uma necessidade de legitimação da ocupação territorial quanto uma amostra do desconhecimento da existência de povos originários no território nacional. A pretensão dessa abordagem seria reavaliar os motivos levados ao esquecimento de tal elemento nativo, indicando vir da própria postura indígena da região platina a falta de enraizamento de culturas autóctones no mundo *criollo*, pois teria sido diferente

(...) de otros Estados, como México y Perú, donde el aporte indígena fue tan fuerte y evidente, que fue utilizado como aspecto primordial y fundacional del sentido nacional. Esta falencia ha producido consecuencias no deseadas en la educación y en la valorización de nuestro patrimonio nacional.³⁰⁰

²⁹⁹ TARRAGÓ, Myrian (coord.). *Nueva historia argentina. Los pueblos originarios y la conquista*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2000, p. 13.

³⁰⁰ *Idem*, p. 11.

Novamente, o enfoque delimitador da questão indígena está na perpetuação de um pensamento *criollo* constituído no século XIX, postura esta que, ao invés de analisar o ato de enaltecer ou falecer a imagem do indígena na construção da identidade nacional, considera o pré-estabelecimento cultural de cada território como responsável pela atitude de seus sucessores. Dessa forma, o papel da coleção seria o de descrever a presença indígena restrita a uma remota temporalidade, já que nos tomamos seguintes a república toma seu posto e assume a direção da história do país, fazendo desaparecer o indígena. A arqueologia garante, através da descrição, a presença de outra cultura não vivenciada no país, proporcionando uma áurea a-histórica a um personagem que pode ser constatado, mas não valorizado.³⁰¹

Com essa crítica não pretendo negar a possibilidade e a importância de realizar estudos antropológicos e arqueológicos sobre o indígena, pois a abrangência alcançada por tais pesquisas torna possível revisitar argumentos estanques e significá-los dentro de uma nova ordem discursiva e interpretativa. O que busco questionar não é a positividade, portanto, de tais reflexões, mas a atribuição que elas fazem quanto à temporalidade indígena, no momento em que cobram resoluções de uma problemática social na reverência da atual sociedade argentina. Essa postura a-histórica manteria sedimentadas as categorias oitocentistas como estrutura social, político e intelecto-cultural da Argentina, as mesmas que desejamos contextualizar e ampliar.

A literatura como proposta: o indígena e o resgate de sua historicidade

A partir dessas três constatações e do breve mapeamento da problemática a respeito do indígena *vítima*, *derrotado* e ou *a-histórico*, tornou-se passível de análise histórica a própria indefinição sobre o lugar indígena e os meandros argumentativos dessa historiografia argentina. Perceber a manutenção de um discurso histórico pautado numa problemática fundamentalmente política levou-me a refletir sobre as *fontes* utilizadas para

³⁰¹ A nossa crítica constituiu-se aqui a partir das idéias de De Certeau, para o qual o ato de fazer história não configuraria em um ato descritivo. DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história...* P. 33.

tais investigações e sobre a *perspectiva* a que estaria submetida essa documentação agregadora do universo indígena, particularmente oficial e envolta por uma tradição liberal. Não pretendo, com isso, generalizar tal proposição nos estudos aqui apresentados, mesmo porque alguns nomes como Viñas e Montaldo valem-se de documentos literários do século XIX em suas análises, ainda que sejam lidos como documentos políticos da época. Nos trabalhos de Quijada, por exemplo, a base das pesquisas são fontes de arquivos como diários de sessões, cartas oficiais, censos, inventários, tratados de paz, entre outros. No entanto, ao evocarem certa tradição liberal, tais documentos frisam uma linearidade política no constructo histórico do país ao indicarem a predominância de discursos *criollos* elitistas como supostos definidores da memória nacional.

Esse levantamento bibliográfico foi bastante importante para o desenvolvimento de um novo olhar sobre a representação indígena porque, ao adentrar nesse tema, acreditava estar em busca de uma imagem do indígena circunscrita ao período da independência do país. Contudo, percebi que tanto o século XIX, quanto o XX e o XXI, mantiveram o discurso segregacionista em relação ao nativo. A única existência do indígena para a história argentina parece resumir-se aos trâmites políticos de formação do país, seja através da valorização do olhar *criollo* para justificar a dominação e subjugação daquele, seja a partir da própria ação indígena que o limita aos diálogos fronteiriços. Dessa forma, o questionamento proposto ao longo da dissertação, evidentemente de ordem teórica, busca delinear nova espacialidade às temáticas oitocentistas e alcançar novos diálogos, abrindo espaço para a análise da imagem indígena, por exemplo, em meio ao universo *criollo* a que esteve circunscrita a literatura gauchesca.

Essa questão não resulta no abandono da noção política, mas em ampliar o debate ao explorarmos a literatura oitocentista como fonte importante para o estudo sobre os indígenas e, assim, indicar que a problemática a eles atribuída até os dias atuais, nos mais diversos momentos historiográficos, teria surgido de uma lógica histórica datada em que se criavam tanto as noções de política quanto de cultura local. Pretendemos assinalar, como indica Edward Said, que resumir o histórico cultural da nação, nesse caso a crença da ausência indígena ou a consagração de sua nulidade cultural ao país, ao teatro das causas

políticas e ideológicas vividas no século XIX resulta no problema da veneração da própria cultura e de supô-la divorciada do mundo cotidiano.

Muitos humanistas de profissão são, em virtude disso, incapazes de estabelecer a conexão entre, de um lado, a longa e sórdida crueldade de práticas como a escravidão, a opressão racial e colonialista, o domínio imperial e, de outro, a poesia, a ficção e a filosofia da sociedade que adota tais práticas.³⁰²

Sob essa perspectiva, a literatura possibilita pensar o momento cultural em que estavam submersos políticos e intelectuais na constituição dos projetos nacionais pós-independentistas, oferecendo espacialidade ao elemento indígena como um dos personagens do cenário argentino oitocentista, revelando uma problemática político-cultural que pode ser observada nas elaborações estéticas dos discursos produzidos no período. Analisar o indígena historicamente é, inclusive, perceber os motivos que fizeram persistir a sua mesma caracterização ao longo dos séculos, levando em conta que o ato de selecionar uma memória nacional pressuporia o ato de imaginar um determinado passado condizente à realidade política vivida, identificando construções identitárias que devem ser encaradas como fórmulas em cuja autenticidade e veracidade seus articuladores confiavam.³⁰³

Interessante frisar que as obras *Facundo* e *Martín Fierro* apresentaram uma imagem indígena marcadamente do século XIX que seria resgatada, à exaustão, pela historiografia argentina. Aliás, essa parece ser uma das poucas similitudes imediatas existentes entre as obras, uma vez que o indígena não é reconhecido como um sujeito da história nacional para Sarmiento e Hernández. Até mesmo em *Martin Fierro*, que se deteve mais pausadamente a descrever o ambiente e as características indígenas em suas desventuras, não considera os nativos capazes de serem convertidos à civilização.³⁰⁴ Definir um estatuto selvagem ao indígena era parte dos objetivos dos autores, cujo intento central seria discutir, ou

³⁰² SAID, E. *Op. Cit.* P. 14.

³⁰³ AMBRANSON, Pierre-Luc. *Las utopias sociales em América Latian en el siglo XIX*. México: FCE, 1999, p. 347.

³⁰⁴ “É tenaz no barbarismo, / Não tentem vê-lo mudar; / Desejo de melhorar / Na rudeza não lhe cabe; / O bárbaro apenas sabe / Embebedar-se e lutar”. HERNÁNDEZ, J. P. 99.

rediscutir, as atribuições originárias *gauchas*. Por isso, os instintos naturais e sanguinolentos foram valorizados, a fim de atribuírem um caráter animalesco aos indígenas:

Se os bárbaros a assaltam [as caravanas], formam um círculo unindo as carroças umas às outras e quase sempre resistem vitoriosamente à cobiça dos selvagens ávidos de sangue e pilhagem.³⁰⁵

Quanto mais se enfurecia, / Mais me pareço acalmar. / Se não consegue matar / O índio não se desafoga.³⁰⁶

Essa tendência em valorizar o ataque indígena mostra que ele vem “de fora”, sendo localizado para além das fronteiras civilizacionais e, por esse motivo, o indígena não conheceria sequer as leis das guerras, conquistadas a tão duras penas por séculos de civilização.³⁰⁷ Nesse contexto, o problema dos prisioneiros seria também bastante levantado, enredado por descrições de um ambiente mortuário³⁰⁸ para onde seriam levadas as cativas de *Martin Fierro*, por exemplo, subjugadas a um algoz vingativo. Em episódio que define a saída do *gaucho* Martin Fierro da vida selvagem, uma cativa tem como castigo ser amarrada e feita refém com as “tripas” de seu próprio filho, que foi morto na sua presença por ela não confessar um falso crime de feitiçaria.³⁰⁹ O que estaria em jogo era evidenciar as impossibilidades de um contato amigável.

(...) o selvagem mata seu prisioneiro, não respeita nenhum convênio sempre que julga vantajoso violá-lo. Que freio conterà o selvagem argentino, que não conhece esse direito das gentes da cidade culta?³¹⁰

³⁰⁵ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 71.

³⁰⁶ *Idem*, p. 121.

³⁰⁷ *Idem*, p. 231.

³⁰⁸ “(...) a morte está por toda parte; um poder terrível, inconstrastável, fez por um momento que ele [o gaúcho] se concentrasse em si mesmo e sentisse o seu nada em meio daquela natureza irritada”. *Idem*, p. 87.

³⁰⁹ “E gritou muito furioso / - ‘Pois não queres confessar!’ / Deu-lhe uma volta no ar / Para aumentar-lhe a amargura, / À sua terna criatura / Aos seus pés foi degolar. // (...) Esses horrores tremendos / Não os inventa um cristão. / - ‘O gentio sem compaixão - / Disse [ela] em pungente martírio - / Logo me amarrou as mãos com as tripas do meu filho”. HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 116.

³¹⁰ SARMIENTO, D F. *Op. Cit.* P. 231.

Assim, mesmo que não existisse uma defesa direta dos massacres indígenas realizados pelos governos, encontramos passagens com referências explícitas, e nada críticas, ao avanço civilizacional causado pelos embates com os nativos. Em defesa da revolucionária cidade de Buenos Aires, Sarmiento relata a antiga luta dos tempos coloniais contra os indígenas, valorizando os constantes avanços de uma cidade que se entregou a obra de constituir a República Argentina.³¹¹ O que também pode ser percebido em Hernández, que conta sutilmente a incursão final contra os indígenas realizada pelo General Roca na Conquista do Deserto, fato histórico datado do mesmo ano de publicação da segunda parte de *Martin Fierro*:

Estas coisas e outras piores / Tenho visto a muitos anos; / Porém se hoje não me engano / Cessou tão triste abordagem, / E estes bárbaros selvagens / Não podem causar mais dano. // As tribos estão desfeitas; / Os caciques mais altivos / Estão mortos ou cativos / Sem a menor esperança, / E do entrevero e da lança / Muitos poucos ficam vivos.³¹²

Para que os autores pudessem apresentar certo contentamento na morte de um inimigo natural, uma das posturas era enfatizar o caráter irracional do indígena, fosse no relato de Sarmiento sobre a incapacidade que os indígenas teriam de aprender,³¹³ ou na descrição de Hernández sobre a ausência da faculdade de rirem, por ser esta uma atitude eminentemente cristã.³¹⁴

Outra falta de racionalidade por parte dos indígenas seria apontada na ociosidade em que eles viviam nos pampas, que os condenava à inércia primitivista pela falta de trabalho no solo. Embora essa característica fosse atribuída ao *gaucho* em *Facundo*, Sarmiento defende que ela seria uma herança do nativo, transmitida pelo esforço de mestiçagem realizada pela colonização:

³¹¹ *Idem*, p. 165-168. Trecho citado no Capítulo 1.

³¹² HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 102.

³¹³ “No dia em que atravessaram a cordilheira houve uma cena patética. Era preciso depor as armas; não havia forma de fazer os índios entenderem que havia países onde não era permitido andar com a lança na mão”. SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 233.

³¹⁴ “O índio nunca sorri / E querer isso é em vão, / Nem quando festeja a ação / De triunfantes correrias. / O riso nas alegrias / Pertence só ao cristão”. HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 99.

“Muito deve ter contribuído para produzir este resultado infeliz a incorporação de indígenas feita pela colonização. As raças americanas vivem na ociosidade e se mostram incapazes, mesmo pela coação, de se dedicarem a um trabalho duro e contínuo”³¹⁵.

“Mas o índio é dorminhoco / E tem um sono profundo; / É roncadador sem segundo, / Tem tal confiança na vida / Que ronca a pata estendida / Nem que venha abaixo o mundo”³¹⁶.

As balizas da literatura gauchesca foram praticamente ignoradas nos estudos concernentes às questões indígenas e, por isso, ela apresenta-se como um campo fecundo ainda a ser explorado. Embora seja relacionada imediata e aleatoriamente aos desígnios políticos de intelectuais citadinos que buscariam revelar através do uso da voz *gaucha* seus posicionamentos políticos, a gauchesca é um gênero literário sobrevivente dentre os argentinos por suas características populares na forma escrita, o que abre espaço a distintas leituras, significados e constructos históricos a partir de sua constatação, revelando nessa abertura dialógica os debates políticos conformadores do incipiente cenário público oitocentista.³¹⁷

Esse tipo de fonte possibilita repensar o desaparecimento do indígena tratado pela história argentina, pois, ainda que seja real seu desvanecimento histórico e inquestionável a pouca importância cultural que ele tem recebido na sociedade argentina, em cada obra do gênero podemos notar o elemento indígena caracterizado ao lado do *gaucho*, sendo este o protagonista por excelência. Essa observação leva a pensar a conduta da sociedade *criolla* em relação ao indígena mediante uma necessidade de os intelectuais-políticos de construir essa ausência do elemento nativo. Tal perspectiva convida a considerar os aspectos da sociedade *criolla* para além de sua atitude marcadamente política, estabelecendo um

³¹⁵ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 71-72.

³¹⁶ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 92.

³¹⁷ Consideramos o gênero gauchesco como “sobrevivente” por poder ser, ainda hoje, recuperada como um lugar recorrente de determinado tipo de debate que, embora tenha perdido grande parte de sua força argumentativa, uma vez que sua fórmula corresponde a uma necessidade de debate imposto pela sociedade oitocentista em constantes choques políticos e culturais, sua plasticidade serve como meios de denúncias sociais da vida da população. O gênero faz-se presente nas músicas de León Gieco e Atahualpa Yupanqui (sucessos respectivos com “Bandidos Rurales”, 2001, e “Coplas del payador perseguido”, 1972), nos quadrinhos de Roberto Fontanarrosa (“Inodoro Pereyra, el renegau”, 1972), no filme de Leonardo Favio (“Juan Moreira”, 1972), entre inúmeras outras manifestações culturais.

intenso diálogo entre as instituições sócio-políticas e o universo simbólico local que, juntos, envolveriam e formariam os quadros de funcionamento social do novo país.³¹⁸

Inserindo uma lógica de pensamento que designa a caracterização tanto do indígena quanto do *gaucho*, a literatura gauchesca possibilita suplantar uma recorrente tradição liberal argentina que muitas vezes identifica o discurso *criollo* como homogêneo ao longo do século XIX e, sobretudo, acaba por naturalizá-lo como símbolo nacional. O esforço de desconstrução indígena a favor do *gaucho* é parte do pensamento oitocentista, pretendendo frisar a existência de uma Argentina que sabia fazer-se, concretizar-se. Aceitar essa herança da ação *criolla* é não reconhecer os artífices desse debate.

Considero o indígena como parte da lógica de produção desses discursos, de forma a poder entrar nesse debate por caminhos menos enviesados de análise. Assim, se destacá-lo da conformação do pensamento nacional para estudá-lo implica reiterar uma ideia de manipulação cultural em prol de uma cultura homogênea e branca – conforme os questionamentos aqui apresentados –, proponho que observemos esses discursos sobre o indígena concomitante ao produzido sobre o *gaucho* na literatura gauchesca, porque ao considerá-los dentro de uma problemática maior, como as disputas simbólicas mediante uma necessidade de formação do pensamento nacional civilizado, o foco deslocar-se-ia de indígena *vitimado*, *derrotado* ou *incapacitado* para o de personagem no processo de construção político-cultural, mesmo que fosse através da sua negação.

Nesse sentido, a cultura historiográfica constituída na Argentina interpreta as obras clássicas de Sarmiento e Hernández a partir de continuidades, contraposições e diferenças na relação com o *gaucho* e com o indígena, tendo como finalidade a valorização do argumento que remete ao eixo identitário: o passado argentino como sendo o século XIX, ou seja, a formação da sociedade *criolla*. A flutuação da temática indígena nessa historiografia não permitiu a autonomia do nativo diante do projeto constitutivo da incipiente nação, o que foi expresso na linguagem literária e compôs um cabedal discursivo e impactante para as tradições culturais e para a política argentina.

³¹⁸ PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tela, tramas e textos*. São Paulo: Edusp, 2004, p. 22.

CONCLUSÃO

Os saberes, a literatura e a historiografia argentina

Si bien es cierto que ningún texto puede ser explicado como efecto de una causa histórica, todo texto puede ser interpretado como soporte de un efecto cultural.

Martín Prieto

Voltar aos textos clássicos de Domingo F. Sarmiento e José Hernández nessa pesquisa permitiu-me uma apreciação teórica bastante rica em relação à construção do discurso nacional argentino. Se, inicialmente, almejava encontrar vozes dissonantes nos complexos debates civilizacionais de um século XIX marcado pelos discursos pós-independentistas, deparei-me com os esforços de manutenção de tais discursos, por conta de uma cultura historiográfica que sustenta os pilares da identidade nacional na homogeneização desse passado recente *criollo*. As recorrentes e, por isso, forçadas leituras em torno de *Facundo* e *Martín Fierro*, que alinham as perspectivas de seus autores em prol de motivos políticos-culturais sintetizadores de uma vontade liberal e moderna, engessaram as temáticas e os debates desprendidos dessas obras, tornando-as referências das problemáticas argentinas que transbordariam o próprio século XIX.

Para fugir dessas leituras enraizadas numa cultura historiográfica paulatinamente construída, propus uma análise da narrativa literária gauchesca como suporte cultural de Sarmiento e Hernández, a partir do qual eles teriam buscado meios, e se curvado a eles, para o estabelecimento de seus argumentos. Assim como pude assinalar a existência de uma personagem pouco recuperada historicamente, o indígena argentino, o qual me ajudou a identificar as reverberações temáticas e propositivas da historiografia argentina. O indígena, tendo sua presença garantida como categoria discursiva do gênero gauchesco, pode ser

entendido como ente anulado em sua importância histórica devido aos ditames oitocentistas que desqualificavam sua cultura a fim de gerar certa autonomia político-cultural em relação aos demais países latino-americanos. E essa reverência à sociedade *criolla* marca, ainda, os estudos sobre as sociedades indígenas e revela um esforço de corresponder à herança do século XIX, aproximando deliberadamente obras como *Facundo* e *Martín Fierro*, sem apreciar suas contendas específicas.

Analisando os propósitos que teriam levado Sarmiento a consolidar sua obra *Facundo: civilização e barbárie*, nota-se que a narrativa literária empregada pelo autor no ensaio corresponde a uma demanda do gênero gauchesco, tendo por meio deste uma proposta de inserção no espaço político que essa literatura oferecia no século XIX. A narrativa política teria em Sarmiento maior espaço do que o debate estético que seria apregoado por Hernández três décadas mais tarde, pois, nos anos 1840, a pauta central dos debates intelectuais evidenciava o constructo dos projetos civilizacionais, como é possível notar, por exemplo, nos autores relacionados ao Salão Literário. Assim, seria a força do debate político que nos possibilita a leitura de *Facundo* sob os mais diversos gêneros discursivos: biografia, autobiografia, literatura, propaganda, ensaio, entre outros, uma vez que o jogo político define a evocação do conteúdo gauchesco, ainda que seja para interferir no desenvolvimento do ambiente campesino consagradamente *gaucho*.

Na primeira metade do século XIX existem, também, ameaças e incertezas sobre o governo rosista, conduzindo os motivos da elite intelectual a pensar a governabilidade do país. A problemática da soberania fazia-se presente e o *caudillismo* passava a ser uma postura política importante a ser definida. O emprego das referências europeias com bases literárias e filosóficas por parte de Sarmiento, perceptível no discurso romântico e iluminista evocado em *Facundo*, revela uma vontade de aproximação com o progresso do outro continente, definindo os parâmetros necessários da ação política. O uso das letras poderia até sugerir certa dimensão funcional nessa obra, mas prontamente a ultrapassa por conta da propulsão simbólica criada nos diálogos internos da literatura gauchesca.

Exatos 27 anos separam a publicação de *Facundo* da primeira vez que o público apreciou o poema *Martín Fierro*, mas o lugar da discussão do “nacional” apresentava-se significativamente transformado. A busca de Hernández pela narrativa literária gauchesca revelava as problemáticas estéticas do seu período de escrita, sendo que a política liberal, estabelecida como baliza política do governo argentino no período, oferecia um intenso debate em torno do “dizer” nacional. As preocupações sarmientinas sobre a governança já não existiam sob a roupagem da modernidade ou da civilidade; a rixa política entre Buenos Aires e interior revelava um debate mais pautado nas questões identitárias, resgatando o *gaucho* como símbolo nacional dentro de uma proposta de crítica social. Portanto, definir esse país instaurado em meio a disputas políticas seria o novo mote da gauchesca nos anos 1870: desbravar as disputas culturais mediante uma nação que já reconhece sua força política.

O inimigo não era mais Rosas, pois não existia um tirano a ser decapitado. Se havia um monstro a ser domado, ele se chamava “cultura argentina”. O próprio *caudillismo* assumia transformações no sentido político cunhado por Sarmiento, evidenciando disputas entre a cidade e o campo na crítica à preponderância da sabedoria letrada sobre o homem rural.

A partir desses propósitos de um ou outro autor, é possível perceber que o século XIX não relaciona diretamente Hernández e Sarmiento, pois revelam contextos muito distintos que evidenciam debates singulares em torno das expectativas sobre a civilização. Tal constatação pode parecer uma obviedade historiográfica, mas ela foi muitas vezes ignorada pelo exercício de conexão entre as obras fundacionais, assim consideradas posteriormente. Dessa forma, frisar tal heterogeneidade narrativa é reconfigurar o debate, abrindo uma fissura na seleção discursiva da cultura histórica argentina.

Interessante notar que Sarmiento e Hernández, apesar de serem agrupados aleatoriamente no rol de autores clássicos e canônicos, recebem diferentes tratamentos no manejo historiográfico do século XX e XXI. O primeiro, consagrado como exímio homem público e criador da moderna narrativa política argentina, tem sua importância constantemente

atualizada na referência aos jovens atores políticos.³¹⁹ Rememorado como “pai da educação” ou como autor do livro inaugural da projeção civilizacional argentina, toda perspectiva política parece orbitar as análises de Sarmiento, uma vez que *Facundo* é apreciado como um documento político que reflète a postura de vida do seu autor, tendo nisso, inclusive, o reconhecimento de sua qualidade estética:

Se puede, por supuesto, empezar con el *Facundo*. Un gran libro, un libro que tiene la estructura de un espejismo. Sarmiento pone en el desierto las imágenes de lo que quiere ver: ciudades europeas, caravanas, hordas beduinas, masas en fusión, la sombra de Macbeth. Construye una interpretación que dura hasta hoy, podríamos llamarla la mirada extralocal (Borges tiene mucho de eso): lo real es falso, hay que construir una copia verdadera. Lo notable es que ese libro ha logrado imponer esa duplicación como construcción histórica. En lo real todo parece estar desdoblado, el juego de oposiciones prolifera; en ese sentido *Facundo* es como un virus: todos los que lo leen empiezan a ver civilizados y bárbaros. (...) Quiero decir: la forma de *Facundo* me hace pensar en “la máquina polifacética” de Roberto Arlt. El *Facundo* es una máquina polifacética: tiene circuitos, cables, funciones variadísimas, está llena de engranajes que conectan redes eléctricas, trabaja con todos los materiales y todos los géneros. En ese sentido funda una tradición.³²⁰

Ao contrário de Sarmiento, Hernández ficou reconhecido como autor do único livro literário que produziu, apesar de também ter assumido uma vida pública como deputado e senador. Alguns debates historiográficos, como, por exemplo, os dirigidos por Gaspar Pío del Corro e Fermín Chávez entre as décadas de 1940 e 1970,³²¹ chegaram a afirmar a ausência de informações biográficas sobre o autor de *Martín Fierro*. No entanto, desde a publicação da segunda parte do poema em 1879, o poema conheceu inúmeras edições,

³¹⁹ Lembro aqui um episódio recente do cenário político na Argentina, em que a presidente Cristina Kirchner recomendou, durante fala oficial, um novo livro sobre Domingo F. Sarmiento, da autoria de Diego Velenzuela e Mercedes Sanguinetti (*Sarmiento periodista. El caudillo de la pluma*. Buenos Aires: Sudamericana, 2012), apontado a excepcionalidade da personagem evocada. Fato curioso também foi o do famoso “Himno a Sarmiento”, escrito em 1904 por Leopoldo Corretjer, como um dos momentos mais esperados pelo público nas comemorações do Bicentário em Buenos Aires, sendo ele interpretado ao som da cumbia de Pablo Lescano, conforme nos apresenta Beatriz Sarlo em: SARLO, B. “Sarmiento en el siglo XX”. In: JITRIK, Noé. *Historia Crítica de la literatura argentina. Sarmiento*. Buenos Aires: Emecé, 2012, p. 391.

³²⁰ PIGLIA, Ricardo. “Una trama de relatos”. *Crítica y ficción*. Barcelona: Anagrama, 2001, p. 39.

³²¹ CHÁVEZ, Fermín. *José Hernández: Periodista, político y poeta*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1949; DEL CORRO, Gaspar Pío. *Facundo y Fierro: la proscripción de los héroes*. Buenos Aires: Ediciones Castañeda, 1977. No entanto, Tulio Halperín Donghi comporia um livro, já na década de 1980, para reaver esse lugar dado a Hernández, na publicação de *José Hernández y sus mundos* (1985).

tornando-o, por exemplo, a obra mais ilustrada da Argentina, perpetuando a preocupação estética que ela evocaria:

Saber ilustrar implica tener conciencia cualitativa del contenido de la obra que se va a ilustrar. Es decir, para responder a las partes del poema Martín Fierro tuvo que tener conocimiento de la lengua del poema y de las experiencias humanas que trata. También tuvo el ilustrador que encararse con los problemas de interpretación y de juicio, y tuvo que pronosticar lo que él podría representar visualmente con el mérito artístico con que fue escrito el poema. Lo que dibuje será el resultado de su selección, de su enfoque y de su técnica. Y las ilustraciones serán su crítica por apreciación del poema.³²²

Aliás, uma das questões que forjam a aproximação entre *Facundo* e *Martín Fierro* estaria no próprio ato de pensar a herança das ilustrações da obra hernandiana a partir da representação de tipos rurais fundadas num olhar orientalista do século XIX que bebia de fontes literárias, sobretudo no texto escrito por Sarmiento e outros autores da literatura gauchesca.³²³ Não nego, com isso, a importância de tal correlação,³²⁴ mas proponho desarticular o poema de possíveis ares atemporais a que tal contenda artística possa reduzi-lo.

Considerar *Facundo* como obra política e *Martín Fierro* como obra de arte é uma forma de refletir sobre a permanência desses clássicos como referências fundamentais na forjada memória nacional argentina. Isso significaria, portanto, aceitar que Sarmiento é mais importante do que Hernández, por conta da supervalorização do espaço político na história do país? Essa é uma questão bastante controversa e repleta de anacronismos, mas talvez nos indique algo sobre a narratividade dessas obras. Para Douglas Attila Marcelino, é

³²² NELKEN, Zoila E. “Las ilustraciones del ‘Martín Fierro’ como crítica literaria. *Hispania*, Vol. 53, nº 01, março 1970, pp. 98-102.

³²³ AMIGO, Roberto. “Beduinos en la Pampa. Apuntes sobre la imagen del gaucho y el orientalismo de los pintores franceses”. En publicación: *Historia y Sociedad*. no. 13. Universidad Nacional de Colombia, Facultad de Ciencias Humanas y Económicas. Medellín. 2007.

³²⁴ Ver: MINELLI, Ivía; PEREIRA, Priscila. “El gaucho tiene quien lo dibuje. Estudio da imagem *gaucha* e de suas reapropriações a partir das edições ilustradas do *Martín Fierro*”. Artigo apresentado no seminário AHILA, 2012 (Córdoba) e aceito para publicação no livro eletrônico da mesma entidade, ainda em processo de elaboração.

possível refletir sobre as especificidades da narrativa histórica sem perder-se nos debates das tradições filosóficas hermenêuticas, embora “(...) ainda faltem concepções mais propositivas nesse plano, sempre com maior risco de promover um tratamento a-histórico, mas que podem ser relevantes se resguardada a consciência de que serão necessários uma constante reatualização e um controle intersubjetivo sobre a ambição de formular regras gerais que ultrapassem o plano das diretrizes”.³²⁵

Assim, apostar na narrativa se torna a preservação da clareza e da simplicidade da existência de um trânsito franco entre historiografia e contexto histórico, o que nos oferece a complexidade do estudo sobre a construção do discurso da nação. O paradoxo que se apresenta nessa observação, simplicidade e complexidade, pode ser apreendido na obra de Elias J. Palti, *La nación como problema: los historiadores y la “cuestión nacional”*, que apresenta de forma sistemática a possibilidade de transformação dos usos conceituais sobre “nação” e “nacionalidade” segundo o momento a que se referem. Perpassando pelas especificidades da história europeia, o autor aponta a historicidade como chave para estabelecermos os pontos de inversão das nossas correntes historiográficas e seus questionamentos.³²⁶

O diálogo central estabelecido por Palti seria em relação a uma historiografia crítica do século XX que acabou por enraizar no conceito de “nação” certa naturalidade histórica, embora a proposta de análise se desse num caminho diverso. Identificada por Palti como corrente “antigenealógica”, sua problemática condutora pontuar-se-ia nas discussões sobre a origem das nações que remontariam ao pensamento ilustrado e romântico, definidores da emergência de um Estado segundo a prefiguração de vestígios nacionalistas. No entanto, estabelecer os ditames desse debate entre nacionalistas e antinacionalistas não é o objetivo do livro que, que tem a preocupação maior de pensar os processos históricos e os dispositivos argumentativos que os sustentam, apresentando nas transformações de um

³²⁵ MARCELINO, Douglas Attila. “A narrativa histórica entre a vida e o texto: apontamentos sobre um amplo debate”. *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012, p. 146.

³²⁶ PALTÍ, Elias. *La nación como problema: los historiadores y la “cuestión nacional”*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

conceito, cuja origem seria marcada por uma postura biológica e que ao longo do tempo alcançaria delimitações subjetivas – uma postura historiográfica própria do século XXI. Ou seja: ao demarcar as fissuras desse debate proposto pelo século XX, pensando rupturas e continuidades nele estabelecidos, Palti realiza uma exegese historiográfica do seu presente, definindo na perpetuação dos estudos sobre “nação” uma condição histórica imposta ao Ocidente, ainda que fortemente mutante.

Entre Sarmiento, Hernández e a historiografia argentina, considero um elo narrativo deflagrador do discurso nacional constituído a partir das disputas dos saberes, afinal

(...) o que é ou pode ser uma história nacional? Por algum tempo os historiadores acharam que estavam livres desse problema, a não ser que escrevessem manuais escolares e a despeito do fato de que muito de sua pesquisa fosse realizada naturalmente em um enquadramento nacional. Mas a nação parece de novo um fato inevitável e uma questão insistente, ou mesmo sangrenta. Como escreveríamos história nacional, sem reativar os padrões da historiografia do século XIX, ou seja, com a estreita associação de progresso e nação (a nação como progresso e a história como progresso da nação), ou sem apresentar a nação como um paraíso perdido? É aqui que seria especialmente útil ser capaz de reabrir o passado, e olhá-lo como um conjunto de passados que foram uma vez futuro possível e mostrar como a via do Estado nacional, com sua historiografia nacional ou nacionalista, geralmente foi a vencedora.³²⁷

Assim, a construção da identidade argentina pode ser pensada na performance narrativa, por meio dos mais diversos meandros políticos e estéticos que ela possa revelar. Os embates da linguagem, pela linguagem é um lugar ainda pouco explorado pelos historiadores, mas que pode ajudar a superar um debate historiográfico metodológico que, no caso argentino, resgata ontologias e reitera as premissas identitárias do século XIX.

³²⁷ HARTOG, François. “Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo”. Revista de História, São Paulo, n° 148, Jul/2003, p. 34.

BIBLIOGRAFIA

Fonte:

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilização e barbárie*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

Fonte Bibliográfica:

AMBRANSON, Pierre-Luc. *Las utopias sociales en América Latina en el siglo XIX*. México: FCE, 1999.

ANSOLABEHERE, Pablo. “Martín Fierro: frontera y relato”. In: *Fronteras Escritas: límites, desvíos y pasajes en la literatura argentina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2008.

ARENDT, Hannah. *A dignidade da política*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

BATTICUOERE, Graciela; KLAUS, Gallo; MYERS, Jorge. *Resonancias românticas: ensayos sobre historia de la cultura (1820-1890)*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.

BATTICUORE, Graciela; EL JABER, Loreley; LAERA, Alejandra. *Fronteras Escritas: límites, desvíos y pasajes en la literatura argentina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2008.

BECCO, Horacio Jorge. *Trayectoria de la poesía gauchesca*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1977.

BECHIS, M. “La ‘organización nacional’ y las tribus pampeanas en argentina durante el siglo XIX”. *Boletín Tefros*, vol.4 nº 2, 2004.

- BECHIS, Marta. “La teoría de juegos-drama en la etnohistoria”. *Boletín Tefros*, vol.3 nº 1, 2005.
- BOCCO, Andrea. *Literatura e periodismo:1830-1861*. Córdoba: Universitas, 2004.
- BORELLO, Rodolfo A. *Poesía gauchesca, una perspectiva diferente*. Mendoza: EDIUNC, 2000.
- BORGES, Jorge Luis. “A poesia gauchesca”. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999.
- BORGES, Jorge Luis. “O escritor argentino e a tradição”. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 2000.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CAMPRA, Rosalba. “En busca del gaucho perdido”. *Revista de Crítica Literaria Argentina*, nº60, 2004.
- CAMPRA, Rosalba. “Mitificación y distancia en la poesía gauchesca”. In: *América: Cahiers du CRICCAL (Le gaucho dans la littérature argentine)*. Presses de la Sorbonne Nouvelle, nº 11, 1992.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. “O personagem na história. Perón e Eva: produtos da sociedade argentina”. In: BRESCIANI, Maria Stella; SAMARA, Eni de Mesquita; LEWKOWICZ, Ida. *Jogos da política: imagens, representações e práticas*. São Paulo, SP: ANPUH: Marco Zero,1992.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFGRS, 2002.
- CHÁVEZ, Fermín. *José Hernández: Periodista, político y poeta*. Buenos Aires: Ed. Culturales Argentinas, 1949.
- CHIARAMONTE, José Carlos. *Ciudades, provincias, estados: orígenes de la nación argentina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

- DE CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- DEL CORRO, Gaspar Pío. *Facundo y Fierro: la proscripción de los héroes*. Buenos Aires: Ed. Castañeda, 1977.
- FLORIA, Carlos Alberto; BELSUNCE, Antonio García. *Historia política de la Argentina contemporánea (1880-1983)*. Madrid: Alianza Editorial, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
- FREITAS NETO, José Alves. “A formação da nação e o vazio na narrativa argentina: ficção e civilização no século XIX”. *Revista Esboços*, n° 20, v. 15, 2008.
- FUENTE, Ariel de la. *Los hijos de Facundo: caudillos y montoneras en la provincia de La Rioja durante el proceso de formación del estado nacional argentino (1853-1870)*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- GÁRATE, M. V. “Facundo e Os sertões: em torno à problemática da recepção”. *Revista de Letras*, Vol. 37/38 (1997/1998).
- GARIANO, Carmelo. “Elementos humorísticos en el ‘Martin Fierro’”. *Revista Hispania*. Vol. 51, n° 1, Mar/1968.
- GARRELS, Elizabeth. “El *Facundo* como folletín”. In: *Revista Iberoamericana*, vol. LIV, n° 143, 1988.
- GOLDMAN, Noemí. “Legalidad y legitimidad en el caudillismo: Juan Facundo Quiroga y La Rioja en el interior rioplatense (1810 – 1835)”. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”*, n° 7, 1° semestre, 1993.
- GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (coord.). *Caudillismos rioplatenses. Nuevas miradas a un viejo problema*. Buenos Aires: Eudeba, 2005.
- GOLDMAN, Noemí; TERNAVASIO, Marcela. “Construir la república: semántica y dilemas de la soberanía popular en Argentina durante el siglo XIX”. *Revista de Sociología e Política*, v. 20, n° 42, Curitiba, Jun. 2012.

GOODRICH, Diana S. “Facundo y los riesgos de la ficción”. *Revista Iberoamericana*. Vol. LIV, n° 143, Abril-Junio 1988.

GUERRA, François-Xavier. *Modernidad e independencias: ensayos sobre las revoluciones hispánicas*. México: FCE, 1993.

HALPERIN DONGHI, T. *De la Independencia a la Confederación Rosista*. Buenos Aires: Paidós, 1985.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

HALPERÍN DONGHI, Tulio. *José Hernández y sus mundos*. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.

HARTOG, François. “Tempo, história e a escrita da história: a ordem do tempo”. *Revista de História*, São Paulo, n°148, Jul/2003.

HEREDIA, Pablo; BOCCO, Andrea. *Ásperos Clamores: la literatura gauchesca desde Mayo hasta Caseros*. Córdoba: Alción Editora, 1996.

HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro - Edición crítica*. Lois, Élida; Nuñez, Ángel (coord.). Madrid: ALLCA XX, 2001.

HERRERO, Fabián. “*El grito de los pueblos, una iniciativa constitucional y liberal de los unitarios convertidos al federalismo: sobre el primer gobierno de Juan Manuel Rosas*”. In: *Actores, representaciones e imaginarios: homenaje a François-Xavier Guerra*. Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2007.

IGLESIA, Cristina. “Secretarios de la pampa. Apuntes sobre la figura del secretario letrado del caudillo *gaucho*”. In: *Fronteras escritas: límites, desvíos y pasajes en la literatura argentina*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2008.

JITRIK, Noé. “El Facundo: la gran riqueza en la pobreza”. In: SARMIENTO, F. Domingo. *Facundo*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977.

JITRIK, Noé. *Historia Crítica de la literatura argentina. La lucha de los Lenguajes*. Buenos Aires: Emecé, 2003.

JITRIK, Noé. *Historia Crítica de la literatura argentina. Sarmiento*. Buenos Aires: Emecé, 2012.

JITRIK, Noé. *Muerte y transfiguración de Facundo*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

LANTERI, Sol. “La frontera sur pampeana durante la época de Rosas. Entre el comportamiento de los agentes y la reconstrucción interdisciplinaria (Azul y Tapalqué, Buenos Aires, Argentina, primera mitad del siglo XIX)”. *Anais Anphlac*, 2006.

LOIS, Élida. “Como se escribió *Martín Fierro*”. In: JITRIK, Noé (coord.). *Historia crítica de la literatura argentina: la lucha de los lenguajes*. Buenos Aires: Emecé, 2003.

LOJO, María Rosa. *La barbarie en la narrativa argentina. Siglo XIX*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1994.

LUDMER, Josefina. “Oralidad y escritura en el género gauchesco como núcleo del nacionalismo”. *Revista de Crítica Literaria Latino-americana*. Vol. 7, n° 33 (1991).

LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Chapecó: Argos, 2002.

LUNA, Claudia. “O deserto e a selva: paisagem e configuração da alteridade no romantismo hispano-americano”. *Anais II Congresso Brasileiro de Hispanistas*, Out/2002.

MANDRINI, Raúl; ORTELLI, Sara: “Una frontera permeable: los indígenas pampeanos y el mundo rioplatense en el siglo XVIII”. In: GUTIÉRREZ, H; NAXARA, M; LOPES, M. *Fronteiras, personagens, identidades*. São Paulo: Olho D’Água, 2003.

MARCELINO, Douglas Attila. “A narrativa histórica entre a vida e o texto: apontamentos sobre um amplo debate”. *Topoi*, v. 13, n. 25, jul./dez. 2012.

MAYER, R. F. *El país que se busca a sí mismo: historia social argentina*. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1970 (1ª edição de 1944).

MIGNOLO, Walter. “Lógica das diferenças e políticas das semelhanças: da literatura que parece história ou antropologia, e vice-versa”. In: CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio W. *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.

MINELLI, Ivía; PEREIRA, Priscila. “El gaucho tiene quien lo dibuje. Estudio da imagem *gaucha* e de suas reapropriações a partir das edições ilustradas do Martín Fierro”. Artigo apresentado no seminário AHILA, 2012 (Córdoba).

MONTALDO, Graciela. *Ficciones culturales y fábulas de identidades América Latina*. Argentina: Beatriz Viterbo Editora, 2004.

MONTEIRO, John M. *Tupis, tapuias e historiadores. Estudos de História Indígena e do Indigenismo*. Tese apresentada para o concurso de livre docência à área de Etnologia. Unicamp: Agosto, 2001.

NELKEN, Zoila E. “Las ilustraciones del ‘Martín Fierro’ como crítica literaria. *Hispania*, Vol. 53, nº 01, março 1970.

PALACIO, Juan Manuel. “Una deriva necesaria: notas sobre la historiografía argentina de las últimas décadas”. *Punto de Vista*. Diciembre / 2002, nº74.

PALTI, Elias. José. “Los poderes del horror: *Facundo* como epifórica”. In: *Revista Iberoamericana*, vol. LXX, nº 207, 2004.

PALTI, Elias José. *El momento romántico*. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

PALTI, Elias José. *El tiempo de la política*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

PALTI, Elias. *La nación como problema: los historiadores y la “cuestión nacional”*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006.

PIGLIA, Ricardo. *Crítica y ficción*. Barcelona: Editorial Anagrama, 2006.

POLAR, Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Belo Horizonte: Edirora UFMG, 2000.

PRADO, Maria Lígia Coelho. “Prefácio à edição brasileira”. In: SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilização e barbárie*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina no século XIX: tela, tramas e textos*. São Paulo: Edusp, 2004.

PRATT, Mary L. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusp, 1999.

PRIETO, Adolfo. “Las ciento y una: el escritor como mito político”. *Revista Iberoamericana*, nº143, 1988.

PRIETO, Martín. *Breve historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Tauru, 2006

QUIJADA, Mónica. “¿Qué nación? Dinámicas y dicotomías de la nación en el imaginario hispanoamericano”. In: GUERRA, François-Xavier (coord.). *Inventando la nación*. México: FCE, 2003.

QUIJADA, Mónica. “Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina, siglo XIX”. In: *Revista de Indias*, vol. LX, nº 219, 2000.

QUIJADA, Mónica. “De mitos nacionales, definiciones cívicas, y clasificaciones grupales. Los indígenas en la construcción nacional argentina, siglos XIX a XXI”. In: ANSALDI, Waldo (coord.). *Calidoscopio latinoamericano: imágenes históricas para un debate vigente*. Buenos Aires: Ariel, 2004

RAMA, Ángel. *Los gauchopolíticos rioplatenses*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI, 1985.

RAMA, Ángel. “Prólogo: el sistema literario de la poesía gauchesca”. In: *Poesía gauchesca*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977.

- REST, Jaime. "Panorama del ensayo". In: *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1988.
- RODRIGUEZ, Fermín. "Sarmiento en el desierto: excesos de vida, instinto de muerte". *Revista Iberoamericana*, vol. LXVIII, n° 201, 2002.
- ROMANO, Eduardo. "Originalidad americana de la poesía gauchesca: su vinculación con los caudillos federales rioplatenses". In: PIZARRO, Ana. *América Latina: palavra, literatura e cultura – Emancipação do discurso (vol. 3)*. Campinas: Unicamp, 1994.
- ROMANO, Eduardo. *Sobre poesía popular argentina*. Buenos Aires: CEAL, 1983.
- ROMERO, José Luis. *América Latina: a cidade e as idéias*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- SABATO, Hilda. "La historia en fragmentos: fragmentos para una historia". *Punto de Vista*. Agosto/2001, n° 70.
- SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SARLO, Beatriz. "Razones de la aflicción y el desorden en 'Martín Fierro'". *Punto de Vista*. Nov. 1979.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 2005.
- SCHULIAQUER, Ivan. "Historia de una pasión argentina". *Revista Ñ / Clarín*, 16/12/2011.
- SCHWARTZMAN, Julio. "El gaucho letrado". In: *Martín Fierro - Edición crítica*. Lois, Élica; Nuñez, Ángel (coord.). Madrid: ALLCA XX, 2001.
- SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- SVAMPA, Maristella. *El dilema argentino: civilización y barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006.

TARRAGÓ, Myrian (coord.). *Nueva historia argentina. Los pueblos originarios y la conquista*. Buenos Aires: Ed. Sudamericana, 2000.

TRILLO, Mauricio Tenorio. *Argucias de la historia. Siglo XIX, cultura y "América Latina"*. México: Paidós, 1999.

TRIMBOLI, Javier; HORA, Roy. *Pensar la Argentina*. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1994.

VERDEVOYE, Paul. "La identidad Nacional y el Martín Fierro". In: HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro – edición crítica*. LOIS, Élida; NUÑEZ, Ángel (coord.). Barcelona: SPICIONE, 2001.

VIÑAS, David. *Indios, ejército y fronteras*. Buenos Aires: Siglo XXI Ed., 1982.

WEIMBERG, Félix. *El Salón literario de 1837*. Buenos Aires: Hachette, 1977.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso*. São Paulo: Edusp, 1994.

ZEA, Leopoldo. "Liminar. *Martín Fierro*". In: HERNÁNDEZ, J. *Martín Fierro. Edición Crítica*. Lois, Élida; Nuñez, Ángel (coord.). Madrid: ALLCA XX, 2001.